

VALDECÍ DOS SANTOS

MEMORIAL DESCRITIVO

MEMÓRIAS DA CAMINHADA EPISTEMOLÓGICA ACADÊMICO-
PROFISSIONAL NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL
COMO PROFESSORA-BIÓLOGA

Como citar o memorial:

SANTOS, Valdecí dos. Memorial descritivo. Memórias da caminhada epistemológica acadêmico-profissional na constituição da identidade profissional como professora-bióloga. 2009. 135 f. Memorial apresentado à Universidade do Estado da Bahia como pré-requisito do processo de avaliação docente para progressão na carreira, da Classe de Professor Assistente para a Classe de Professor Adjunto. Alagoinhas, 2009. In: **Revista metáfora educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 5., 2007. 135 p. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.php>>. Acesso em: **DIA mês ANO.**

Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.

Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino
sino estelas en la mar.

(Antonio Machado)

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, *Lourival Pereira dos Santos* (Seu Fulô) (*In memoriam*) e minha mãe *Maria Sebastiana dos Santos* (Dona. Nita), por terem construído um Núcleo Familiar ancorado no Princípio de Autonomia, tornando-nos dependentes de múltiplas possibilidades para um trânsito significativo no Existir.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - OS MATIZES DAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS	14
1.1 PROJETO DE PESQUISA (INICIAÇÃO CIENTÍFICA) - A ESCOLA BÁSICA EM FEIRA DE SANTANA 1950-1980	14
1.2 PROJETO DE PESQUISA (INICIAÇÃO CIENTÍFICA) - ESTUDO DOS ANIMAIS PEÇONHENTOS DA BAHIA 15	
1.3 ESTÁGIOS EM INSTITUIÇÕES DE PESQUISA.....	16
1.4 FORMAÇÃO COMPLEMENTAR.....	17
1.5 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS	22
1.6 CONSULTORIA PEDAGÓGICA NA ÁREA DE ENSINO DE CIÊNCIAS (ENSINO FUNDAMENTAL)	28
1.7 PALESTRAS PROFERIDAS	28
1.8 PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE COMISSÕES JULGADORAS E EMISSÃO DE PARECERES	30
1.9 ELABORAÇÃO E EXECUÇÃO DE PROJETOS DE EXTENSÃO	31
1.10 ELABORAÇÃO E EXECUÇÃO DE MINI-CURSOS.....	31
1.11 ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS.....	32
1.12 A EDIÇÃO DA REVISTA METÁFORA EDUCACIONAL (ISSN 1809-2705) - VERSÃO ON-LINE	32
1.13 A IMPLANTAÇÃO DO SITE HTTP://WWW.VALDECI.BIO.BR	34
1.14 APROVAÇÃO EM CONCURSOS E/OU SELEÇÕES PÚBLICAS	34
1.15 FILIAÇÃO EM SOCIEDADES CIENTÍFICAS.....	35
CAPÍTULO 2 – A TESSITURA EPISTEMOLÓGICA ENSINO-PESQUISA IMPLICADA NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL.....	36
2.1 A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	36
2.1.1 <i>Cenário 1 – A primeira experiência docente</i>	37
2.1.2 <i>Cenário 2 – A docência no Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) e no 2º Grau/Ensino Médio.</i>	38
2.1.3 <i>Cenário 3 – A docência na Educação Infantil (Pré-Escola) e no Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries). O projeto de pesquisa Etobiologia na Escola</i>	44
2.2 A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR	45
2.2.1 <i>Projeto de Pesquisa (Especialização em Educação)</i>	46
2.2.2 <i>Projeto de implantação do Núcleo de Investigação de Prática de Ensino</i>	48
2.2.3 <i>Projeto de Pesquisa (Mestrado em Educação)</i>	49
2.2.4 <i>Projeto de pesquisa Saúde, Cultura e Ciência</i>	53
2.2.5 <i>Projeto de pesquisa (Doutorado em Educação)</i>	55
2.2.6 <i>Projeto de pesquisa Memória do Ensino de Biologia</i>	58
2.2.7 <i>Projeto Trajetórias e tramas subjetivas</i>	67
2.2.8 <i>Projeto Bate-Papo Pedagógico</i>	67
CAPÍTULO 3 – A TESSITURA DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA	68
3.1 PRODUÇÃO 2008.....	68
SANTOS, Valdecí dos. <i>O discurso formativo do biólogo sobre a morte. Matizes e metáforas do saber que o sujeito não deseja saber.</i>	68
SANTOS, Valdecí dos. <i>O silêncio ruidoso sobre a morte nas experiências formativas na área da saúde. Contribuições para a construção da teia epistêmica de um objeto de estudo.</i>	69
SANTOS, Valdecí dos. <i>A morte, um saber que o sujeito não deseja saber: os mecanismos objetivos-subjetivos, fundamentados pelo não-dito da morte, utilizados pelo biólogo, para lidar com o duplo vida-morte.</i>	70
4.2 PRODUÇÃO 2007.....	71
SANTOS, Valdecí dos. <i>O olhar do outro na constituição da auto-imagem profissional: na trilha da profissionalidade.</i>	71
SANTOS, Valdecí dos. <i>O duplo memória-esquecimento na lembrança da primeira experiência profissional como professora</i>	72
SANTOS, Valdecí dos. <i>Etoterapêutica, sistemas de crenças e memória cultural: o olhar multirreferencial da etobiologia e dos estudos culturais.</i>	73

SANTOS, Valdecí dos. <i>Uma morte anunciada e iminente: a implicação do pesquisador com o objeto de estudo.</i>	74
SANTOS, Valdecí dos. <i>Etnobiologia, etnomatemática e etnometodologia: interfaces teóricas de etnométodos.</i>	75
4.3 PRODUÇÃO 2006.....	75
SANTOS, Valdecí dos. <i>Reflexões sobre o currículo de formação de professores de escolas famílias agrícolas.</i>	75
SANTOS, Valdecí dos. <i>Por uma identidade profissional como professora-bióloga.</i>	76
SANTOS, Valdecí dos. <i>A concepção do biólogo sobre a finitude da vida do Homo sapiens sapiens: a interface ciência-subjetividade.</i>	77
SANTOS, Valdecí dos. <i>O movimento de construção/(des)construção/(re)construção de um objeto de estudo.</i>	78
SANTOS, Valdecí dos; SILVA, Rosália de Fátima e. <i>O duplo vida-morte no currículo de formação do biólogo.</i>	79
SANTOS, Valdecí dos; SILVA, Rosália de Fátima. <i>A concepção do biólogo sobre a morte: tramas subjetivas e formação científica.</i>	79
4.4 PRODUÇÃO 2005.....	80
SANTOS, Valdecí dos. <i>Experiências metodológicas na formação de professores de biologia.</i>	80
SANTOS, Valdecí dos. <i>Da relação com o saber.</i>	80
SANTOS, Valdecí dos. <i>Projetos de pesquisa em educação: um olhar sobre a formação do professor de Biologia.</i>	81
SANTOS, Valdecí dos. <i>A concepção do biólogo sobre a morte.</i>	81
SANTOS, Valdecí dos. <i>A concepção do biólogo sobre a morte: tramas subjetivas e formação científica.</i>	81
SANTOS, Valdecí dos. <i>O desejo em escolas famílias agrícolas.</i>	82
SANTOS, Valdecí dos. <i>A concepção do biólogo sobre a finitude da vida.</i>	82
SANTOS, Valdecí dos; ALMEIDA, M. C. <i>A concepção do biólogo sobre a morte.</i>	83
4.5 PRODUÇÃO 2004.....	84
SANTOS, Valdecí dos. <i>A etnometodologia, a etnobiologia e a etnomatemática: aportes teóricos de pesquisas referendadas em etnométodos.</i>	84
SANTOS, Valdecí dos. <i>Etnoconhecimentos biológicos na visão de alunos do ensino médio: etnoterapêutica.</i>	84
SANTOS, Valdecí dos. <i>O perfil acadêmico do licenciando em Biologia na etapa conclusiva do curso: um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia (Etapa I).</i>	85
SANTOS, Valdecí dos. <i>A interface ciência/subjetividade na formação do/da professor/professora de biologia: uma leitura do discurso docente sobre origem da vida e morte via os estudos culturais.</i> 85	
SANTOS, Valdecí dos. <i>A morte como objeto de reflexão da formação de biólogos: uma leitura do discurso do sujeito sobre a finitude do Homo sapiens sapiens via os estudos culturais.</i>	102
4.6 PRODUÇÃO 2003.....	102
SANTOS, Valdecí dos. <i>O papel dos sistemas de crenças na constituição do professor de Biologia no ensino médio: auxílio ou empecilho?</i>	102
SANTOS, Valdecí dos. <i>Seres vivos: conteúdos científicos que dizem da formação de professores e do cotidiano escolar no ensino fundamental.</i>	103
SANTOS, Valdecí dos. <i>Memorial. Movimento: referencial que diz da constituição da identidade da professora.</i>	104
4.7 PRODUÇÃO 2002.....	104
SANTOS, Valdecí dos; MRECH, L. M. <i>Sistemas de crenças: referenciais que dizem da necessidade da instauração da escuta no ensino de Biologia.</i>	104
4.8 PRODUÇÃO 2001.....	104
SANTOS, Valdecí dos; MARQUES, J. G. W. <i>Leitura fenomenológica de uma interação homem/animal em uma feira nordestina (Feira de Santana - BA).</i>	104
4.9 PRODUÇÃO 2000.....	105
SANTOS, Valdecí dos. <i>Dialogando sobre os seres vivos no ensino fundamental.</i>	105
4.10 PRODUÇÃO 1999.....	105
SANTOS, Valdecí dos. <i>O licenciado em ciências biológicas e a etnobiologia: um olhar fenomenológico.</i>	105
SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos; SANTOS, Livia Daniela dos. <i>Plantas medicinais e orientação etnoterapêutica de indivíduos da terceira idade: uma contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença.</i>	105

<i>SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos; SANTOS, Livia Daniela dos. Conhecimento etnobiológico das plantas medicinais na escola: uma relação no processo ensino-aprendizagem/doença/cultura. I. Doença/Planta.</i>	<i>105</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos, SANTOS, Selma dos, SANTOS, Livia Daniela dos. Plantas medicinais e orientação etnoterapêutica de indivíduos da terceira idade: uma contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença.....</i>	<i>105</i>
4.11 PRODUÇÃO 1998.....	106
<i>SANTOS, Valdecí dos. O licenciado em ciências biológicas e a etnobiologia: um olhar fenomenológico.....</i>	<i>106</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos; MARQUES, J. G. W. Análise fenomenológica de um caso de interação homem/animal em uma feira nordestina (Feira de Santana - BA).</i>	<i>114</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos. Conhecimento etnobiológico das plantas medicinais na escola: uma relação no processo ensino-aprendizagem/doença/cultura.....</i>	<i>115</i>
4.12 PRODUÇÃO 1997.....	115
<i>SANTOS, Valdecí dos. A classificação dos seres vivos na concepção de professores das séries iniciais do município de Feira de Santana – BA.....</i>	<i>115</i>
4.13 PRODUÇÃO 1992.....	115
<i>SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento da escorpiofauna da Bahia.</i>	<i>115</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento da araneofauna da Bahia - 1. Resultados preliminares.....</i>	<i>116</i>
4.14 PRODUÇÃO 1991.....	117
<i>SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento da escorpiofauna da Bahia.</i>	<i>117</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento da araneofauna da Bahia - 1. Resultados preliminares.</i>	<i>117</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento das ordens Scorpiones e Araneae (Arthropoda, Arachnida) das microrregiões Feira de Santana e Recôncavo Baiano.</i>	<i>117</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos. Estudo da biologia de Latrodectus curacaviensis em cativeiro.</i>	<i>118</i>
4.15 PRODUÇÃO 1990.....	126
<i>SANTOS, Valdecí dos. Primeira contribuição ao inventário da fauna aracnológica do campus da Universidade Estadual de Feira de Santana.</i>	<i>126</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos. Estudo da biologia de Latrodectus curacaviensis.....</i>	<i>126</i>
4.16 PRODUÇÃO 1988.....	126
<i>SANTOS, Valdecí dos; PIRES, Eutides Maria Moraes; BARROS, Maria Lêda Ribeiro. A escola básica em Feira de Santana de 1950-1980.....</i>	<i>126</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos, PIRES, Eutides Maria Moraes, Barros, Maria Lêda Ribeiro. A escola básica em Feira de Santana de 1950-1980.</i>	<i>127</i>
<i>SANTOS, Valdecí dos, PIRES, Eutides Maria Moraes, Barros, Maria Lêda Ribeiro. A escola básica em Feira de Santana de 1950-1980.</i>	<i>127</i>
CONCLUSÃO	128
REFERÊNCIAS	129

RESUMO

Este memorial situa minha caminhada epistemológica relativa às experiências formativas acadêmico-profissionais implicadas na constituição da minha identidade profissional como professora-bióloga. Na *introdução*, localizo os conceitos importantes para compreensão da *escrita sobre si*: identidade profissional, método autobiográfico e formação; relembro o circuito do meu acesso à Educação Formal; e destaco minha formação. No *capítulo 1*, apresento os matizes das experiências formativas acadêmico-profissionais implicados no movimento de construção/(des)construção/(re)construção da identidade profissional como professora-bióloga, sendo eles: os projetos de pesquisa de iniciação científica, os estágios em instituições de pesquisa, a formação complementar, a participação em eventos acadêmico-científico, a consultoria pedagógica na área de Ensino de Ciências, as palestras proferidas, as participações em bancas de comissões julgadoras e emissão de pareceres, a elaboração e execução de projetos de extensão, a elaboração e execução de mini-cursos, a organização de eventos. No *capítulo 2*, apresento a tessitura epistemológica ensino-pesquisa, implicada na constituição da minha identidade profissional como professora-bióloga. É referência, a minha atuação docente, na Educação Básica, com o Ensino de Ciências e de Biologia; e na Educação Superior, como formadora de professores-biólogos. No *capítulo 3*, elenco minha produção bibliográfica. Na *conclusão*, reforço a importância das contribuições do memorial para as discussões sobre implicação estrutural-profissional na constituição da identidade profissional como professora-bióloga ao buscar legitimar um *lugar mestiço* de escuta e aprendizagem no Ensino de Ciências e de Biologia e como formadora de professores-biólogos.

Palavras-chave: Memória. (Auto)Biografia. Ensino de Ciências. Ensino de Biologia. Professora-Bióloga. Experiências Formativas. Educação Superior. Educação Básica. Pesquisa. Identidade Profissional.

INTRODUÇÃO

Todos fizemos e fazemos algo na vida, todos somos “alguém”, alguém que é quem é porque lembra de certas coisas e não de outras. Cada um de nós é quem é porque tem suas próprias memórias (ou fragmentos de memória).

(Ivan Izquierdo)

Iniciei minha Educação Formal em 1968, momento no qual, desejei ser *professora*. Esse desejo colocou-me em movimento, pois ser professora é vivenciar um circuito de interações de limites e possibilidades com o *Outro*. Pois, esse *Outro* que não é como eu, aquele que é diferente de mim constitui-se como um ser em movimento, demarcando sua importância enquanto *diferente singular* que evidencia um velado e um desvelado na construção bio-psico-sócio-cultural dos indivíduos.

Recordo-me do meu primeiro dia na escola. Minha chegada foi tensa e com muito choro. Sentia medo daquele ambiente estranho e, em especial, da Diretora da Escola Coriolano Carvalho, a professora Mariinha, que fora professora dos meus pais e os havia ofertado alguns traumas pedagógicos. Seus alunos, numa classe multisseriada, eram submetidos à pedagogia da palmatória acompanhada da *tríade de exclusão*: preconceito, estereótipo e estigma (DIAS, 2002). Meus pais ficaram na escola apenas um ano, onde aprenderam a ler e escrever.

Cresci, até aquele momento, escutando a minha mãe falar do terror vivenciado na escola, da violência física e psíquica submetida nos momentos da tabuada. Narrava a força com a qual os colegas mais velhos e mais adiantados batiam nas suas pequeninas e frágeis mãos, da pressão da professora, através da palmatória, para que ela escrevesse com a mão direita, negando sua condição de canhoto. De imediato, ela compreendeu e aceitou que seu lugar não era na escola. Carregando, assim, até hoje, o discurso da incompetência cognitiva.

Meu pai destacava a importância da escola e o entusiasmo de realizar juntamente com minha mãe seu projeto mais ambicioso – a educação dos filhos: *todos os filhos teriam diploma*. Sendo a primogênita, competia-me iniciar o acesso àquele *locus* de mobilidade cognitiva e social.

Construí uma imagem negativa da professora Mariinha, sobretudo, quando a vi, no primeiro dia de aula, carregando na mão direita uma palmatória, imediatamente, agarrei-me a minha mãe. Minha mãe pediu-me que parasse de chorar. Hoje, penso que aquele cenário foi terrível para minha mãe, pois, acredito que ela tenha sofrido com a possibilidade da reedição do seu circuito escolar em meu processo de aprendizagem. Naquele circuito angustiante, surgiu, saindo de uma sala de aula, uma mulher jovem, com um sorriso meigo e acolhedor. Ela encaminhou-se em nossa direção e estendendo as mãos para mim, disse para minha mãe “[...] Sou a professora da sua filha. Pode ir tranqüila que eu cuido dela”. Dirigindo-se para mim disse: “[...] Não tenha medo. Você vai aprender muitas novidades”. Senti confiança e desvencilhando-me da roupa da minha mãe, estendi minha mão sendo acolhida por *minha professora*.

Ao entrar na sala de aula já havia alguns colegas, fui apresentada e conduzida a uma mesa (Foto 1) de ambientação. Aquela mesa, definitivamente, foi o meu lugar favorito naquela sala de aula.



Foto 1: Jardim de Infância – 1968
Colégio Estadual Coriolano Carvalho – Feira de Santana - BA

Aquele dia foi marcante para minha história profissional. Estava diante de uma professora completamente diferente daquela dos meus pais. Ela era elegante na maneira de falar e de acolher o aluno. Achei aquele ambiente mágico, era um misto do desconhecido e dos cenários imaginários das histórias que meu pai costumava contar à noite, antes de colocar-nos para rezar. Eu desejei, ali, *ser professora*. E, mais, ser uma professora como aquela professora.

Todavia, o medo da escola não desaparecera. No segundo dia, meu pai levou-me para escola. Ainda, chorava. Lembro-me do seu diálogo-monólogo apresentando-me as vantagens da escola e de se estudar. É pontual o trecho no qual meu choro era intenso e

ele afirmou-me: “[...] Val, não chore. [...]. Você está indo para a escola para ser uma *Doutora*.”.

Por não lembrar do nome da minha primeira professora, iniciei uma *pesquisa de fonte oral*, para localizá-la. Na visita realizada ao Colégio Estadual Coriolano Carvalho, no dia 12 de janeiro de 2009, fui informada que escola não possui arquivo referente ao ano de 1968. Indicaram-me a Prof^a Vanda Oliveira Passos, como acervo vivo da memória docente da época. De acordo, com as pistas fornecidas por essa professora aposentada, localizei duas professoras do Jardim de Infância que atuaram no Colégio na década de 60 - Prof^a Lusinete da Silva Boaventura e a Prof^a Maria Izabel Rocha Silva.

Através de entrevista, via telefone, com a Prof^a Lusinete da Silva Boaventura fui informada que ela não foi minha professora, por exclusão do turno de trabalho – eu estudei à tarde e ela ensinava pela manhã. Ela não lembra da colega que trabalhava no turno vespertino.

Na entrevista, presencial, com a Prof^a Maria Izabel Rocha Silva ficou descartada a possibilidade dela ser a minha primeira professora, pois iniciara sua docência, no Colégio Estadual Coriolano Carvalho em 1969, substituindo a Prof^a Lusinete da Silva Boaventura. Ela, também, não lembra da sua colega do turno oposto. Indicou-me o nome de três Supervisoras da Educação Pré-Escolar da Secretaria Estadual de Educação – SURED 02 – Prof^a Olga Noêmia de Freitas Guimarães, Prof^a Dalva Suzart e Prof^a Celita França da Silva.

Em entrevista, via telefone, com a Prof^a Olga Noêmia de Freitas Guimarães (82 anos) que atuara como Supervisora da Educação Pré-Escolar, no período de 1964 a 1977, fui informada que a minha primeira professora chama-se Prof^a Zilair Almeida Gomes. Com esses dados fornecidos, contatei com Prof^a Zilair, via telefone. Ficamos emocionadas e agendamos um encontro presencial para o mês de fevereiro de 2009.

No fecundo circuito de aprendizados escolares, um merece destaque especial, o momento que descobri que sabia ler. Emoção total. Podia ser professora. Recordo-me que ficava lendo a *cartilha ABC Infantil* e o *ABC dos animais*, sempre, com “postura” de professora. Adorava a brincadeira *Sou a professora*.

Aliado a essa brincadeira realizava observação de plantas e animais, especialmente, na casa da minha avó materna. Ela era a rezadeira local, cultivava um rico acervo de plantas medicinais, seu quintal era um maravilhoso livro para qualquer criança, sem contar seu colorido jardim de dalias - *Dhalia sp.*

Nesse momento, ao revisitar minha memória para escrever este memorial, recordo-me de alguns aprendizados significativos da primeira experiência na Educação Formal, aquela professora apresentou-nos um mundo de possibilidade com suas atividades de classe e extra-classe. Recordo-me do passeio à Biblioteca Infantil de Feira de Santana: ao chegar naquele espaço educativo fiquei encantada com a quantidade de livros infantis. Era mágico conhecer a diversidade de cores, imagens e formatos dos livros. O minúsculo parque infantil que ficava nos fundos da biblioteca pareceu-me imenso. Simplesmente, fascinante.

Vale destacar que em 16 de janeiro de 2009, após quarenta anos, retornei à Biblioteca Infantil de Feira de Santana, para revisitar aquele espaço singular em meu aprendizado acadêmico-profissional. Acessando os documentos da Instituição fui esclarecida que: ela foi inaugurada em 13 de outubro de 1963, e a partir de 20 de maio de 1998, foi incorporada ao patrimônio da Universidade Estadual de Feira de Santana, sendo renomeada de Biblioteca Setorial Monteiro Lobato. Foi uma experiência marcante.

Uma segunda lembrança de atividades extra-classe, é a visita à Biblioteca Municipal Arnold Silva; rememoro a alegria que senti ao chegar naquele espaço rico em novidades. Ao avistar os três degraus da pequena escada que ficava ao lado da sala de literatura infantil, senti um misto de desejo e medo de descê-los, tamanha era aquela novidade. A visita ao setor de braile foi marcante, pois desconhecia a existência de pessoas cegas, algo que pareceu-me terrível; porém, não sabia ao certo o que era *ser cego*. Descobri, ali, também, que os cegos têm uma forma particular de leitura, ao manusear um imenso livro cheio de pontinhos, o qual a professora nos explicou que eram lidos através do tato, ou seja, passando os dedos sobre os mesmos, e que cada grupo de pontos representava uma letra. Saí dali imensamente feliz. Considero as bibliotecas um *locus* de possibilidades e singularidades.

No 2º grau fiz o curso de Auxiliar de Enfermagem pelo Centro Integrado de Educação Assis Chateaubriand (1977-1979).

Em 1985, após submissão cognitiva em sete exames vestibulares, ingressei na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no Estado da Bahia, cursando a Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia, licenciando-me em dezembro de 1990.

Possuo Especialização em Educação Ambiental pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) (1991) - 200 h (Situação: incompleta), Especialização em Metodologia

do Ensino de Ciências pela Universidade Estadual do Ceará (1993) – 120 h (Situação: incompleta), Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1993) – 135 h (Situação: incompleta), Especialização em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (1997), Mestrado em Educação (Área de Psicologia e Educação) pela Universidade de São Paulo (USP) (SANTOS, 2003a) e, Doutorado em Educação (Linha de Pesquisa: Práticas Pedagógicas e Currículo) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (SANTOS, 2008a). Sou pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana e do Grupo Memória da Educação na Bahia da Universidade do Estado da Bahia.

Este memorial situa minha caminhada epistemológica relativa às experiências formativas acadêmico-profissionais implicadas na constituição da minha identidade profissional como professora-bióloga. Tenho como referência o conceito de identidade profissional emitido por Santos (2006b) que a compreende como a expressão da singularidade do sujeito em seu movimento de construção/(des)construção/(re)construção profissional. Ela expressa a trajetória pessoal, os valores, as atitudes e as crenças que permeiam a visão de mundo do sujeito, e o olhar sobre si próprio, e a sua singularidade produzida na alteridade.

Ao introduzir o leitor no contexto das minhas experiências formativas acadêmico-profissionais, reconheço que o faço atravessado pelo método autobiográfico.

O método autobiográfico, de acordo com Santos (2006b, 2008a), configura-se como uma abordagem teórica que apresenta possibilidades fecundas para a pesquisa sobre o movimento do sujeito em sua trajetória pessoal-acadêmica-profissional, especialmente, por propiciar um *lugar de fala* e um *lugar de escuta* desse sujeito sobre sua singular história de vida constituída no contexto sócio-econômico-cultural. É nesse movimento de descolamento da memória que o sujeito constrói uma narrativa sobre ele próprio, que lhe permite, e ao pesquisador, estabelecer as interfaces sobre sua *identidade* diferente e singular constituída num circuito de alteridade.

Contextuar as singularidades que expressam a incompletude significativa da demanda implicada nessas experiências formativas, conduz-me ao conceito de formação, de Macedo (no prelo). Para o autor, a formação se realiza na existência de um Ser que, ao transformar em experiências significativas os acontecimentos, informações e conhecimentos que o envolvem, nas suas itinerâncias e errâncias aprendentes, ao aprender com o outro (hetero-formação), consigo mesmo (auto-formação), com as

coisas, os outros seres e as instituições (ecoformação), ao aprender a aprender, a reaprender e a desaprender com os conteúdos históricos e das realidades que o desafia, aceitando-se inacabado, refletindo criticamente sobre a própria experiência formativa que vive, aprendendo de forma implicada, portanto, mediado pelas experiências, pela intuição, pelos afetos, pelos saberes, pelas suas condições sócio-cognitivas, culturais e institucionais, emerge qualificado, capaz, portanto, em termos técnicos, éticos, políticos, culturais e afetivos, para compreender, atualizar, criar, avaliar e refletir criticamente conceitos, situações e ações para as quais e nas quais foi formado. Emerge, portanto, competente, “formado”, na sua incompletude infinita, para saber-refletir, saber-fazer e saber-ser, como realidades inseparáveis, em movimento, porque constantemente desafiadas.

Encaminho o leitor para conhecer minha caminhada epistemológica relativa às experiências formativas acadêmico-profissionais implicadas na construção da minha identidade profissional como professora-bióloga.

Capítulo 1 - OS MATIZES DAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

O encontro do sujeito com seus limites implica o fortalecimento de seu vigor enquanto indivíduo, pois somente aí ele depara com seu estilo e faz dele uma linha de força; um olhar, logo uma forma de ser, está implicado neste encontro e nesta busca. O limite, neste caso, não é uma limitação, mas um ponto de partida, a partir do qual o sujeito, advertido de seu destino, vivencia uma abertura nova para a experiência do mundo.

(G. Castelo Branco)

No circuito das minhas experiências formativas acadêmico-profissionais, recorri/recorro a: estágios extracurriculares, participação em eventos e cursos acadêmico-científicos, a elaboração/execução de projetos de investigação e apresentação de trabalhos em eventos científicos como *locus* fecundo de instauração do movimento de construção/(des)construção/(re)construção da minha **singularidade existencial** (JOSSO, 2004), fundamentada na teia epistêmica nucleada pela multirreferencialidade (ARDOINO, 1998), implicada na construção de saberes mestiços, dentre outros, no campo teórico da Educação, da Biologia, da Etnobiologia, da Antropologia, da Psicanálise, da História Oral, da Matemática, da Psicologia, da Etnologia, da Farmacologia, da Tanatologia.

1.1 Projeto de pesquisa (Iniciação Científica) - A Escola Básica em Feira de Santana 1950-1980

O movimento de construção/(des)construção/(re)construção da *teia epistêmica* acadêmico-profissional relacionado à pesquisa instaurou-se, quando fui convidada, em jul./1987, pela Prof^a Ms. Maria Lêda Ribeiro de Barros, para atuar como Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico (CNPq), na condição de Auxiliar de Pesquisa, no projeto intitulado *A Escola Básica em Feira de Santana 1950-1980*.

Nessa experiência de iniciação à pesquisa vivenciada, no período de ago./1987 a jul./1989, desenvolvi atividades científicas, tais como: coletas e sistematização de dados, levantamento bibliográfico, realização de entrevistas, transcrições de entrevistas, produção de textos, e apresentação de trabalhos em eventos científicos (SANTOS; PIRES e BARROS, 1988).

A dinâmica de estudos e atividades inerentes a essa pesquisa, aliado à singularidade da orientação e postura pessoal-acadêmico-profissional da Prof^a Ms. Maria Lêda Ribeiro de Barros foram pontuais para minha percepção sobre o ato de pesquisar.

1.2 Projeto de pesquisa (Iniciação Científica) - Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia

A segunda experiência formativa voltada à pesquisa ocorreu no período de dez./1989 a fev./1992, com objeto de estudo das Ciências Biológicas, atuando como Auxiliar de Pesquisa, no projeto *Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia*. Esse projeto foi fruto do convênio entre a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o Centro de Pesquisa da Lavoura Cacaueira (CEPLAC).

Nesse projeto atuei como estagiária responsável pelas ordens Scorpiones e Araneae, do Laboratório de Animais Peçonhentos e Herpetologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, desenvolvendo atividades científicas, tais como: coletas em campo (ordens Scorpiones e Araneae), taxonomia das ordens scorpiones e araneae, montagem e curadoria das coleções científicas (ordens Scorpiones e Araneae da Universidade Estadual de Feira de Santana), levantamento bibliográfico, educação ambiental, estudo da biologia de *Latrodectus curacaviensis* em cativeiro, produção de textos, e apresentação de trabalhos em eventos científicos (SANTOS, 1992a, 1992b, 1991a, 1991b, 1991c, 1990a, 1990b).

Dentre as várias etapas do projeto, a designada Educação Ambiental, através do projeto Serpentário Externo da Universidade Estadual de Feira de Santana, constitui-se

num *locus* onde as possibilidades de novos olhares em à pesquisa científica foi marcante, em especial, sobre a interface ciência-subjetividade.

Nessas experiências de iniciação científica fui Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (ago./1987 a jul./1988; mar./1991 a fev./1992), Bolsista do Programa Institucional de Bolsa Estágio em Projetos de Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) (ago./1988 a jul./1989) e Bolsista da Fundação de Apoio À Pesquisa e Extensão (FAPEX) (ago./1989 a fev./1991).

As experiências de iniciação científica, nas áreas de Educação e de Ciências Biológicas, durante a graduação, contribuíram de maneira pontual para meu olhar sobre a importância da pesquisa acadêmica, da pesquisa básica e da pesquisa aplicada no processo de formação do professor-biólogo, e da necessidade da formação continuada. Pois, os trânsitos cognitivos requeridos nessas investigações me proporcionaram a compreensão do movimento que constitui o circuito educacional e os sujeitos nele implicado.

1.3 Estágios em instituições de pesquisa

As experiências formativas relacionadas à Ciências Biológicas, foram aprofundadas, em especial, por estudos de aperfeiçoamento realizados através de estágios na área de Animais Peçonhentos voltados, principalmente, para aranhas e escorpiões no Laboratório de Animais Peçonhentos, da Universidade Federal da Bahia (1989-1990), no Laboratório de Animais Peçonhentos e Herpetologia, da Universidade Estadual de Feira de Santana (1988-1990) e no Instituto Butantan – SP (1989 e 1991).

O primeiro estágio foi realizado no Laboratório de Animais Peçonhentos e Herpetologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, no período de agosto de 1988 a abril de 1990, com Aracnídeos peçonhentos. Essa experiência propiciou uma leitura epistêmica do movimento de construção/(des)construção/(re)construção implicado na pesquisa biológica e a percepção de obstáculos epistemológicos, sobretudo, relacionados ao conhecimento sobre serpentes, aranhas e escorpiões, nas aulas de Ciências e de Biologia.

Diante dessas descobertas, decidi aprofundar conhecimentos sobre aranhas e escorpiões, realizando estágio no Instituto Butantan - São Paulo –SP, na seção de Artrópodos Peçonhentos, no período de 24 de julho a 03 de agosto de 1989 (72 horas). O contato com essa Instituição de pesquisa inaugurou possibilidades na dinâmica das minhas investigações, sobretudo, o olhar sobre a complexidade que envolve a produção científica e seus desdobramentos no cotidiano escolar.

O terceiro estágio realizado ocorreu no Laboratório de Animais Peçonhentos, da Universidade Federal da Bahia, no Instituto de Biologia, no período de novembro de 1989 a julho de 1990, com aracnídeos peçonhentos. Esse estágio contribuiu, significativamente, para meus estudos investigativos, pois estava atuando como estagiária responsável pelas ordens Araneae e Scorpiones, no projeto *Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia*.

Meu quarto estágio foi no Instituto Butantan, na seção de Artrópodos Peçonhentos e, no Museu de Animais Peçonhentos e Educação ambiental, no período de 12 a 30 de agosto de 1991. O segundo momento, nessa Instituição, corroborou para meu olhar sobre a relação animais peçonhentos/educação ambiental/sistemas de crenças e sua implicação no circuito pedagógico do ensino de Ciências e de Biologia.

1.4 Formação complementar

Na caminhada epistemológica para a construção da minha identidade profissional, como professora-bióloga, os cursos complementares foram/são essenciais para o processo de avaliação da minha prática pedagógica e socialização de aprendizados singulares do circuito da sala de aula. Assumindo como fundamentação epistemológica da minha identidade profissional, a multirreferencialidade, construo minha formação continuada transitando nas seguintes áreas do conhecimento: Educação, Biologia e Tanatologia, dando ênfase às linhas de pesquisa Animais Peçonhentos, Currículo, Ensino de Biologia, Ensino de Ciências Naturais, Educação Indígena, Educação do Campo, Estágio Supervisionado, Práticas Pedagógicas, Etnobiologia, Formação, Formação de Professores, História Oral, Metodologias de

Ensino, Prática Docente, Memória, (Auto)biografia, História de Vida, Profissionalização Docente, Interface Saúde/Cultura/Ciência e Tanatologia.

Mini-Cursos na Área da Educação

A PRODUÇÃO CULTURAL DO CURRÍCULO NA ÁREA DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

I Encontro Nacional de Ensino de Biologia / III Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional RJ/ES
Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, 09/08/2005

UMA VISÃO DE EDUCAÇÃO: O HOMEM, O AMBIENTE E A SUA CONSCIÊNCIA

I Encontro Nacional de Ensino de Biologia / III Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional RJ/ES
Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, 09/08/2005

HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO: UMA ENCRUZILHADA DE SABERES NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA - 06 h

51ª Reunião Anual da Sociedade para o Progresso da Ciência
Universidade Católica do Rio Grande do Sul / SBPC
Porto Alegre, 11 a 16/07/1999

ORIGEM, ASPECTOS E DIMENSÕES DO CONHECIMENTO - 04 H

V Congresso dos Trabalhadores em Educação
Salvador, 01/11/1996

OFICINA: FORMAÇÃO MULTICULTURAL DO PROFESSOR - MÚSICA, TEATRO E VÍDEO - 02 H

Encontro de Professores de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado da UNEB
Senhor do Bonfim, 10/12/1996

REPRESENTAÇÃO GEOMÉTRICA DOS DIVISORES DE UM NÚMERO, FRAÇÃO (CONCEITO, EQUIVALÊNCIA E OPERAÇÃO) - 12 H

IV Encontro Baiano de Educação Construtivista
Salvador, 24 a 26/10/1996

O LIVRO PARADIDÁTICO EM MATEMÁTICA COMO RECURSO METODOLÓGICO - 12 H

Universidade Estadual de Feira de Santana, 19 a 21/07/1988

MÉTODOS DE OBSERVAÇÃO E REGISTRO DE COMPORTAMENTO - 30 H

Universidade Estadual de Feira de Santana, 01/10 a 26/11/1986

Mini-Cursos nas Áreas: Etnobiologia, Psicanálise, Etnologia, História Oral

FUNDAMENTOS DA BIOÉTICA PARA A ETNOBIOLOGIA
V Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia
Chapada dos Guimarães, 15 a 19/12/2004

OBJETOS COMO EXPRESSÃO DE CULTURA: a contribuição da Etnologia de
Museu para uma teoria moderna – 112 h
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 15/09 a 17/11/1999

HISTÓRIA ORAL E A TRAMA SENSÍVEL DA SUBJETIVIDADE
V Encontro Nacional de História Oral
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, 24 a 26/11/1999

ANTROPOLOGIA DO CORPO E DA SAÚDE - 06 h
51ª Reunião Anual da Sociedade para o Progresso da Ciência
Universidade Católica do Rio Grande do Sul / SBPC
Porto Alegre, 11 a 16/07/1999

PALAVRAS E CORPOS – na Segunda Clínica de Lacan
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 17/03 a 23/06/1999

ETNOBOTÂNICA - 7:30 h
50º Congresso Nacional de Botânica
Universidade Regional de Blumenau / Sociedade Botânica do Brasil
Blumenau, 18 a 23/07/1999

ETNOZOOLOGIA – 10 h
XII Encontro de Zoologia do Nordeste
Universidade Estadual de Feira de Santana / Soc. Nordestina de Zoologia
Feira de Santana, 31/01 a 05/02/1999

ETNOFARMACOLOGIA
II Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia
Universidade Federal de São Carlos, 19 a 24/07/1998

O HOMEM E OS ANIMAIS: UMA INTRODUÇÃO À ETNOZOOLOGIA – 45 h
Universidade Estadual de Feira de Santana, 12 a 16/01/1998

A ETERNIDADE CONTRA-ATACA A MORTE – 04 h
Seminário Interdisciplinar “o mal-estar no fim do século XX”
Universidade Estadual de Feira de Santana, 12 a 16/05/1997

ETNOBIOLOGIA E CIÊNCIA DO FUTURO DOS POVOS INDÍGENAS
Universidade Federal do Mato Grosso, 03 a 07/02/1986

Mini-Cursos na Área das Ciências Biológicas

HISTÓRIA DO PENSAMENTO EVOLUTIVO – 08 H

IV ENCONTRO DE BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Feira de Santana, 16 a 19/01/2002

PRODUÇÃO DE MEDICAMENTOS FITOTERÁPICO – 16 H

IV Jornada Paulista de Plantas Medicinais

Universidade de Ribeirão Preto

Ribeirão Preto, 12 a 15/10/1999

INSETOS SOCIAIS

II Semana Temática da Biologia da Universidade de São Paulo

São Paulo, 20 a 24/09/1999

ORIGEM E EVOLUÇÃO DAS PLANTAS CULTIVADAS – 08 h

Instituto de Biologia da Universidade de São Paulo

São Paulo, set. a out./1999

EVOLUÇÃO HUMANA: ÚLTIMAS DESCOBERTAS

XIII Encontro de Genética do Nordeste

Universidade Estadual de Feira de Santana, 05 a 08/04/1998

SERPENTES BRASILEIRAS - 12 H

III Encontro Brasileiro de Herpetólogos/ Instituto Butantan

São Paulo, 05 a 09/08/1991

EDUCAÇÃO AMBIENTAL - 10 H

XVIII Congresso Brasileiro de Zoologia/ Universidade Federal da Bahia, 25/02 a

01/03/1991

RECICLAGEM DO LIXO ORGÂNICO - COMPOSTAGEM - 12 H

Universidade Estadual de Feira de Santana, 03 a 06/12/1990

TÓPICOS DE TAXONOMIA VEGETAL - 20 H

Universidade Federal da Bahia

Cruz das Almas, 22 a 27/10/1990

MANEJO E ADMINISTRAÇÃO DE ÁREAS SILVESTRES - 20 H

Universidade Estadual de Feira de Santana, 21 a 26/10/1990

FISIOLOGIA RESPIRATÓRIA DOS PEIXES - 20 H

Universidade Federal de Bahia

Salvador, 14 a 18/05/1990

TÓPICOS ESPECIAIS EM VENENOS ANIMAIS - 10 H

Sociedade Brasileira de Zoologia/ Universidade Estadual de Londrina, 28/01 a

02/02/1990

A EVOLUÇÃO NA ESCALA ZOOLOGICA

Universidade Estadual de Feira de Santana, 05 a 08/12/1989

NOÇÕES BÁSICAS SOBRE A CLASSE CHONDRICHTHYES: TUBARÕES, RAIS E QUIMERAS

Universidade Estadual de Feira de Santana, 25/04 a 23/05/1989

INFORMAÇÕES BÁSICAS EM ANIMAIS PEÇONHENTOS - 30 H

Instituto Butantan, 16 a 20/01/1989

ANATOMIA DAS ESPÉCIES ARBÓREAS DE MANGUEZAIS - 20 H

Universidade Federal da Bahia, 21 a 25/11/1988

ANIMAIS PEÇONHENTOS - 10 H

Instituto Butantan, 11 a 15/07/1988

ECOLOGIA DO HOMEM NORDESTINO

5º Reunião Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/ Universidade Federal de Alagoas

Maceió, 30,31/05 e 01/06/1988

ATUALIZAÇÃO EM FARMACOLOGIA CLÍNICA

Fundação Manoel Ferreira/ Pesquisas em Biociência

Feira de Santana, 22/09 a 25/09/1988

INTRODUÇÃO À PRIMATOLOGIA - 20 H

Universidade Federal de Juiz de Fora, 02 a 06/02/1987

PLANTAS MEDICINAIS - 05 H

Universidade de São Paulo, 25 a 31/01/1987

VIROLOGIA DE PLANTAS - 07 HORAS E 30 MINUTOS

Universidade de São Paulo, 25 a 31/01/1987

ANIMAIS PEÇONHENTOS - 10 H

Universidade Estadual de Feira de Santana, 06 e 07/11/1986

BIOLOGIA FLORAL E SISTEMA REPRODUTIVO - 16 H

Universidade Estadual de Feira de Santana, 11 a 14/08/1986

INTRODUÇÃO À TÉCNICA DE LEVANTAMENTO FLORÍSTICO - 12 H

Universidade Federal do Ceará, 12 a 18/07/1986

CITOGENÉTICA DE VERTEBRADOS

Universidade Federal do Mato Grosso, 03 a 07/02/1986

FISIOLOGIA PÓS-COLHEITA

Universidade Federal de Ouro Preto, 19 a 26/01/1986

1.5 Participação em eventos acadêmico-científicos

Dentre os matizes, das minhas experiências formativas, as participações em eventos acadêmico-científicos constituem-se um *locus* de diálogo multirreferencial nas áreas do conhecimento da Educação, da Biologia e da Tanatologia.

Área da Educação

I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE INTEGRAÇÃO DAS LICENCIATURAS EM CIÊNCIAS NATURAIS.

Universidade de Brasília – Campus Planaltina, 08 a 10/dez./2008.

III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, 14 a 17/set./2008

VIII COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA

Universidade do Estado da Bahia

Salvador, 09 a 13/abr./2007

IV SEMANA DA EDUCAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 25 a 29/09/2006.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

Universidade do Estado da Bahia - Salvador, 10 a 14/09/2006

X ENCONTRO "PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA" / I ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA DA REGIONAL (MT//MS/SP)

Universidade de São Paulo – São Paulo, 11 a 15/07/2006

X ENCONTRO "PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA" / I ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA DA REGIONAL (MT//MS/SP)

Universidade de São Paulo – São Paulo, 11 a 15/07/2006

VII COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA

Universidade do Estado da Bahia – Campus I

Salvador, 15 e 16/12/2005

II COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRÍCULARES

Universidade Federal da Paraíba

13 a 16/11/2005

I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA / III ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA DA REGIONAL RJ/ES

Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, 09/08/2005

I CAFÉ PEDAGÓGICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, 30/06/2005

II CAFÉ PEDAGÓGICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal, 01 de setembro de 2005

III CAFÉ PEDAGÓGICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal, 30 de setembro de 2005

IV CAFÉ PEDAGÓGICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal, 27 de outubro de 2005

V CAFÉ PEDAGÓGICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal, 17 de novembro de 2005

I SEMINÁRIO INTERNO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Grupo de Pesquisa “Imaginário, Políticas e Educação”

Linha de Pesquisa “Formação e Profissionalização Docente” - Programa de Pós-
Graduação em Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Coordenação: Prof^ª. Dra. Rosália de Fátima e Silva

Natal, 18 a 21/07/2005

VIII ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA

Universidade de São Paulo – USP / Faculdade de Educação

São Paulo - SP, 20 a 22/fev/2002

VII ENCONTRO “PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA” / I SIMPÓSIO
LATINO-AMERICANO DA INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR
SCIENCE AND TECHNOLOGY EDUCATION

Universidade de São Paulo – USP / Faculdade de Educação

São Paulo - SP, 02 a 04/fev/2000

SEMINÁRIO “POLÍTICA DE PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO NO
BRASIL HOJE”

Universidade de São Paulo – USP / Faculdade de Educação

São Paulo - SP, 22 a 23/ago/2000

SEMINÁRIO “FONTES PRIMÁRIAS NA INVESTIGAÇÃO EDUCACIONAL”

Universidade de São Paulo – USP / Faculdade de Educação

São Paulo - SP, 26 e 27/out/2000

SEMINÁRIO “FACULDADES DE EDUCAÇÃO: REALIZAÇÕES E DESAFIOS”
Universidade de São PAULO / Faculdade de Educação
São Paulo, 20 a 22/10/1999

CONFERÊNCIA “PSICOLOGIA E IMAGINÁRIO NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR”
Universidade de São Paulo / Faculdade de Educação
São Paulo, 17/8/1999

I SEMINÁRIO DO NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO DE PRÁTICA DE ENSINO
Universidade do Estado da Bahia / Campus II – Departamento de Educação
Alagoinhas, 17 e 18/12/1998

III SEMANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Universidade do Estado da Bahia / Campus II – Departamento de Educação
Alagoinhas, 09 a 13/11/1998

IX ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – ENDIPE
Universidade de São Paulo
Águas de Lindóia, 04 a 08/maio/1998

CONFERÊNCIA “UM OLHAR CONSTRUTIVISTA EM AVALIAÇÃO”
Professora Jussara Hoffman
Feira de Santana, 05/março/1997

ENCONTRO “O EDUCADOR COMO ARTISTA”
Professor e Escritor Rubem Alves
Feira de Santana, 05/abril/1997

I SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR / III ENCONTRO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DAS LICENCIATURAS DA UEFS
Universidade Estadual de Feira da Santana, 02 a 05/09/1996

I JORNADA PEDAGÓGICA DO CENTRO EDUCACIONAL BIOSFERA
Feira de Santana, 24 a 27/09/1996

I SEMANA DE EDUCAÇÃO DA FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ALAGOINHAS
Universidade do Estado da Bahia – Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas
Alagoinhas, 14 a 18/10/1996

IV ENCONTRO BAIANO DE EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA: NUMA PERSPECTIVA DE GÊNERO
Salvador, 23 a 27/10/1996

V CONGRESSO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO
Salvador, 31/10 a 02/11/1996

ENCONTRO DOS PROFESSORES DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Universidade do Estado da Bahia
Senhor do Bonfim, 09 a 11/12/1996

I SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Universidade Estadual de Feira de Santana, 02 a 05/09/1996

WORKSHOP: "ENSINANDO A LER E A ESCREVER NUMA PERSPECTIVA
CONSTRUTIVISTA"

Avante - Ana Maria Kaufman
Salvador, 23 e 24/08/1996

I ENCONTRO BAIANO DE EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA

Feira de Santana, 01 a 03/07/1993

VII ENCONTRO DE PROFESSORES DE ESTAGIO SUPERVISIONADO DA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Universidade do Estado da Bahia - Faculdade de Formação de Professores de Jacobina
Jacobina, 16 a 18/06/1993

I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Serviço Social da Indústria - Feira de Santana, 23 a 27/04/1990

III ENCONTRO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA DE FEIRA
DE SANTANA

Universidade Estadual de Feira de Santana, 05 a 08/12/1989

I SEMINÁRIO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE
SANTANA

Universidade Estadual de Feira de Santana, 29 a 30/11/1989

II ENCONTRO REGIONAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
DA REGIÃO DE FEIRA DE SANTANA

Universidade Estadual de Feira de Santana, 03 a 05/11/1986

Área das Ciências Humanas

IV CONGRESSO BRASILEIRO DE TANATOLOGIA E BIOÉTICA

Universidade Federal do Maranhão – São Luis, 27 a 30/09/2006.

III CONGRESSO BRASILEIRO DE TANATOLOGIA E BIOÉTICA

Laboratório de Estudos da Morte/USP – Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o
Luto/PUC(SP) – 4 Estações Instituto de Psicologia
São Paulo, 27 a 30 de abril de 2005

V SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA

Universidade Federal do Mato Grosso / Sociedade Brasileira de Etnobiologia e
Etnoecologia
Chapada dos Guimarães, 15 a 19/12/2004

SEMINÁRIO “ESTUDOS CULTURAIS, ETNOGRAFIA E RECEPÇÃO”
Universidade de São Paulo – USP / Escola de Comunicações e Artes
São Paulo - SP, 29,30,31/ago/2000

I CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA
Universidade de São Paulo – USP / Faculdade de Educação
São Paulo - SP, 01 a 04/nov/2000

V ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL
Universidade Federal de Minas Gerais / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Belo Horizonte, 24 a 26/nov./1999

II SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA
Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia
Universidade Federal de São Carlos, 19 a 24/07/1998

SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR “O MAL-ESTAR NO FIM DO SÉCULO XX”
Departamento CHF/Universidade Estadual de Feira de Santana, maio/1997

Área das Ciências Biológicas

IV ENCONTRO DE BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, 15 a 19/jan./2002

I ENCONTRO NORDESTINO DE BIOLOGIA
Universidade Estadual do Sudoeste do Bahia
Jequié, 21 a 24//fevereiro/2000

II SEMANA TEMÁTICA DA BIOLOGIA
Universidade de São Paulo / Instituto de Biociências
São Paulo, 20 a 24/set./1999

50º CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA
Sociedade Botânica do Brasil / Universidade Regional de Blumenau
Blumenau, 18 a 23/07/1999

51ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA
SBPC
Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, 11 a 16/07/1999

XII ENCONTRO NORDESTINO DE ZOOLOGIA
Soc. Nordestina de Zoologia / Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, 31/01 a 05/02/1999

III ENCONTRO DE GENÉTICA DO NORDESTE
Universidade Estadual de Feira de Santana, 05 a 08/abril/1998

XLVIII CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA
Sociedade Botânica do Brasil
Crato – CE, 27/jul a 01/agosto/1997

IV REUNIÃO ESPECIAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO
DA CIÊNCIA
Feira de Santana, 24 a 28/11/1996

III ENCONTRO BRASILEIRO DE HERPETÓLOGOS
Instituto Butantan - São Paulo, 05 a 07/08/1991

XVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA
Universidade Federal da Bahia - Salvador, 24/02 a 01/03/1991

XII ENCONTRO REGIONAL DE BOTÂNICOS
Universidade Estadual de Feira de Santana, 21 a 26/10/1990

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA
Universidade Estadual de Londrina, 28/01 a 02/02/1990

XI ENCONTRO REGIONAL DE BOTÂNICOS
Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, 22 a 27/10/1989

SEMINÁRIO DE PLANTAS MEDICINAIS
Universidade Estadual de Feira de Santana, 29/11 a 02/12/1988

X ENCONTRO REGIONAL DE BOTÂNICOS
Universidade Federal da Bahia/Instituto de Biologia, 20 a 25/12/1988

SEMANA DE PREVENÇÃO
Universidade Estadual de Feira de Santana, 12 a 16/09/1988

40° REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA
CIÊNCIA
Universidade de São Paulo, 10 a 16/07/1988

5° REUNIÃO REGIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO
DA CIÊNCIA
Universidade Federal de Alagoas, 29/05 a 01/06/1988

II CONGRESSO NORDESTINO DE ECOLOGIA
Universidade Federal de Sergipe, 27 a 31/03/1988

XXXIX CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL
Universidade Federal do Pará, 24 a 31/01/1988

XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA
Universidade Federal de Juiz de Fora, 01 a 06/02 1987

XXXVIII CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL

Universidade de São Paulo, 25 a 31/01/1987

VIII ENCONTRO REGIONAL DE BOTÂNICOS

Universidade Estadual de Feira de Santana, 11 a 14/08/1986

VII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIOLOGIA

Universidade Federal do Ceará, 12 a 18/08/1986

XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA

Universidade Federal do Mato Grosso, 02 a 07/02/1986

XXXVII CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA

Universidade Federal de Ouro Preto, 19 a 26/01/1986

1.6 Consultoria pedagógica na área de Ensino de Ciências (Ensino Fundamental)

Realizei Consultoria Pedagógica, na área de ensino de Ciências (1ª a 6ª series do Ensino Fundamental), no Colégio Helyos, na cidade de Feira de Santana – BA, no período de 01/set/1994 a 30/nov./1994.

1.7 Palestras proferidas

Tema: A ENTREVISTA COMPREENSIVA. UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA DE PESQUISA

Local: Universidade do Estado da Bahia
Alagoinhas, 02/12/2008

Tema: O BIÓLOGO E A FINITUDE DA VIDA

Local: Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, 15/12/2008

Tema: SISTEMAS DE CRENÇAS E ETNOBIOLOGIA

Local: Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, 25/07/2003

Tema: ANIMAIS PEÇONHENTOS

Local: V Encontro do Biólogos da Bahia / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista – BA, 06/11/1992

Tema: FORMAÇÃO DE BIÓLOGOS: UMA OSCILAÇÃO ENTRE O VELADO E O DESVELADO

Local: Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, 10/10/2002

Tema: A MULTIRREFERENCIALIDADE DA LEITURA

Local: Faculdade de Tecnologia e Ciências
Feira de Santana, 25/07/2002

Tema: AS MÚLTIPLAS MIRAGENS DA LEITURA OU A MULTIRREFERENCIALIDADE DA LEITURA?

Local: Escola Estadual de Irará
Irará, 12/07/2002

Tema: METODOLOGIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS

Local: Escola Rotary
Salvador, 10/07/2002

Tema: QUESTÕES AMBIENTAIS E O PAPEL DA ESCOLA

Local: I Conferência de Educação de Ouriçangas
Ouriçangas, 15/03/2002

Tema: A RELAÇÃO SERES VIVOS / DOENÇA

Local: Universidade do Estado da Bahia - Campus II / Alagoinhas
Alagoinhas, 05/12/1998

Tema: ANIMAIS PEÇONHENTOS/EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Local: Mina da Fazenda Brasileiro da Companhia Vale do Rio Doce
Teofilândia – BA, 03 e 04/06/1992

Tema: ANIMAIS PEÇONHENTOS/EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Local: Universidade Estadual de Feira de Santana/Depto. de Ciências Biológicas
Feira de Santana, 07/02/1991

Tema: ANIMAIS PEÇONHENTOS/EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Local: Semana do Meio Ambiente da Companhia do Vale do Rio Doce/
Teofilândia – BA, 06/06/1991

Tema: ANIMAIS PEÇONHENTOS (ARACNÍDEOS)

Local: Santo Estevão Velho – BA, 26/11/1990

Tema: ANIMAIS PEÇONHENTOS (ARACNÍDEOS)

Local: I Semana Municipal de Prevenção de Acidentes de Feira de Santana
Feira de Santana, 14/12/1990

Tema: ANIMAIS PEÇONHENTOS (ARACNÍDEOS)

Local: Companhia Vale do Rio Doce
Teofilândia – BA, 15/09/1990

Tema: ANIMAIS PEÇONHENTOS (ARACNÍDEOS)

Local: Serviço Social da Indústria
Feira de Santana – BA, 30/03/1990

1.8 Participação em bancas de comissões julgadoras e Emissão de pareceres

Membro da Comissão de avaliação do processo de progressão na carreira da Classe de Professor Auxiliar para a Classe de Professor Assistente, do Professor **JOSÉ RICARDO MORENO PINHO**, da Universidade do Estado da Bahia – Campus II / Departamento de Educação. Alagoinhas, 28/nov./2008.

Emissão de parecer sobre o artigo *Estágio na formação docente: uma análise da experiência com professores em exercício*, de autoria das Professoras ANA VERENA FREITAS PAIM E SILVA e MARIA CLÁUDIA SILVA DO CARMO, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como objetivo de concessão de Incentivo Funcional por Produção Científica. Feira de Santana, 07/nov./2007.

Participação na Comissão Avaliadora do processo de Promoção na Carreira, da Classe de Professor Auxiliar para a Classe de Professor Assistente, da Professora GEILSA COSTA SANTOS BAPTISTA, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 17/set./2007.

Emissão de parecer sobre o artigo *Criança é tudo de bom!: as representações sociais das professoras de educação infantil da rede pública municipal de Senhor do Bonfim sobre a infância*, de autoria da Professora FANI QUITÉRIA NASCIMENTO REHEM, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como objetivo de concessão de Incentivo Funcional por Produção Científica. Feira de Santana, 20/ago./2007.

Emissão de parecer sobre o artigo *Limites e perspectivas da formação continuada dos professores de Ciências: experiências no Programa Pró-Ciências CAPES/UEFS*, de autoria da Professora Cláudia de Alencar Serra e SEPÚLVEDA, da Universidade Estadual de Feira de Santana, com vistas à concessão do Incentivo Funcional por Produção Científica. Feira de Santana, 28/abril/2002.

Membro de Banca Examinadora da Seleção Pública para Professor Substituto, da Universidade do Estado da Bahia – Campus II / Departamento de Ciências Exatas e da Terra, na disciplina Teoria Geral da Administração. Alagoinhas, 10 e 11/ago./1998

Membro da Banca Examinadora da Seleção Pública para Professor Substituto, da Universidade do Estado da Bahia – Campus II / Departamento de Ciências Exatas e da Terra, na disciplina Biofísica. Alagoínhas, 09 a 11/mar./1998

Membro da Comissão de Avaliação da Progressão Funcional da Professora LUCIENE CRISTINA LIMA E LIMA, da Faculdade de Formação de Professores de Alagoínhas, da Universidade do Estado da Bahia. Alagoínhas, maio/1997

Membro da Comissão de Avaliação do Desempenho Acadêmico do Professor EVANDRO JOSÉ LIMA RÊGO, da Faculdade de Formação de Professores de Alagoínhas, da Universidade do Estado da Bahia. Alagoínhas, 09 a 11/abr./1996

Membro da Banca Examinadora da Seleção Pública para Professor Substituto da Universidade Estadual de Santa Cruz, na disciplina Zoologia. Campus Prof. Soane Nazaré de Andrade, Km 16 - Rod. Ilhéus/Itabuna, 18/mar./1994

1.9 Elaboração e execução de projetos de extensão

Curso de Extensão - ARANEOLOGIA: ASPECTOS BIOLÓGICOS, SISTEMÁTICOS E ECOLÓGICOS

Universidade do Estado da Bahia/Faculdade de Formação de Professores de Alagoínhas
Período: 24/09 a 26/11/1992 Carga Horária: 45h

Curso de Extensão - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANIMAIS PEÇONHENTOS

Universidade do Estado da Bahia/Faculdade de Formação de Professores de Alagoínhas
Período: 1993.1 Carga Horária: 40h

Essas experiências foram significativas. Pois, explorei possibilidades para a relação pedagógica, introduzi novas metodologias, novas linguagens e criei um lugar para pesquisas sobre animais peçonhentos na interface Ciências Biológicas/Educação/Cultura.

1.10 Elaboração e execução de mini-cursos

Mini-Curso: O DUPLO VIDA-MORTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Local: Escola Municipal Maria Crispina Costa
I Encontro de Professores da Escola Municipal Maria Crispina Costa
Carga Horária: 10 horas
Feira de Santana, 23/nov./2007.

Mini-curso: ETNOBIOLOGIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES
Universidade do Estado da Bahia
III Seminário de Educação e Cultura – Campus II / Alagoinhas
Alagoinhas, 09 a 13/11/1998

Mini-Curso: O ENSINO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
Universidade Estadual do Sudoeste do Bahia
I Encontro Nordestino de Biologia
Carga Horária: 10 h
Jequié, 21 a 24//fevereiro/2000

1.11 Organização de Eventos

Membro da comissão organizadora do IX COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA / I ENCONTRO REGIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
TEMA: *A década de 1960: Educação, Cultura e Liberdade em Paulo Freire.*
LOCAL: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – Campus V / Senhor do Bonfim
Senhor do Bonfim, 26 a 30/nov./2007.

Coordenação Geral do **I Seminário do Núcleo de Investigação de Prática de Ensino** da Universidade do Estado da Bahia – Campus II / Alagoinhas
Alagoinhas, 17 e 18/dez./1998

1.12 A edição da revista metáfora educacional (ISSN 1809-2705) - versão on-line

O projeto de editar uma revista, em gênese, emerge da necessidade de divulgar minhas produções bibliográficas, em um veículo de ampla acessibilidade.

A *Revista Metáfora Educacional* (ISSN 1809-2705) – versão *on-line* (<http://www.valdeci.bio.br/revista.php>) é uma publicação semestral, com datas de lançamento em junho e em dezembro. Editada desde 2005, pela Prof^ª. Dra. Valdecí dos

Santos, a revista cumpre o papel de divulgar trabalhos acadêmicos, tais como, relatos de experiências, resultados de pesquisas, teses, dissertações, monografias, artigos de reflexão e ensaios ancorados nas áreas do conhecimento: Educação, Biologia e Tanatologia, dando ênfase às linhas de pesquisa Animais Peçonhentos, Currículo, Ensino de Biologia, Ensino de Ciências Naturais, Educação Indígena, Educação do Campo, Estágio Supervisionado, Práticas Pedagógicas, Etnobiologia, Formação, Formação de Professores, História Oral, Metodologias de Ensino, Prática Docente, Memória, (Auto)biografia, História de Vida, Profissionalização Docente, Interface Saúde/Cultura/Ciência e Tanatologia.

O copyright pertence a Prof^ª. Dra. Valdecí dos Santos <http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>).

A *Revista Metáfora Educacional* (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, a partir de dezembro de 2008, está constituindo um Conselho Editorial com profissionais de Universidades brasileiras para atender a sua posição epistemológica, a Multirreferencialidade.

São Conselheiros Editoriais: Prof. Ms. Aldeniza Cardoso de Lima - (Universidade Federal do Amazonas), Prof^ª. Ms. Célia Maria Lira Jannuzzi – (Universidade Federal Fluminense), Prof. Ms. Felício Guilardi Junior – (Universidade Federal de Mato Grosso), Prof. Ms. Francisco Alfredo Morais Guimarães – (Universidade do Estado da Bahia), Prof^ª. Ms. Heidi Soraia Berg – (Universidade Federal do Acre), Prof^ª. Dra. Jaci Maria Ferraz de Menezes – (Universidade do Estado da Bahia), Prof^ª. Dra. Lucídia Fonseca Santiago – (Universidade Federal do Pará), Prof^ª. Dra. Maria de Lourdes Lazzari de Freitas - (Universidade de Brasília), Prof^ª. Ms. Maria José de Souza Cravo - (Universidade do Estado do Pará), Prof^ª. Dra. Mônica Castagna Molina - (Universidade de Brasília), Prof^ª. Dra. Patricia Targon Campana – (Universidade de São Paulo), Prof^ª. Dra. Rosely Aparecida Liguori Imbernon – (Universidade de São Paulo), Prof^ª. Dra. Rozana de Medeiros Sousa Galvão – (Universidade Federal do Amazonas), Prof^ª. Ms. Selma dos Santos – (Universidade Estadual de Feira de Santana), Prof. Ms. Vicente Deocleciano Moreira - (Universidade Estadual de Feira de Santana), Prof^ª. Ms. Zara Faria Sobrinha Guimarães – (Universidade de Brasília).

1.13 A implantação do site <http://www.valdeci.bio.br>

Considerando que a constituição da identidade profissional do sujeito deve ser mediada pela (auto)reflexão sobre a evolução do sujeito em suas experiências formativas acadêmico-profissionais e por diálogos, numa interface que contemple leituras individual e coletiva sobre esse movimento, iniciei um projeto de sistematização da minha memória docente, optando por um recurso (a Internet) que contemplasse a tripla função de arquivo, socialização e diálogo, implantando em 05 de abril de 2004, o site <http://www.valdeci.bio.br>.

1.14 Aprovação em concursos e/ou seleções públicas

Na dinâmica evolutiva da minha formação acadêmico-profissional, as aprovações em concursos e/ou seleções públicos são sinalizadores que o movimento do existir é fecundo em possibilidades que expressam a singularidade do sujeito objetivo-subjetivo.

No meu histórico constam doze aprovações em concursos e/ou seleções públicos. Apresento-as em ordem crescente, para focar a relação entre a formação acadêmica e as possibilidades profissionais.

Concurso Público para Assistente de Laboratório da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 24/set./1989. Aprovada. Classificação: 16º lugar.

Concurso Público para Professor de 1º grau - Nível 3 (Disciplina: Ciências) do Estado da Bahia. Salvador, Aprovada. Classificação: SURED 02 - 18º (Diário Oficial do Estado da Bahia de 22/abr./1990)

Seleção Pública para o Curso de Especialização em Educação Ambiental na Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 10/jul./1991. Aprovada.

Seleção Pública para Professor de Biologia da Cooperescola Senhora Santana Ltda. Feira de Santana, 08/fev./1992. Aprovada. Classificação: 1º lugar (Nota: 9,6).

Seleção Pública para Professor Substituto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas. Disciplina:

Metodologia e Prática de Ensino de Ciências de 1º grau. Alagoínhas, fev./1992. Aprovada. Classificação: 1º lugar (Nota: 9,2).

Seleção Pública para o Curso de Especialização em Serpentes, Aranhas e Escorpiões no Instituto Butantan - São Paulo/SP. Aprovada. Diário Oficial do Estado de São Paulo: 16/06/1992 p. 26 seção 1

Seleção Pública para o Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior da Universidade Estadual de Feira de Santana. Aprovada, abril/1993.

Concurso Público para Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / Faculdade de Educação de Alagoínhas. Disciplina: Metodologia e Prática de Ensino de Ciências. Salvador, ago./1994. Aprovada. Classificação: 2º lugar (Média: 8,09). Diário Oficial do Estado da Bahia de 09/ago/1994.

Seleção Pública para o Mestrado de Educação em Rede da Universidade do Estado da Bahia. Aprovada, outubro/1998.

Seleção Pública para o Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Aprovada, 30/nov./1998.

Seleção Pública para o Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Aprovada, 20/set./2004.

Seleção Pública para Assistente de Pesquisa da Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ), na área de concentração: Divulgação em ciência (Perfil: Educação e iniciação científica na área de saúde no ensino médio. Rio de Janeiro, 17/abr./2006. Aprovada. Classificação: 6º lugar (86 pontos).

1.15 Filiação em sociedades científicas

Sou filiada à Associação Brasileira de Ensino de Biologia, à Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, à Sociedade Botânica do Brasil, à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação e à Rede Nacional de Tanatologia.

Capítulo 2 – A TESSITURA EPISTEMOLÓGICA ENSINO-PESQUISA IMPLICADA NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a *franquia* de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha *franquia* ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento.

(Paulo Freire)

Encaminharei o leitor para conhecer a tessitura epistemológica ensino-pesquisa, implicada na constituição da minha identidade profissional como professora-bióloga. É referência, a minha atuação docente, na Educação Básica, com o Ensino de Ciências e de Biologia; e na Educação Superior, como formadora de professores-biólogos. Vale ressaltar que iniciei minha vida profissional como Balconista, na loja Jotalú Confecções (02/maio/1980 a 10/mar./1981), na cidade de Feira de Santana – BA. Em seguida, atuei como Auxiliar de Enfermagem, na Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana (01/jun./1981 a 18/maio/1984) e no Hospital Regional Clériston Andrade (07/mar./1984 a 01/out./1986), também na cidade de Feira de Santana BA.

2.1 A docência na Educação Básica

Destaco cenários da minha atuação docente, na Educação Básica, com o Ensino de Ciências, em turmas de: Educação Infantil (Pré-Escola), no período de 1995 a 1998; Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries), no período de 1995 a 1998; e Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries), no período de 1994 a 1997; e, com o Ensino de Biologia, em turmas do 2º Grau/Ensino Médio, no período de 1991 a 1994.

2.1.1 Cenário 1 – A primeira experiência docente

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica.

(Paulo Freire)

Iniciei minha vida profissional na Educação, como professora, em 13 de fevereiro de 1991, ministrando a disciplina Ciências, no 1º Grau – 5ª a 8ª séries (LDB 5692/71), no Centro Educacional Novis Filho, na cidade de Tanquinho – BA.

Essa experiência de temporalidade efêmera – 13/fev. a 03/abr./1991 - constituiu-se num circuito de angústia e conflitos, fato que, talvez, tenha contribuído para o meu esquecimento (SANTOS, 2007b) dessa primeira instauração profissional como professora.

Os conteúdos objetivos-subjetivos dessa experiência formativa são representados por três situações-conflitos. A primeira situação-conflito foi o obstáculo gerado pela Diretora para fornecer o termo de concessão da vaga disponibilizada no Concurso Público para Professor de 1º grau - Nível 3 do Estado da Bahia (ago./1989), para a disciplina Ciências; o que implicou na instalação de um clima de *queda de braços* entre a *nova* professora e Diretora, até então, ministrante da disciplina Ciências.

Esse circuito favoreceu para a circulação de preconceitos, estereótipos e estigmas sobre “a *nova* professora de Ciências” e implicações objetivas na minha vida funcional, a exemplo, da distribuição da carga horária (20 h) durante a semana. Fui escalada para trabalhar de segunda-feira a sexta-feira, nos primeiros e últimos horários, o que comprometia o meu retorno para casa em Feira de Santana devido ao único horário do ônibus da linha Campo Formoso/Salvador. Era um stress total.

A segunda situação-conflito dizia das questões subjacentes à disputa política partidária instalada na cidade – governo municipal versus governo estadual. Quem não era do PFL era inimigo da gestão municipal. O governo que realizara o concurso público era do PMDB. Ficava nítida a implicação política partidária nas questões educacionais. Tomava consciência do contexto que circunscreve a Educação e sua íntima vinculação às políticas públicas, e que são as subjetividades que demarcam e mediam o discurso da objetividade política.

E, a terceira situação-conflito estava relacionada à minha instauração como professora. Questionava-me: Como me instaurar como professora? Como tornar-me

professora considerando os conteúdos e os saberes teórico-metodológicos inerentes a minha formação para a docência e a realidade do contexto da experiência docente?

Essas situações-conflitos contribuíram significativamente para refletir sobre as possibilidades e limites daquela experiência. Decidi por recorrer à Diretoria Regional de Educação – DIREC 02 para solicitar minha transferência para Feira de Santana.

2.1.2 Cenário 2 – A docência no Ensino Fundamental (5^a a 8^a séries) e no 2^o Grau/Ensino Médio.

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

(Paulo Freire)

Iniciei minha segunda experiência profissional, como professora, em 03 de abril de 1991, no Centro Educacional Governador Luiz Viana Filho, na cidade de Feira de Santana – BA, ministrando a disciplina Biologia, no turno noturno.

Nesse ambiente escolar, pude desenvolver minha prática pedagógica numa perspectiva multirreferencial, apesar dos limites de infra-estrutura pedagógica. Ali, exerci a docência lecionando as disciplinas Ciências, Biologia, Química e Programas de Saúde, no período de abril de 1991 a setembro de 1997. Construí e vivenciei situações de ensino e de aprendizagem relativas ao Ensino de Ciências e de Biologia, que contribuíram, pontualmente, para na condição de professora-bióloga, *formadora* de professores-biólogos, elaborasse um projeto profissional articulando ensino e pesquisa educacional, a partir de 1992, no curso de Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia, da Universidade do Estado da Bahia – Campus II, na cidade de Alagoinhas.

Destaco um cenário pedagógico vivenciado no Centro Educacional Governador Luiz Viana Filho, em 1991, fecundo em leituras sobre questões que dizem sobre o *currículo de formação de professores e o cotidiano escolar*. Ele marcou meu movimento de construção/(des)construção/(re)construção da minha identidade profissional como professora-bióloga, e em especial, conduziu-me a dinâmica da pesquisa sobre questões cotidianas da sala de aula.

Cena 1: Nossa comunicação era ruidosa...

Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática.

(Paulo Freire)

Havia uma turma composta por quarenta e oito alunos (Turma 5) que se destacava pela *fama* de possuir alunos em sua maioria agressivos, fato que, aparentemente os orgulhavam. Nossa comunicação era ruidosa. Considerando esse ruído, solicitei-lhes uma avaliação escrita sobre seus pontos de vista sobre os seguintes aspectos: a postura da professora, a metodologia, os conteúdos, as expectativas e sugestões dos discentes. Como resposta foi informada que eles me consideravam uma das professoras mais competentes que tiveram até aquele momento. Contudo, sinalizaram o desejo de vivenciarem um *circuito pedagógico de escuta* para além dos conteúdos conceituais abordados na disciplina Biologia. Eles desejavam conversar sobre suas questões pessoais, falar sobre suas angústias relacionadas com questões domésticas e profissionais, contar sobre seus aprendizados afetivos; e saberem sobre minhas questões pessoais. Desejavam um vínculo afetivo na relação pedagógica.

Estava diante de um fato que refletia uma lacuna na minha formação como professora. A academia *formara-me* professora tendo como referência conhecimentos biológicos e pedagógicos. Eu os havia colocado em movimento, articulando-os ao contexto sócio-cultural. No entanto, perceber o *Outro* a partir das suas expectativas na relação pedagógica era algo novíssimo.

Esse algo novíssimo era complexo, pois ele dizia do circuito da relação professor-aluno no contexto educativo formal. Ele era novo, por estar na condição de professora; mas, era antigo por tê-lo vivenciado na condição de aluna. *Como lidar com os desejos e singularidades do Outro na relação pedagógica?* Esse Outro que ao circunscrever-se na linguagem cotidiana, produz e interpreta expressões indiciais, sinalizando para a necessidade de ser pensado para além da objetividade.

Buscando compreender as questões implícitas nesse cenário, iniciei ainda, em 1991, uma pesquisa bibliográfica sobre a relação Subjetividade-Educação. Essa pesquisa sinalizou possibilidades para minha prática pedagógica e o processo de construção da minha identidade profissional como professora-bióloga, sobretudo, por auxiliar-me na construção da percepção desse Outro como sujeito objetivo-subjetivo.

Acabei constituindo um olhar mais atento para os diálogos marcados pelo conflito, para os não-ditos, os ditos e os silêncios ruidosos circulantes no contexto da sala de aula; aprendizado que demarca minha atuação docente.

Cena 2: Um novo olhar estava inaugurado...

Ensinar exige tomada consciente de decisões.

(Paulo Freire)

Neste sentido, conduzo o leitor ao meu cenário profissional, no ano de 1993, no Centro Educacional Governador Luiz Viana Filho, lecionando a disciplina Biologia, no turno noturno, para cerca de duzentos alunos; trabalhava os conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais com o mesmo compromisso pedagógico do primeiro ano de trabalho. A relação professora-alunos era tranqüila, conseguia *falar e escutá-los - dialogávamos. Um novo olhar* estava inaugurado. Contudo, inquietavam-me com o limite da avaliação da aprendizagem. Pois, apesar de diversificar as metodologias, as articulações e as interações pedagógicas, continuava a registrar meu movimento pedagógico, conforme o *código velado* entre os professores.

Esse *código velado* funciona como uma linguagem natural de controle de ações, ditas coletivas, para a categoria profissional dos docentes/professores. Posteriormente, na minha evolutiva teórica, refleti sobre a noção de membro (COULON, 1995a), que está vinculada à necessidade de o indivíduo conhecer e aceitar as regras e rotinas inscritas nas práticas cotidianas.

As demandas emergidas, no circuito da sala de aula, no ano letivo de 1993, contribuíram para o meu posicionamento quanto ao pensar/vivenciar a Educação e a necessidade de demarcação da minha identidade profissional como professora-bióloga. Esse momento significativo, auxiliou-me na compreensão da relação objetividade-subjetividade que permeia o circuito educacional e a reconhecer minha *implicação estrutural-profissional* (BARBIER, 1985).

Cena 3: A relação pedagógica expressava uma marcante singularidade...

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo.

(Paulo Freire)

Instaurava-se, na comunidade escolar, um olhar sobre minha prática pedagógica. Sendo destaques: o rigor metodológico, as aulas práticas, os registros nos diários de classe, as atividades extraclasse.

A relação pedagógica expressava uma marcante singularidade - conseguia *falar/escutar/aprender/ensinar*. O processo de avaliação da aprendizagem estava cada vez mais distanciado da prática pré-estabelecida no circuito escolar. Todavia, para atender os aspectos legais, realizava todos os registros nos diários de classe. Trabalhava à margem do processo consolidado como *correto*, mas buscava mecanismos para oficializar minha prática pedagógica e educativa.

O circuito pedagógico expressava-se em propostas diversificadas para atender as singularidades e especificidades das turmas. Em termos metodológicos, explorávamos as potencialidades das aulas expositivas, das pesquisas bibliográficas, das pesquisas de campo, das confecções de cartilhas informativas, das produções e exposições de peças teatrais abordando as temáticas estudadas, das campanhas de divulgações, das Feiras de divulgações, do meu Laboratório Mambembe de Ciências.

Vale destacar que, o Laboratório Mambembe de Ciências é fruto de aprendizados do estágio realizado no Instituto Butantan, na seção de Artrópodos Peçonhentos e, no Museu de Animais Peçonhentos e Educação ambiental, no período de 12 a 30 de agosto de 1991; o concebi como uma metodologia de iniciação científica, na qual com uma coleção inicial de exemplares de escorpiões doada pelo Instituto Butantan somou outros objetos de estudo - tais como: substâncias químicas, exemplares anatômicos de mamíferos, serpentes, feto humano e aranhas -, pude apresentar aos alunos possibilidades sobre os conteúdos conceituais abordados nos livros didáticos e sua implicação no cotidiano pessoal e coletivo. A designação *mambembe* foi escolhida por representar a realidade escolar: ausência de Laboratório de Ciências, ausência de recursos didáticos para o Ensino de Ciências e de Biologia, e por singularmente, caber em minha sacola, a qual levava de sala em sala.

O Laboratório Mambembe de Ciências foi abalado quando decidi acondicionar os frascos com os exemplares dos espécimes, na Sala dos Professores. Eles desapareceram em uma semana.

A inclusão do Laboratório Mambembe de Ciências, na minha prática pedagógica contribuiu para o movimento de construção/(des)construção/(re)construção de uma interface de reflexão sobre o ensino de Ciências e de Biologia e, a formação de

professores-biólogos na perspectiva teórica da multirreferencialidade (ARDOINO, 1998).

Cena 4: Estava diante de um grupo de alunos, socialmente marginalizado...

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

(Paulo Freire)

Destaco outro episódio na minha experiência docente. Lecionando a disciplina Ciências, no turno noturno (jul./1997), em cinco turmas de Suplência I e II, para cerca de duzentos e vinte e cinco alunos, deparei-me com uma situação singular - em três turmas, havia alunos usuários de drogas, conseqüentemente, sujeitos desviantes do comportamento padrão (COULON, 1995a, 1995b) -, sendo freqüente o confronto entre esses alunos e algumas professoras, especialmente pela circulação de preconceitos, estereótipos e estigmas; negando, assim, o sentimento de pertença e aceitação desses alunos.

Vale fazer um recorte para esclarecer a diferença entre preconceito, estereótipo e estigmas. De acordo, com Dias (2002, p. 3), o preconceito pode ser compreendido como um conceito formado a priori, anterior à experiência e composto por atitudes – entendidas como disposições ou predisposições afetivas favoráveis (positivas) ou desfavoráveis (negativas) – direcionadas pontual ou generalizadamente para algo ou alguém, visando a restrição e a repetição de movimentos; que fala e mostra mais a respeito do preconceituoso do que do que sobre os seus objetos. Neste sentido, a tensão gerada entre aluno e professoras alimentava o conflito e explicitava os estereótipos subjacentes ao processo de exclusão de desviantes no contexto escolar.

O estereótipo, segundo Dias (2002, p. 3), é um dos elementos do preconceito, e caracteriza-se como uma forma rígida e anônima reprodutora de imagens e comportamentos que categoriza e separa os indivíduos, sendo passível de apropriação e modificação conforme as necessidades que busca transmitir, objetivando a manutenção do *status quo*. A experiência demonstrava que usuários de drogas não eram bem-vindos no ambiente escolar. Sendo reforçados mecanismos de exclusão através de estigmas.

Para Dias (2002, p. 3), o estigma, é definido como um atributo altamente depreciativo que se diferencia entre as abominações do corpo do corpo (deformidades),

as culpas de caráter individual (entendidas como vontade fraca, desonestidade, etc) e os tribais de raça, nação e religião (transmitidas através da linhagem). Era freqüente a verbalização de estigmas, tais como: “[...] Esses marginais são casos perdidos”, “[...] Esses maconheiros não querem nada”.

Questionavam-me: O que fazer? Estava diante de um grupo de alunos, socialmente marginalizado, que, *insistia* em freqüentar o espaço oficial chamado Escola – tido como propulsor de mobilidade para oportunidades sociais. Eis a questão: *Como chegar até esses alunos numa perspectiva de inclusão, via conteúdo conceitual, para discutir questões relacionadas com contexto sócio-econômico-político-cultural?*

Tendo como referência o conteúdo conceitual “*Os seres vivos e suas relações ecológicas*”, decidi trabalhar nas três turmas numa perspectiva metodológica que possibilitasse uma discussão acerca de conhecimentos científicos, culturais e subjetivos, e que criasse uma ambiência favorável para introduzir uma discussão sobre questões relativas à marginalidade social, drogas e exclusão social. No primeiro momento, utilizei o filme *O rei leão* (Animação; 88 minutos; Walt Disney Productions - 1994). Esse recurso didático propiciou discussões, interpretações e reflexões sobre questões ecológicas e a partir delas, destacamos as temáticas ecologia e subjetividade, chegamos à abordagem da marginalidade social via drogas, sem maiores constrangimentos e com *sussurrados depoimentos*.

No segundo momento, com o objetivo geral de *discutir a temática droga na vida dos sujeitos*, e com o objetivo específico de *conhecer a visão desses sujeitos sobre questões objetivas-subjetivas relacionadas ao cotidiano*; recorri a aportes teórico-metodológicos da Cromoterapia (ANDERSON, 1983) e da Psicologia, solicitando-lhes que construíssem, individualmente, um desenho e escrevessem uma mensagem sobre o mesmo. A análise dos desenhos e das frases sinalizou para as demandas humanas dos sujeitos, especialmente as de ordem subjetivas, refletindo a necessidade de pesquisas sobre o sujeito em sua relação com o saber num contexto local - circuito familiar, escola - e global - o estar no mundo das experiências coletivas numa sociedade que pensa o sujeito, numa ótica, quase sempre, desprovida da relação objetividade-subjetividade - e sobre a necessidade de pesquisas voltadas à formação inicial e continuada do professor para lidar com as insurgências que emergem no contexto da sala de aula.

No terceiro momento, tendo como objetivo geral *conhecer os desejos daqueles sujeitos*, e como objetivo específico *criar um espaço de discussão com meus pares sobre os desejos expressos pelos discentes* solicitei-lhes uma redação sobre suas

expectativas sobre o cotidiano próximo e o futuro. Os resultados foram agrupados em duas modalidades. A primeira, tratando das demandas materiais. E, a segunda modalidade relacionada às demandas eminentemente subjetivas, sendo destaque as expectativas dos alunos considerados *marginais, casos perdidos*; seus desejos estavam relacionados à tríade segurança afetiva/harmonia/sucesso profissional, exemplificado pela fala do aluno X, ele “[...] gostaria de ser jogador de futebol, casar com uma moça que ele amasse muito, ter dois filhos, morar numa casa toda branca e ser feliz”.

Ao socializar o resultado das atividades e das expectativas dos alunos, não encontrei receptividade para discussão.

Como lidar com os alunos considerados desviantes, sem excluí-los do processo ensino-aprendizagem? Como instaurar minha singularidade, num contexto educacional, que *naturaliza* padrões ideais de comportamento do que *é ser professor*? Qual o *métier* necessário para a identidade profissional do professor?

Restava-me: refletir, posicionar-me, agir, buscar e pesquisar. E, no movimento de construção/(des)construção/(re)construção da minha história de vida, na trajetória acadêmico-profissional, simbolizado por lacunas e buscas, começo a refletir sobre minha implicação profissional enquanto professora.

2.1.3 Cenário 3 – A docência na Educação Infantil (Pré-Escola) e no Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries). O projeto de pesquisa Etnobiologia na Escola

Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural.

(Paulo Freire)

Iniciei minha experiência formativa como docente na Educação Infantil (Pré-Escola) e no Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries), em 1995, ministrando a disciplina Ciências, no Centro Educacional Biosfera, na cidade de Feira de Santana – BA. A experiência permitiu-me compreender a complexidade da formação inicial da Educação Formal, e ressignificar meu olhar sobre a Educação Básica e a Educação Superior.

Ainda com base nessa experiência, compreendi a riqueza que permeia os sistemas de crenças dos indivíduos e a significância afetiva atribuída pelos sujeitos envolvidos no circuito de experiências cotidianas. Nessa perspectiva, o projeto *Etnobiologia na Escola* surgiu da observação da equipe pedagógica do Centro

Educacional Biosfera (1995-1998) (SANTOS; SANTOS e RAMOS, 2005; SANTOS; SANTOS e SANTOS, 1999a, 1999b), a episódios cotidianos em sala de aula, em que as crianças apresentavam doenças sazonais (dentre outras, resfriado, alergia respiratória) e, havendo impossibilidade do seu retorno para casa, a equipe pedagógica buscando aliviar o mal-estar apresentado, utilizava como alternativa terapêutica: chás de hortelã, de pitanga, de capim-santo e de limão com mel. Esse fato era comunicado a família, a qual não só aceitava a solução encontrada pela escola, como também passava a relatar conhecimentos referentes às plantas medicinais. Havendo troca de experiências entre as pessoas envolvidas. Ainda era comum, o relato de receitas e simpatias aprendidas e divulgadas pelas pessoas mais velhas, dentre elas, avós e bisavós, existindo, inclusive, uma validação da autoridade dessa forma de saber.

A significativa referência à credibilidade na orientação terapêutica de plantas medicinais por indivíduos idosos sinalizava possibilidades para uma investigação na interface Etnobiologia-Educação. A interface da Etnobiologia-Educação traz como possibilidade de discussão da circulação de crenças que podem interferir na aprendizagem de conteúdos escolares, especialmente as de conteúdo biológico.

A Etnobiologia é uma ciência ligada à Antropologia e à Etnometodologia e é, de modo geral, a base essencial para a compreensão da biodinâmica humana. Seu objeto de estudo compreende processos e mecanismos utilizados pelas comunidades humanas para suas conceituações sobre o conhecimento biológico relativo ao papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. Desta forma, a Etnobiologia singulariza-se como uma ciência que reconhece o Outro da Cultura e consegue dialogar com o diferente (SANTOS, 2003a, p. 66-67).

O projeto Etnobiologia na Escola trouxe significativas contribuições para o meu estudo do Mestrado em Educação (SANTOS, 2003a) e, para a reestruturação da minha prática docente como formadora de professores-biólogos que atuarão no ensino de Ciências e de Biologia na Educação Básica.

2.2 A docência na Educação Superior

A tessitura ensino-pesquisa é expressa significativamente na minha prática docente e, constitui-se como *locus* epistemológico que expressa meu movimento de

construção/(des)construção/(re)construção diante das insurgências, opacidades e demandas suscitadas ao longo do meu exercício profissional como professora-bióloga.

Na Educação Superior (1992-1994; 1996-atual), atuei/atuo como docente ministrando as disciplinas e/ou componentes curriculares Metodologia e Prática de Ensino de Ciências, Metodologia e Prática de Ensino de Biologia, Animais Peçonhentos, Metodologia do Ensino de Biologia, Estágio de Biologia, Estágio Supervisionado, Prática Pedagógica (I, II e IV) e Oficina Pedagógica, no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (Campus II – Alagoinhas), nos cursos de Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia e Licenciatura em Ciências Biológicas. E, ministrei a disciplina Metodologia e Prática de Ensino de Ciências, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (Campus XI – Serrinha) (1993).

A seguir, encaminho o leitor para conhecer as pesquisas nas quais atuei/atuo.

2.2.1 Projeto de Pesquisa (Especialização em Educação)

Navegando nos fios da teia epistêmica da minha implicação estrutural-profissional (BARBIER, 1985), no curso de Especialização em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação, decidi investigar um conteúdo caro no circuito das minhas experiências e aprendizados como aluna - os seres vivos. Sendo recorte mais pontual: A classificação dos seres vivos na concepção de professores das series iniciais do ensino fundamental do município de Feira de Santana - BA

Como esse tema instaura-se como objeto de estudo na minha caminhada acadêmico-profissional?

Na 2ª série do 1º grau (1970), fiquei sabendo que os seres vivos *nascem, crescem, reproduzem, envelhecem e morrem*, e de que existiam dois reinos de seres vivos: o animal e o vegetal. Chegando à 6ª série (1974), estudei, pela segunda vez, os seres vivos - animais (incluindo os protozoários) e vegetais. Mas, foi diante do desenvolvimento de uma micose (fungo) nos pés que questionei, pela primeira vez, sobre a origem dessa enfermidade. Após um *prolongado silêncio*, fui informada de que aquilo era uma doença e que *doença é doença*.

Cheguei ao 2º grau (1977), atual Ensino Médio da Educação Básica, sabendo que “estudaria” *a vida*. Estava assim dando início à minha formação profissional fazendo o curso de Auxiliar de Enfermagem.

Nesse curso, as doenças servem, apenas, como referência para se enfocarem métodos e técnicas na Enfermagem. Os seres vivos são marginalizados nesse currículo, apesar das inúmeras doenças cujos agentes etiológicos são bactérias, fungos e protozoários.

Ao entrar no mercado de trabalho (1981) como Auxiliar de Enfermagem, na Santa Casa de Misericórdia de Feira de Santana, conscientizo-me da fecundidade daquele *locus* de aprendizado. A diversidade de diagnósticos - tuberculose, meningite, calazar, infecções diversas, dentre outros foram fundamentais para minha reflexão sobre a relação seres vivos/doença e sua implicação na dinâmica biológica e cotidiana dos indivíduos.

Um fato serviu para reforçar em mim esse ponto de vista: a chegada de uma criança, com apenas dois anos de vida, usando uma drenagem torácica e com o diagnóstico de Derrame Pleural no pulmão esquerdo. Cuidei dela por aproximadamente três meses, e sempre que via a quantidade de pus saída do seu pulmão, questionava-me: Por que no currículo de formação do Auxiliar de Enfermagem a relação seres vivos/doenças não é enfatizada? Como o Auxiliar de Enfermagem pode compreender o mecanismo das doenças para além do ritual de técnicas e cuidados higiênicos em sua ação diante do paciente?

Percebendo que necessitava iniciar um processo de busca/procura que contemplasse minhas inquietações, passei a expor os meus questionamentos aos pediatras Dr. Carlito Guimarães e Dr. Adolfo Luna, e eles se disponibilizaram para abordar algumas das questões referentes à relação entre os seres vivos e as doenças e outras subseqüentes.

Atenta à relação seres vivos/doença e sua implicação na dinâmica biológica e cotidiana dos indivíduos, ao ingressar no curso de Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia (1985), começo a perceber ruídos no ensino ministrado aos futuros professores-biólogos que atuariam no Ensino de Ciências e de Biologia.

Essas experiências foram fundamentais para os meus estudos sobre os seres vivos (SANTOS, 1997, 2000, 2003b), sendo desveladas, dentre outras questões, a relacionadas a formação de professores, a relação ciência-sistema de crenças nos conteúdos científicos veiculados na sala de aula.

2.2.2 Projeto de implantação do Núcleo de Investigação de Prática de Ensino

O projeto de implantação do *Núcleo de Investigação de Prática de Ensino (NIPE)*, da Universidade do Estado da Bahia – Campus II / Alagoinhas, surgiu, em 1998, com os seguintes objetivos: Estudar a situação das Licenciaturas e as modalidades de Estágio Supervisionado em prática no país; Articular teoria e prática, através da experimentação de conteúdos, abordagens, metodologias, por parte do corpo discente, durante todo o seu percurso acadêmico, num trabalho de interação com as diversas disciplinas do currículo; Estabelecer o Estágio Supervisionado, como espaço de construção e (des)construção da atividade docente, no contexto da práxis social; Revisar as ementas e currículo das disciplinas articuladas ao *Núcleo de Investigação de Prática de Ensino (NIPE)*, propondo alterações, quando necessárias; Divulgar as produções acadêmicas dos docentes e discentes do *Núcleo de Investigação de Prática de Ensino (NIPE)*; Propor discussões acerca de temas que embasem a prática pedagógica da comunidade escolar.

O *Núcleo de Investigação de Prática de Ensino (NIPE)* era composto por todos os docentes das disciplinas Prática de Ensino, Metodologia do Ensino, Didática, Psicologia e Estrutura e Funcionamento do Ensino dos Departamentos do Campus II da Universidade do Estado da Bahia.

Atuei como Coordenadora do *Núcleo de Investigação de Prática de Ensino* da Universidade do Estado da Bahia - Campus II / Alagoinhas, no ano de 1998. Licenciando-me, a partir de janeiro de 1999, para cursar o Mestrado em Educação na Universidade de São Paulo.

Coordenei o *I Seminário do Núcleo de Investigação de Prática de Ensino* da Universidade do Estado da Bahia – Campus II / Alagoinhas, realizado no período de 17 a 18 de dezembro de 1998.

A existência do *Núcleo de Investigação de Prática de Ensino* foi efêmera. Seu Regimento Interno foi aprovado pelo Conselho Universitário (CONSU) através da portaria nº 203/2002, em 18 de julho de 2002. Em novembro de 2005, o NIPE é concebido no Regimento Interno do Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão (NUPE), do Campus II da Universidade do Estado da Bahia, como “[...] um projeto de ensino envolvendo vários pesquisadores”. Afastada, no período de outubro de 2004 a setembro de 2008, para cursar o Doutorado em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande

do Norte, desconheço as implicações dessas opacidades Instituições, mas um fato é pontual: o *I Seminário do Núcleo de Investigação de Prática de Ensino* da Universidade do Estado da Bahia – Campus II / Alagoinhas está “extinto”.

2.2.3 Projeto de Pesquisa (Mestrado em Educação)

Qual o caminho que o pesquisador deve percorrer para construir um objeto de estudo? De acordo com discussões sobre a importância e especificidades do conhecimento científico da pesquisa acadêmica, da pesquisa básica e da pesquisa aplicada são múltiplos os olhares que compõem o contexto de insurgências, opacidades e demandas suscitadas na construção de um objeto de estudo.

As demandas emergidas, no circuito das minhas experiências acadêmico-profissional-pessoal, contribuíram para a constituição da teia epistêmica que expressa meu percurso na construção do objeto de estudo – sistema de crenças – e a intersubjetividade que singularizou a compreensão da relação objetividade/subjetividade que permeia a minha *implicação estrutural-profissional* (BARBIER, 1985).

Nesta perspectiva, apresento o movimento de construção/(des)construção/(re)construção do meu objeto de estudo no Mestrado em Educação (SANTOS, 2003a). A investigação singulariza-se como Pesquisa Básica, Abordagem Qualitativa, fundamentada na Etnometodologia, via Estudo de Caso, com trânsitos teóricos pela Multirreferencialidade, pela Psicanálise, pelas filosofias bacherladiana e moriniana, pela Etnobiologia e pela Psicologia Social.

No período de 1981 a 1986, atuei como Auxiliar de Enfermagem em dois hospitais públicos; onde era freqüente o relato de pacientes e de seus familiares quanto ao uso de animais (baratas, lagartixa, cágado, formiga, cobra, dentre outros) e plantas como remédio. Fato que despertou meu interesse pelo uso das terapias alternativas – com animais e plantas – feito por pessoas que transitavam naquele ambiente oficial de terapia da Medicina científica. Na verdade, o conhecimento alternativo referente ao uso de plantas e animais constituía-se num rico acervo da terapêutica da Medicina de *folk* ou Etnomedicina.

Comecei a me interessar por uma escuta da cultura das pessoas sem formação científica, buscando o conhecimento das pessoas mais velhas. Passei a articular

situações antigas, pessoais (diálogos tidos com minha avó paterna sobre plantas medicinais e a mística da relação saúde-doença); diálogos e escuta de conversas de terceiros sobre o conhecimento de questões biológicas, na visão do senso comum. Existia uma lógica na estruturação daquela forma de conhecer, assegurada e re-significada pelas novas gerações.

Com o olhar sensibilizado para questões relacionadas aos sistemas de crenças, em 1986, durante o XIII Congresso Brasileiro de Zoologia, participei do mini-curso Etnobiologia e Ciência do Futuro dos Povos Indígenas. Na oportunidade, tomei consciência de que os sistemas de crenças coletivos são fundamentais como referência, diferenciação e identificação de determinadas culturas.

Descobri ali que, o conhecimento científico, almejado como referencial máximo para minha formação, como bióloga, não era o único. E, ainda mais, que o conhecimento biológico “prático” ou de *folk* possuía uma construção histórica e simbólica, a partir da visão de mundo estabelecida por um determinado grupo cultural.

Com reflexões preliminares sobre sistemas de crenças, em julho de 1987, ao me envolver na pesquisa qualitativa *A Escola Básica em Feira de Santana 1950-1980*, acrescento novos elementos para o aprofundamento de questões quanto ao vínculo Ciência e sistemas de crenças.

A temática ajudou-me, posteriormente, a identificar melhor o que ocorre quando o ensino de Biologia é internalizado pelo professor. Percebi que, ao receber seus valores do Outro – daquele que não é como eu, daquele que é diferente de mim –, o professor entra em uma situação muito pouco observada nas pesquisas. Isto porque este Outro acaba ocupando um lugar estratégico na maneira como o indivíduo estabelece seu sistema de crenças, fazendo os processos educativos não serem simples cópias passivas daquilo que o professor diz, mas com possibilidade de colocar em cheque tudo aquilo que o sujeito aprendeu anteriormente.

Em 1989, ingressei no Projeto *Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia* e dentre as várias etapas do projeto, fiz Educação Ambiental, na qual o Outro, o Ambiente e o Sistema de Crenças ocupavam um lugar de destaque. Mais uma vez me vi diante de um Outro a ser descoberto. Quem era esse Outro? Como pensava? De que maneira ele constituía suas idéias?

Ainda nesta etapa, comecei a dar importância a certos diálogos estabelecidos com as professoras de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, pedreiros, vaqueiros, lavradores, donas de casa, pois eles me traziam novos elementos. Eles me traziam o

referencial do Outro. A identificação de um outro olhar em relação à pesquisa científica. Uma linguagem permeada de historicidade e mobilidade do conhecimento instituinte de cada indivíduo imerso na construção sócio-cultural. Percebia que esta linguagem era, no entanto, marginalizada pela cultura científica oficializada no ensino de Biologia.

Através do projeto Serpentário Externo da Universidade Estadual de Feira de Santana, mais uma vez me vi interessada pela fala do Outro. Comecei a perguntar sobre o que havia de interessante nela. A princípio, localizei o meu interesse: um conhecimento que perpassava o aqui e agora, e que ia em direção ao conhecimento dos “mais velhos”, sendo exemplos: “se você pisar em uma cobra, ela vai tocaiar você para matá-lo”, “a cobra briga com o teiú”.

Naquelas falas havia algo que me chamava a atenção. O conhecimento a que me refiro estava marginalizado pela objetividade científica. Tinha que introduzir para esses atores sociais a concepção “científica” de cobra e, esbarrava em uma concepção prévia: a concepção de cobra trazida por aquelas pessoas. Era freqüente uma contra-argumentação respaldada na fala dos “mais-velhos”:

O fato de estar receptiva para o movimento do conhecer/saber da cultura popular forneceu-me subsídios para compreender que o Currículo de Ensino de Biologia talvez tenha maior dificuldade de ser compreendido pelas pessoas, devido aos sistemas de crenças que elas apresentam. Percebi que não bastava apenas transmitir o saber científico; era preciso também levar em consideração o sistema de crenças que o aluno havia constituído.

Dentre as experiências vivenciadas no Ensino Fundamental, a realização de um trabalho, com alunos da 6ª série, sobre plantas medicinais, forneceu-me informações significativas quanto ao status de conhecimento que determinadas crenças gozam junto à população, especialmente as que dizem respeito à relação planta/doença.

No Ensino Superior, acabei constituindo um olhar mais atento quanto à circulação de sistemas de crenças no circuito escolar. Na etapa caracterizada como Estágio Supervisionado, foi possível observar diálogos marcados pelo conflito entre alunos da Educação Básica e licenciandos sobre crenças aprendidas e re-significadas na experiência cotidiana.

Na Pós-Graduação em Educação, através da disciplina *Vigotsky, Wallon e Lacan: o processo de constituição do sujeito*, foi-me apresentado um significativo referencial teórico da Psicanálise, especialmente no tocante ao processo de (des)construção da supremacia da consciência na constituição do sujeito. Referencial

que fez vacilar minha concepção de verdade científica, verdade já arranhada desde o meu encontro com a Etnobiologia. Estava diante de uma abordagem teórica na qual a verdade se constitui como procura. Abordagem que me possibilitou, de maneira embrionária, fazer uma articulação da mesma com a proposta da Etnobiologia – para a qual existe uma construção de conhecimento para além do que a verdade do conhecimento científico promulga como saber único.

Pude perceber que a Etnobiologia e a Psicanálise falavam da incompletude do saber. Todavia, ambas apresentavam sua singularidade ao se referir ao sujeito. A Etnobiologia, pontuando o sujeito da Cultura, circunscreve-o no plano da linguagem do consciente, da transmissão do saber enquanto produto de re-significação na dinâmica cultural. Já a Psicanálise, discutindo a constituição do sujeito, diz da sua incompletude diante da linguagem, evidenciando o inconsciente.

Foi no movimento da instauração de minha escuta que meu olhar para a concepção de Ciência e do meu objeto de estudo tornaram-se foco de ruptura em minha trajetória enquanto pesquisadora, produzindo a emergência de um novo olhar.

Esse novo olhar detectou a singularidade de um velado e um desvelado na fala dos/as entrevistados/as, na fase da Pesquisa Exploratória. Existia naquelas falas algo que escapava ao circuito da Ciência, e denunciava o limite do conhecimento científico positivista quanto às questões relacionadas às crenças validadas na dinâmica cultural, que transitavam no contexto escolar, de maneira singular, independente da formação científica daqueles sujeitos. Emergia a subjetividade do/a professor/a de Biologia.

O que fazer diante de um objeto de estudo que não se deixa capturar pela objetividade da Ciência positivista, que autoriza o discurso do/a professor/a de Biologia, em sua formação? Essa questão constituiu-se, para mim, um obstáculo a ser superado; eu estava diante de um impasse acadêmico e intelectual que sinalizava para uma ruptura epistêmica do objeto de estudo, até então circunscrito apenas ao plano da consciência e da objetividade e tratado somente nesse plano.

A pesquisa do Mestrado – *O papel do sistema de crenças na constituição do professor de biologia no ensino médio: auxílio ou empecilho?* – tem como objeto de estudo o impacto que os sistemas de crenças apresentam na concepção científica do/a professor/a de Biologia do Ensino Médio. Duas questões fundamentais são discutidas neste trabalho: até que ponto o sistema de crenças dos professores traria em seu bojo uma resistência ao saber científico, e como essa resistência interferiria na maneira costumeira de o professor transmitir o conteúdo científico.

2.2.4 Projeto de pesquisa Saúde, Cultura e Ciência

A pesquisa *Saúde, Cultura e Ciência: fronteiras e interfaces de saberes* (2008-2010) objetiva investigar discursos formativos que contemplam a interface saúde/cultura/ciência, sobretudo, os discursos relativos ao uso de plantas, animais e simpatias como terapias curativas e discursos formativos sobre enfermidade (*disease*) e doença (*illness*).

Ela está vinculada à linha de pesquisa *Saúde, Cultura e Etnomedicina* do Núcleo de Antropologia da Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana, que objetiva investigar discursos que contemplem a interface saúde/cultura/ciência, sobretudo, os discursos relativos ao uso etnoterapêutico de plantas, animais e simpatias, na dinâmica cultural, como práticas curativas e formativas.

Ela ancora subprojetos que contemplem os objetivos do projeto de pesquisa matriz. Atualmente, desenvolvo o subprojeto *A interface saúde/cultura/ciência: a tessitura de discursos sobre o uso de plantas, animais e simpatias como terapia curativa*.

Subprojeto de pesquisa 1: A interface saúde/cultura/ciência: a tessitura de discursos sobre o uso de plantas, animais e simpatias como terapia curativa

Valdecí dos SANTOS

E-mail: vdsantos@uneb.br - <http://www.valdeci.bio.br>

Objetivos:

O estudo versa sobre a tessitura de discursos sobre o uso de plantas, animais e simpatias como terapia curativa.

População alvo:

Oitenta alunos do Ensino Médio da Educação Básica, do Centro Integrado Luiz Navarro de Brito, da cidade de Alagoinhas – BA.

Metodologia:

Aplicação de questionário individual aberto, em maio de 2000, nos turnos matutino, vespertino e noturno. É questão norteadora: O que você acha dos conhecimentos das pessoas “mais velhas/sem estudos” sobre o uso de plantas como remédio, infusão de cobras para combater o veneno de cobras perigosas e simpatias?

Acervo do material coletado:

A memória iconográfica constituída por fotografias dos alunos e da escola, e os questionários estão arquivados no acervo pessoal da pesquisadora.

Produção bibliográfica relativa à pesquisa:

SANTOS, Valdecí dos. Etnoconhecimentos biológicos na visão de alunos do ensino médio: etnoterapêutica. In: ENCONTRO "PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA", 9., 2004, São Paulo. **Coletânea...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. Etnoterapêutica, sistemas de crenças e memória cultural: o olhar multirreferencial da etnobiologia e dos estudos culturais. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE, 5., 2007, Ilhéus. **Resumos...** Ilhéus: Universidade de Santa Cruz, 2007.

Duração da pesquisa:

Ínicio: maio/2000 Suspensão da pesquisa: jun./2000 a set./2008
Reativação da pesquisa: out./2008

Justificativa para a suspensão temporária da pesquisa:

Esta pesquisa, iniciada em maio/2000, foi suspensa devido à impossibilidade de conciliação das atividades inerentes à pesquisa do Mestrado em Educação (Universidade de São Paulo, 1999-2003) e à pesquisa do Doutorado em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004-2008).

Etapa atual da pesquisa:

1. Análise de dados
2. Elaboração de artigo

2.2.5 Projeto de pesquisa (Doutorado em Educação)

A seguir, contextuo minhas experiências formativas relacionadas com o duplo vida-morte, na área da Saúde, como Auxiliar de Enfermagem (1978-1986), e na área da Educação, como *professora-bióloga*, que corroboraram na construção da teia epistêmica do meu objeto de estudo do Doutorado em Educação – *O discurso do biólogo sobre a morte*.

Como o duplo vida-morte é expresso nas minhas experiências formativas?

Na 2ª série do 1º grau (1970), fiquei sabendo que os seres vivos *nascem, crescem, reproduzem, envelhecem e morrem*, e de que existiam dois reinos de seres vivos: o animal e o vegetal. Chegando à 6ª série (1974), estudei, pela segunda vez, os seres vivos - animais (incluindo os protozoários) e vegetais. Mas, foi diante do desenvolvimento de uma micose (fungo) nos pés que questionei, pela primeira vez, sobre a origem dessa enfermidade. Após um *prolongado silêncio*, fui informada de que aquilo era uma doença e que *doença é doença*.

Cheguei ao 2º grau (1977), atual Ensino Médio da Educação Básica, sabendo que *estudaria a vida*. Vivenciaria, mais uma vez, um estudo da vida que marginaliza o seu duplo – a morte. Estava assim dando início à minha formação profissional fazendo o curso de Auxiliar de Enfermagem.

Nesse curso, as doenças servem, apenas, como referência para se enfocarem métodos e técnicas na Enfermagem. Os seres vivos são marginalizados nesse currículo, apesar das inúmeras doenças cujos agentes etiológicos são bactérias, fungos e protozoários. Algo, igualmente importante me chama atenção: a morte, *atriz bailarina* no circuito hospitalar, - *locus* legitimado para o desenlace da vida - não é abordada, ficando implícita a existência de um *silêncio ruidoso sobre a morte* na base curricular.

Como lidar com a morte daquele paciente que você está cuidando? Como dar a notícia da morte do paciente à família? Como lidar com a morte daquele que você cuidou e estabeleceu vínculos afetivos? Como atender às necessidades do paciente terminal para além dos cuidados de enfermagem? Como lidar com a compreensão da morte, numa ordem outra que não seja apenas a de saber as técnicas de cuidados com o corpo do paciente em óbito?

Essas questões ficam sempre fora dos ensinamentos. O Auxiliar de Enfermagem tem que, acima de tudo, manter o controle emocional (isso, sim, é reforçado nas aulas).

E ter bom controle emocional significa não se envolver com o paciente. Não é superficial lembrar que éramos avaliados com notas de zero a dez para confirmar nossa competência teórica e emocional.

No circuito das minhas experiências formativas foi que, ao entrar no mercado de trabalho (1981-1986), como Auxiliar de Enfermagem, vivenciei outro conflito cognitivo: de um lado, o conhecimento teórico postulado no processo de formação, de outro, a demanda de situações emergidas no cotidiano hospitalar, estando a lógica dos conhecimentos da formação arranhada por essa diversidade e, em especial, pela percepção da marcante dificuldade da equipe de enfermagem em lidar com a morte no espaço hospitalar. Fato pontualmente evidenciado, no ritual de comunicação do óbito aos familiares: “[...] Quem vai dar a notícia da morte?”. Como lidar com a família do paciente em óbito? Como lidar com a finitude da vida do Outro?

A cada experiência, mostrava-se mais evidente a necessidade fundamental da inclusão dos temas *doença, vida e morte* no currículo de formação dos profissionais dos cursos que tratam da vida.

Atenta ao silêncio ruidoso sobre a morte, ao ingressar na Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia (1985.1), percebi a fragmentação do currículo de formação do biólogo. A vida, objeto de estudo da Biologia, não foi referendado em nenhum momento do curso. Chama a atenção que, no processo de formação científica do biólogo, a morte, em geral, aparece nas discussões sobre processos metabólicos dos seres vivos.

Recordo-me da busca de parceria junto a professores e colegas para formar um grupo de estudo sobre a vida e, dentre os objetivos, ler e discutir os livros *A origem das espécies* de autoria de Charles Darwin e *Teoria da evolução: de Darwin a teoria sintética* de autoria de Newton Freire-Maia. A parceria nunca foi concretizada. Realizei meu desejo solitariamente. Num movimento de transgressão, durante a realização de um Seminário na disciplina Zoologia Geral, abordei a temática a mim destinada, numa perspectiva evolutiva; como resultado surgiu um mal-estar na relação professor-aluno.

Como discutir a vida, objeto teórico da Biologia, numa estrutura curricular atravessada pelo *silêncio sobre a vida* numa perspectiva teórica? Essa questão mobilizou, pontualmente, o meu olhar para duas singularidades: o duplo vida-morte e os discursos objetivos-subjetivos sobre crenças biológicas.

Ao instaurar-me, profissionalmente, na Educação, como *professora-bióloga*, vivenciei as implicações de uma formação marcada por silêncios. Todavia, ocupando

um lugar privilegiado, no qual atuava simultaneamente, como docente na Educação Básica e na Educação Superior como Formadora de futuros professores-biólogos, estabeleci uma proposta pessoal ancorada na noção de incompletude de saberes e conhecimentos para vivenciar o movimento de construção/(des)construção/(re)construção das experiências formativas pessoal-acadêmico-profissionais que dizem da singularidade da identidade profissional dos sujeitos.

Os processos de significação do silêncio sobre a morte, das minhas experiências formativas pessoal-acadêmico-profissionais e do discurso das biólogas atrizes/autora deste estudo sobre a morte, levaram-me a conceituar *silêncio ruidoso sobre a morte* como, um mecanismo objetivo-subjetivo fundamentado pelo *não-dito da morte*, que codifica a opacidade do conflito cognitivo-emocional do sujeito objetivo-subjetivo sobre a finitude da vida humana expressa pela relação imaginário-real imbricada na significação dos sentidos inerentes à construção da tessitura silenciosa que permeia a maneira como os sujeitos lidam com o fenômeno biológico morte. Ele diz da cisão do duplo vida-morte e da negação da morte; e *alerta* para a existência de tensões e conflitos conscientes e inconscientes sobre a finitude da vida.

À vista do que se vem de considerar, é imprescindível que se cogite das percepções sobre finitude, finitude da vida, morte e morrer. Os seres vivos são finitos. O *Homo sapiens sapiens* é finito. De acordo com Mèlich (2002), finitude e morte são diferentes; finitude é o itinerário que vai do nascimento para a morte. A finitude é a vida limitada, pois a vida ancora-se no tempo e na contingência. Considera esse autor que a morte não faz parte da finitude, ela é uma de suas condições e, ao mesmo tempo, é sua negação.

Destaco a diferença e a proximidade entre os termos morte, morrer e finitude da vida aqui referendados. A morte é compreendida como a construção cognitiva sobre a ruptura do fenômeno biológico vida e constitui um *saber* que permite um olhar multirreferencial sobre o movimento do existir do indivíduo, evidenciando a sua condição de sujeito tecido na mescla objetividade-subjetividade. Morrer é o ato-causa que demarca a ruptura da vida e instaura a morte como símbolo da finitude da vida, que pode ser demarcada por ruídos metabólicos, por traumas violentos, por suicídio, por catástrofes. E a finitude da vida é encarada como uma construção epistemológica de *saberes* relativos ao duplo vida-morte, à morte, à cisão do sujeito e aos princípios de

inclusão e de exclusão do sujeito objetivo-subjetivo, que codifica a temporalidade da existência do *Homo sapiens sapiens*.

Por que investigar *o discurso do biólogo sobre a morte*? Considero evidente que a morte é um tema que abrange, simultaneamente, a formação científica do biólogo e a cisão do sujeito, e diz respeito à cisão do duplo vida-morte e aos princípios de inclusão e de exclusão do sujeito. Os princípios de inclusão e de exclusão (MORIN, 1996) dizem da relação inseparável entre a singularidade subjetiva do eu, e da subjetividade de outros eus na constituição da identidade do sujeito.

Qual a tessitura epistêmica que fundamenta o discurso do biólogo sobre a morte? Essa é a questão sensibilizadora, ponto de partida do estudo do qual me ocupei no Doutorado em Educação.

2.2.6 Projeto de pesquisa Memória do Ensino de Biologia

O projeto de Pesquisa *Memória do ensino de Biologia* sistematiza subprojetos com ênfase em estudos centrados em sub-áreas da Educação - Currículo, Formação e Memória -, que norteiam as linhas de pesquisas e discussões sobre a formação de professores-biólogos, a saber: Ensino de Biologia, Ensino de Ciências, Estágio Supervisionado, Etnobiologia, Formação, Formação de Professores, História Oral, Metodologias de Ensino, Prática Docente, Memória, (Auto)biografia, História de Vida e Profissionalização Docente.

A constituição do projeto de Pesquisa *Memória do ensino de Biologia* visa instaurar um *locus epistemológico* de discussão sobre a formação de professores-biólogos, considerando-se a tríade Ciência/Cultura/Tecnologia.

A população deste estudo é constituída por: professores-biólogos que atuam no ensino de Biologia no Ensino Médio da Educação Básica; discentes do Ensino Médio da Educação Básica; professores-biólogos que atuam em Escolas Famílias Agrícolas da Bahia, egressos da Universidade do Estado da Bahia; e licenciandos em Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia.

São objetivos: a) Contribuir para a construção da memória do Ensino de Biologia; b) instaurar um *locus epistemológico* de discussão sobre a formação de professores-biólogos, considerando-se a tríade Ciência/Cultura/Tecnologia;

O projeto ancora-se, metodologicamente, num movimento recursivo que contempla os objetivos do projeto de pesquisa matriz. Sendo destaques: os subprojetos, a manutenção do site <http://www.valdeci.bio.br> e a edição da Revista Metáfora Educacional – ISSN 1809-2705.

Subprojeto de pesquisa 1: A tessitura do discurso formativo, de discentes do ensino médio, sobre o ensino de Biologia

Valdecí dos Santos

Objetivos: O estudo versa sobre o discurso formativo, de discentes do ensino médio, sobre o ensino de Biologia.

População alvo: Oitenta alunos do Ensino Médio da Educação Básica, do Centro Integrado Luiz Navarro de Brito, da cidade de Alagoinhas – BA.

Metodologia:

A entrevista compreensiva é a base metodológica do processo de construção/(des)construção/(re)construção do objeto de estudo. Fundamenta-se na *análise compreensiva do discurso*, constituindo-se em abordagem metodológica, desenvolvida pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann (KAUFMANN, 1996), cuja significância está, por um lado, em propor um processo inverso no modo de construir o objeto de estudo. A entrevista compreensiva define uma ruptura progressiva e relativa com o senso-comum dentro de um processo circular entre a compreensão, a escuta atenta, o recuo do pesquisador e a análise crítica.

Na entrevista compreensiva, as hipóteses são forjadas no processo de escuta das entrevistas, tendo como fio norteador os *núcleos de significados* emergidos das falas dos sujeitos.

Os *núcleos de significados* são definidos por Santos (2008) como as constelações temáticas emergidas na elaboração dos discursos dos sujeitos sobre um determinado tema central. Esses núcleos evidenciam a singularidade dos sujeitos diante de temas que comportam as opacidades, os atos falhos, os lapsos de memória, os conflitos, as implicações libidinais, os preconceitos e as crenças primitivas, constituindo-se num sistema de referências das demandas conscientes e inconscientes.

Nesse estudo, optei pela *entrevista estruturada*, tendo como roteiro um questionário aberto, individual, para coleta da do discurso dos discente, referentes à questão norteadora: O que você considera importante para o ensino de Biologia?

Acervo do material coletado:

A memória iconográfica constituída por fotografias dos alunos e da escola, e os questionários estão arquivados no acervo pessoal da pesquisadora.

Duração da pesquisa: Início: maio/2000 Suspensão da pesquisa: jun./2000 a out./2008
Reativação da pesquisa: dez./2008

Justificativa para a suspensão temporária da pesquisa:

Esta pesquisa, iniciada em maio/2000, foi suspensa devido à impossibilidade de conciliação das atividades inerentes à pesquisa do Mestrado em Educação (Universidade de São Paulo, 1999-2003) e à pesquisa do Doutorado em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004-2008).

Etapa atual da pesquisa:

Esta pesquisa encontra-se em fase de reestruturação.

Subprojeto de pesquisa 2: O processo formativo da identidade profissional do professor-biólogo

Valdecí dos Santos

Objetivos:

Conhecer o discurso do Licenciando em Biologia sobre a identidade profissional do professor-biólogo.

População alvo:

A população de entrevistados é constituída por cinco discentes da Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia da Universidade do Estado da Bahia – Campus II/Alagoinhas.

Metodologia:

A entrevista compreensiva é a base metodológica do processo de construção/(des)construção/(re)construção do objeto de estudo. Fundamenta-se na *análise compreensiva do discurso*, constituindo-se em abordagem metodológica, desenvolvida pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann (KAUFMANN, 1996), cuja significância está, por um lado, em propor um processo inverso no modo de construir o objeto de estudo. A entrevista compreensiva define uma ruptura progressiva e relativa com o senso-comum dentro de um processo circular entre a compreensão, a escuta atenta, o recuo do pesquisador e a análise crítica.

Na entrevista compreensiva, as hipóteses são forjadas no processo de escuta das entrevistas, tendo como fio norteador os *núcleos de significados* emergidos das falas dos sujeitos.

Os *núcleos de significados* são definidos por Santos (2008) como as constelações temáticas emergidas na elaboração dos discursos dos sujeitos sobre um determinado tema central. Esses núcleos evidenciam a singularidade dos sujeitos diante de temas que comportam as opacidades, os atos falhos, os lapsos de memória, os conflitos, as implicações libidinais, os preconceitos e as crenças primitivas, constituindo-se num sistema de referências das demandas conscientes e inconscientes.

Na investigação, utilizei como técnica a *entrevista não-estruturada* (CRUZ-NETO, 1994), individual, gravada em fita cassete, no mês de maio de 2000, sendo questão norteadora: *o processo formativo da identidade profissional do professor-biólogo*.

Etapa 1: Entrevista e Transcrição da Entrevista

- Aline Soares de Souza. Sua entrevista foi realizada em 19/maio/2000, no Núcleo de Investigação de Prática de Ensino, do Campus II/Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia, teve a duração de sessenta minutos. Transcrita em jun./2000.
- Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto. Sua entrevista foi realizada em 18/maio/2000, no Núcleo de Investigação de Prática de Ensino, do Campus II/Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia, teve a duração de sessenta minutos. Transcrita em jun./2000.
- Valquírio Martins Oliveira. Sua entrevista foi realizada em 23/maio/2000, no Núcleo de Investigação de Prática de Ensino, do Campus II/Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia, teve a duração de noventa minutos. Transcrita nos meses de jun./ago. de 2000.

- Gracineide Selma Santos de Almeida. Sua entrevista foi realizada em 18/maio/2000, no Herbário, do Campus II/Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia, teve a duração de sessenta minutos. Falta transcrever a entrevista.
- Jacilene do Nascimento Rezende. Sua entrevista foi realizada em 19/maio/2000, LABMARH, do Campus II/Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia, teve a duração de sessenta minutos. Transcrita em jun./2000.

Etapa 2: Escuta da entrevista e Leitura da Transcrição da Entrevista

As escutas da entrevistas, as leituras das transcrições e as assinaturas dos documentos de autorizações e doações das fontes primárias foram realizadas, pelos(as) entrevistados(as), no mês de janeiro de 2001, no Núcleo de Investigação de Prática de Ensino, da Universidade do Estado da Bahia – Campus II.

Acervo do material coletado:

A memória iconográfica constituída por fotografias referentes às etapas 1 e 2, a memória fonográfica, os registros produzidos pela transcrição das fontes orais primárias, as cópias das correspondências enviadas aos(as) entrevistados(as), as correspondências recebidas dos(as) entrevistados(as) estão arquivados no acervo pessoal da pesquisadora.

Duração da pesquisa:

Ínicio: maio/2000 Suspensão da pesquisa: fev./2001 a out./2008
Reativação da pesquisa: dez./2008

Justificativa para a suspensão temporária da pesquisa:

Esta pesquisa, iniciada em maio/2000, foi suspensa devido à impossibilidade de conciliação das atividades inerentes à pesquisa do Mestrado em Educação (Universidade de São Paulo, 1999-2003) e à pesquisa do Doutorado em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004-2008).

Etapa atual da pesquisa:

Esta pesquisa encontra-se em fase de reestruturação.

Subprojeto de pesquisa 3: A relação cultura/ciência no ensino de Biologia

Valdecí dos Santos

Objetivos:

Conhecer o discurso do professor-biólogo sobre a relação cultura/ciência no ensino de Biologia.

População alvo:

A população de entrevistados é constituída por cinco professores-biólogos graduados em Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus II/Alagoinhas, que atuam na Educação Básica na rede pública de ensino na cidade de Alagoinhas – BA, ministrando as disciplinas Ciências e/ou Biologia.

Metodologia:

A entrevista compreensiva é a base metodológica do processo de construção/(des)construção/(re)construção do objeto de estudo. Fundamenta-se na *análise compreensiva do discurso*, constituindo-se em abordagem metodológica, desenvolvida pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann (KAUFMANN, 1996), cuja significância está, por um lado, em propor um processo inverso no modo de construir o objeto de estudo. A entrevista compreensiva define uma ruptura progressiva e relativa com o senso-comum dentro de um processo circular entre a compreensão, a escuta atenta, o recuo do pesquisador e a análise crítica.

Na entrevista compreensiva, as hipóteses são forjadas no processo de escuta das entrevistas, tendo como fio norteador os *núcleos de significados* emergidos das falas dos sujeitos.

Os *núcleos de significados* são definidos por Santos (2008) como as constelações temáticas emergidas na elaboração dos discursos dos sujeitos sobre um determinado tema central. Esses núcleos evidenciam a singularidade dos sujeitos diante de temas que comportam as opacidades, os atos falhos, os lapsos de memória, os conflitos, as implicações libidinais, os preconceitos e as crenças primitivas, constituindo-se num sistema de referências das demandas conscientes e inconscientes.

Na investigação, utilizei como técnica a *entrevista não-estruturada* (CRUZ-NETO, 1994), individual, gravada em fita cassete, no mês de maio de 2000, sendo questão norteadora: *a relação cultura/ciência no ensino de Biologia*.

Etapa 1: Entrevista e Transcrição da Entrevista

- Clése Silva de Cerqueira. Sua entrevista foi realizada em 22/maio/2000, na casa da entrevistada, teve a duração de sessenta minutos. Transcrita em jun./2000.
- Keydian Vergasta Teixeira. Sua entrevista foi realizada em 23/maio/2000, na Sala de Professores, do Campus II/Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia, teve a duração de noventa minutos. Transcrita em ago./2000.
- Daniela Cardoso Napomucena. Sua entrevista foi realizada em 25/maio/2000, na Sala de Professores, do Campus II/Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia, teve a duração de noventa minutos. Transcrita em ago./2000.
- Neide Sales dos Santos. Sua entrevista foi realizada em 22/maio/2000, na casa da entrevistada, teve a duração de cento e vinte minutos. Transcrita em jun./2000.

- Rita de Cássia de Philadelpho Neves Xavier. Sua entrevista foi realizada em 30/maio/2000, na Secretaria Municipal de Educação de Alagoinhas, teve a duração de sessenta minutos. Falta transcrever a entrevista.

Etapa 2: Escuta da entrevista e Leitura da Transcrição da Entrevista

As escutas da entrevistas, as leituras das transcrições e as assinaturas dos documentos de autorizações e doações das fontes primárias foram realizadas, pelas entrevistadas, no mês de janeiro de 2001, no Núcleo de Investigação de Prática de Ensino, da Universidade do Estado da Bahia – Campus II.

Acervo do material coletado:

A memória iconográfica constituída por fotografias referentes às etapas 1 e 2, a memória fonográfica, os registros produzidos pela transcrição das fontes orais primárias, as cópias das correspondências enviadas as entrevistadas, as correspondências recebidas das entrevistadas estão arquivados no acervo pessoal da pesquisadora.

Duração da pesquisa:

Ínicio: maio/2000

Suspensão da pesquisa: fev./2001 a out./2008

Reativação da pesquisa: dez./2008

Justificativa para a suspensão temporária da pesquisa:

Esta pesquisa, iniciada em maio/2000, foi suspensa devido à impossibilidade de conciliação das atividades inerentes à pesquisa do Mestrado em Educação (Universidade de São Paulo, 1999-2003) e à pesquisa do Doutorado em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004-2008).

Etapa atual da pesquisa:

Esta pesquisa encontra-se em fase de reestruturação.

Subprojeto de pesquisa 4: Representações sociais de professores-biólogos sobre currículo

Valdecí dos Santos

Objetivos:

Conhecer as representações sociais de professores-biólogos sobre currículo.

População alvo:

A população de entrevistados é constituída por três professores-biólogos graduados em Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus II/Alagoinhas, que atuam na Educação Básica, na rede pública de ensino na cidade de Alagoinhas – BA, ministrando as disciplinas Ciências e/ou Biologia.

Metodologia:

A entrevista compreensiva é a base metodológica do processo de construção/(des)construção/(re)construção do objeto de estudo. Fundamenta-se na *análise compreensiva do discurso*, constituindo-se em abordagem metodológica, desenvolvida pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann (KAUFMANN, 1996), cuja significância está, por um lado, em propor um processo inverso no modo de construir o objeto de estudo. A entrevista compreensiva define uma ruptura progressiva e relativa com o senso-comum dentro de um processo circular entre a compreensão, a escuta atenta, o recuo do pesquisador e a análise crítica.

Na entrevista compreensiva, as hipóteses são forjadas no processo de escuta das entrevistas, tendo como fio norteador os *núcleos de significados* emergidos das falas dos sujeitos.

Os *núcleos de significados* são definidos por Santos (2008) como as constelações temáticas emergidas na elaboração dos discursos dos sujeitos sobre um determinado tema central. Esses núcleos evidenciam a singularidade dos sujeitos diante de temas que comportam as opacidades, os atos falhos, os lapsos de memória, os conflitos, as implicações libidinais, os preconceitos e as crenças primitivas, constituindo-se num sistema de referências das demandas conscientes e inconscientes.

Na investigação, utilizei como técnica a *entrevista não-estruturada* (CRUZ-NETO, 1994), coletiva, gravada em fita cassete, no mês de maio de 2000, com duração de cento e vinte minutos, sendo questão norteadora: *O que é currículo?*

Etapa 1: Entrevista Coletiva

Entrevista coletiva com Clése Silva de Cerqueira, Neide Sales dos Santos e Rita de Cássia de Philadelpho Neves Xavier. A entrevista foi realizada em 08/jun./2000, no Núcleo de Investigação de Prática de Ensino, do Campus II/Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia, com duração de cento e vinte minutos. Falta transcrever a entrevista.

Acervo do material coletado:

A memória iconográfica constituída por fotografias referentes à etapa 1, a memória fonográfica, os registros produzidos pela transcrição das fontes orais primárias, as cópias das correspondências enviadas aos(as) entrevistados(as), as correspondências recebidas dos(as) entrevistados(as) estão arquivados no acervo pessoal da

pesquisadora.

Duração da pesquisa:

Início: jun./2000

Suspensão da pesquisa: jul./2000 a out./2008

Reativação da pesquisa: dez./2008

Justificativa para a suspensão temporária da pesquisa:

Esta pesquisa, iniciada em maio/2000, foi suspensa devido à impossibilidade de conciliação das atividades inerentes à pesquisa do Mestrado em Educação (Universidade de São Paulo, 1999-2003) e à pesquisa do Doutorado em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004-2008).

Etapa atual da pesquisa:

Esta pesquisa encontra-se em fase de reestruturação.

2.2.7 Projeto Trajetórias e tramas subjetivas

O projeto *Trajetórias e tramas subjetivas: memória iconográfica*, implantado no site <http://www.valdeci.bio.br>, em 05 de janeiro de 2007, objetiva sistematizar a memória iconográfica da Prof^ª. Dra. Valdecí dos Santos. O texto iconográfico estrutura-se com as seguintes temáticas: Trajetórias - focaliza o movimento de construção/(des)construção/(re)construção das experiências formativas acadêmico-profissional; e Tramas Subjetivas - evidencia o circuito intersubjetivo que circunscreve a história de vida do sujeito no processo de constituir-se profissionalmente, singularizado por suas demandas humanas objetivas e subjetivas, sendo recursos de leituras: receitas médicas, e-mails de familiares, cartas, bilhetes, confraternizações, fotos com familiares, passeios.

2.2.8 Projeto Bate-Papo Pedagógico

O projeto *Bate-Papo Pedagógico* objetiva criar um espaço de diálogo entre alunos do Ensino Médio da Educação Básica, professores-biólogos que atuam no Ensino de Ciências e/ou Biologia na Educação Básica, Professores-Biólogos que atuam na Educação Superior e Licenciandos em Ciências Biológicas sobre formação de professores e práticas pedagógicas no Ensino de Ciências e Biologia na Educação Básica.

O projeto *Bate-Papo Pedagógico* é fundamentado, metodologicamente, pelo diálogo dos participantes a partir de relatos orais de experiências, relatos de experiências registrados em textos narrativos, registro da memória iconográfica dos Encontros quinzenais durante duas horas; produção de textos/resumos pelos Licenciandos em Ciências Biológicas matriculados nos componentes curriculares, sob responsabilidade da Prof^ª. Dra. Valdecí dos Santos.

Capítulo 3 – A TESSITURA DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

A tessitura das minhas experiências formativas acadêmico-profissionais, implicadas na construção da minha identidade profissional como professora-bióloga, no tocante à minha produção bibliográfica é expressa pelo meu trânsito nas áreas de Educação, Zoologia, Botânica, História Oral, Etnobiologia, Tanatologia, Plantas Medicinais, Formação de Professores, Ensino de Ciências e Ensino de Biologia (SANTOS, 2008a, 2008b, 2008c, 2007a, 2007b, 2007c, 2007d, 2007e, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d, 2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2005e, 2005f, 2005g, 2004a, 2004b, 2004c, 2004d, 2004e, 2003a, 2003b, 2003c, 2000, 1999, 1998, 1997, 1992a, 1992b, 1991a, 1991b, 1991c, 1990a, 1990b; SANTOS; ALMEIDA, 2005; SANTOS; MARQUES, 2001, 1998; SANTOS; MRECH, 2002; SANTOS; PIRES; BARROS, 1988a, 1988b, 1988c; SANTOS; SANTOS, 1998; SANTOS; SANTOS; RAMOS, 2005; SANTOS; SANTOS; SANTOS, 1999a, 1999b, 1999c; SANTOS; SILVA, 2006a, 2006b).

Esse trânsito evidencia minha opção pela multirreferencialidade (ARDOINO, 1998), posição epistemológica favorece a construção de uma tessitura epistêmica com princípios teóricos, dentre outros, da Psicanálise, da filosofia bachelardiana, da epistemologia da complexidade, da Psicologia Social, da Etnocologia, da Tanatologia, e da Etnometodologia.

3.1 Produção 2008

SANTOS, Valdecí dos. O discurso formativo do biólogo sobre a morte. Matizes e metáforas do saber que o sujeito não deseja saber. 2008. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008a.

Este estudo - *O discurso formativo do biólogo sobre a morte. Matizes e metáforas do saber que o sujeito não deseja saber* - evidencia uma construção cognitiva marginal na formação científica do biólogo - a morte. Considera como evidente que a morte é um tema que abrange, simultaneamente, a formação científica do biólogo e a cisão do sujeito, e diz respeito à cisão do duplo vida-morte e aos princípios de inclusão e de exclusão do sujeito. Parte da questão sensibilizadora: Qual a tessitura epistêmica que fundamenta o discurso do biólogo sobre a morte? Constitui objeto de estudo o discurso do biólogo sobre a morte. Defende a tese que: A morte é um obstáculo epistemológico

anunciador de que algo, sempre, escapará na perspectiva objetiva do conhecimento, especialmente do conhecimento científico, visto que, compreendida como a construção cognitiva sobre a ruptura do fenômeno biológico vida, está implicada na tessitura de construções imaginárias e simbólicas sobre a finitude da vida; constitui-se um saber metafórico – fomentado pelo silêncio ruidoso -, que não se permite conhecer por inteiro, mobilizando, assim, o sujeito à busca/procura de verdades transitórias que reduzam a angústia ontológica de ser-mortal nucleada na dimensão subjetiva implicada no ato de conhecer. É nesse movimento de busca/procura que o objeto mental vida pós-morte ganha um valor simbólico-real que requer um olhar multirreferencial para o objeto de estudo da Biologia – a vida – e a sua implicação: a finitude da vida, especialmente, por deslocar a onipotência da objetividade científica expressa por signos e símbolos que procuram dizer da completude do conhecimento científico -, sinalizando, assim, a existência da dinâmica da incompletude implícita na subjetividade que fundamenta a construção de saberes relativos ao duplo vida-morte e à temporalidade da existência do *Homo sapiens sapiens*, tendo como eixo norteador o desejo do sujeito, de não desejar saber sobre a morte, implícito nos mecanismos objetivos-subjetivos fundamentados pelo não-dito da morte que constitui a epistemologia da existência do sujeito objetivo-subjetivo, cujo núcleo é a negação da morte. A teia epistêmica teórico-metodológica ancora-se na Multirreferencialidade que favorece um trânsito por correntes teóricas, como, a Psicanálise, a filosofia bachelardiana, a epistemologia da complexidade, a Tanatologia, a Psicologia Social, e a Etnocologia, e na Entrevista Compreensiva. O desvelamento do objeto de estudo parte da análise dos discursos orais de onze biólogas que atuam no Ensino Médio da Educação Básica, a partir de três eixos norteadores: A morte na história de vida, A morte na formação acadêmica do biólogo e, Concepções sobre conceitos.

Palavras-chave: Morte. Duplo vida-morte. Finitude da vida. Silêncio ruidoso sobre a morte. Não-dito da morte. Obstáculo epistemológico.

A tese está disponível em <http://www.valdeci.bio.br>

SANTOS, Valdecí dos. O silêncio ruidoso sobre a morte nas experiências formativas na área da saúde. Contribuições para a construção da teia epistêmica de um objeto de estudo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 3., 2008, Natal. **Anais...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008b. 13 p.

Esta narrativa de vida apresenta o cenário etnocológico que contextua minhas experiências formativas relacionadas com o duplo vida-morte, na área da Saúde, como Auxiliar de Enfermagem (1978-1986), que corroboram na construção da teia epistêmica do meu objeto de estudo do Doutorado em Educação – *O discurso do biólogo sobre a morte*. Ao introduzir o leitor no meu contexto de implicação com o duplo vida-morte, na perspectiva das experiências formativas acadêmico-profissionais, reconheço que o faço atravessado pelo método autobiográfico. Constitui objeto de estudo *o silêncio ruidoso sobre a morte*. Silêncio e Finitude. Qual a relação entre eles? O silêncio é uma linguagem que expressa o indizível das palavras, ou seja, o que não pode ser dito em palavras, caracterizando-se como um portador de *sentido*. O silêncio constitui-se o

demarcador do sentido inquietante da finitude. Portanto, o *sentido do silêncio* sobre a finitude do *Homo sapiens sapiens* (Homem) expressa não-ditos sobre as construções imaginárias e simbólicas sobre a morte. Os processos de significação do silêncio sobre a morte, nas minhas experiências formativas pessoal-acadêmico-profissionais, levaram-me a conceituar *silêncio ruidoso sobre a morte* como um mecanismo objetivo-subjetivo fundamentado pelo não-dito da morte, que codifica a opacidade do conflito cognitivo-emocional do sujeito objetivo-subjetivo sobre a finitude da vida humana expressa pela relação imaginário-simbólico-real imbricada na significação dos sentidos inerentes à construção da tessitura silenciosa que permeia a maneira como os sujeitos lidam com o fenômeno biológico morte. Ele diz da cisão do duplo vida-morte e da negação da morte; e “alerta” para a existência de tensões e conflitos conscientes e inconscientes sobre a finitude da vida.

Palavras-chave: Experiências formativas. Silêncio ruidoso sobre a morte. Objeto de estudo.

SANTOS, Valdecí dos. A morte, um saber que o sujeito não deseja saber: os mecanismos objetivos-subjetivos, fundamentados pelo não-dito da morte, utilizados pelo biólogo, para lidar com o duplo vida-morte. 2008. 196 f. Texto (Seminário Doutoral 2, apresentado em 16/maio/2008) - Programa de Pós-Graduação em Educação - (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008c.

Este estudo evidencia uma construção cognitiva marginal na formação inicial e continuada do biólogo - a morte – que contempla a existência de uma interface de re-aliança entre cultura científica e cultura humanística. Parte da questão sensibilizadora: Existe relação entre a ausência da temática morte na formação do biólogo e sua maneira de lidar com a finitude da vida do *Homo sapiens*? Considero, inicialmente, que quando se trata a morte sob a perspectiva da finitude da vida do *Homo sapiens*, fica patente o conflito cognitivo objetivo-subjetivo do discurso do biólogo sobre a familiaridade da vida e o estranhamento da morte, emergindo, assim, a existência de um *lugar de interface* de re-aliança entre cultura científica e cultura humanística. Interface evidenciada, especialmente, pelo *não-dito da morte* implicado no desejo do sujeito de *não desejar saber* sobre a morte. O *não-dito da morte* fundamenta os mecanismos objetivos-subjetivos utilizados pelo biólogo, no exercício docente, para lidar com conteúdos relativos ao duplo vida-morte. Em vista desses aspectos, o estudo tem como tese inicial que a morte, apesar de ser uma construção cognitiva marginal na formação inicial e continuada do biólogo, representa um saber latente que fundamenta a *epistemologia do movimento do existir do indivíduo*, que se caracteriza como um saber que “o sujeito não deseja saber”, implicado na tessitura do núcleo de estranhamento do sujeito, para lidar com a finitude da vida do *Homo sapiens*. É objeto de estudo a *concepção do biólogo sobre a morte*, e o recorte mais pontual é a concepção do biólogo sobre a finitude da vida do *Homo sapiens*. É objetivo geral: localizar, no discurso do biólogo sobre a morte, a interface de re-aliança entre cultura científica e cultura humanística. São objetivos específicos: conhecer a concepção do biólogo sobre a morte e sobre o fenômeno vida; localizar, no seu discurso, o *não-dito da morte* que fundamenta os mecanismos objetivos-subjetivos utilizados pelo biólogo, no exercício

docente, para lidar com conteúdos relativos ao duplo vida-morte; e por fim, estabelecer elos entre o discurso bio-antropo-socio-cultural do biólogo sobre o não-dito da morte e sua formação científica. A investigação ancora-se nos aportes teóricos da *Etnometodologia*, e a entrevista compreensiva é a base metodológica do processo de construção/(des)construção/(re)construção do objeto de estudo. A pesquisa parte da análise dos discursos orais de onze biólogas que atuam no Ensino Médio, a partir de três eixos, que reorganizaram suas concepções sobre a morte, o fenômeno vida e a finitude da vida do *Homo sapiens*.

Palavras-chave: Formação de Biólogo. Docência. Duplo Vida-Morte. Finitude da Vida. Morte. Cultura científica. Cultura humanística. Não-dito da morte.

4.2 Produção 2007

SANTOS, Valdecí dos. O olhar do outro na constituição da auto-imagem profissional: na trilha da profissionalidade. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA, 9., 2007, ENCONTRO REGIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 1., 2007, Senhor do Bonfim. **Resumos...** Senhor do Bonfim: Universidade do Estado da Bahia, 2007a.

Esta comunicação aborda sobre a importância da singularidade do olhar do Outro (LARROSA & LARA, 1998) na constituição da auto-imagem profissional do sujeito (BRAZIL, 1998; MORIN, 1996, 2002), neste caso, do sujeito professor. Sendo destacados aspectos relativos à construção da memória autobiográfica individual e elementos norteadores que circunscrevem as discussões sobre profissionalidade. O olhar do Outro. A auto-imagem. O exercício profissional. Elementos constitutivos do circuito das discussões sobre formação e profissionalização docente relativos à instauração do exercício profissional do professor. De acordo com Ramalho, Nuñez, & Gauthier (2004), no Brasil, a formação para o ensino tem evoluído desde início dos anos 90, atualmente, centra-se na aprendizagem de competências profissionais, implicando em dois ingredientes para a profissionalização do ensino: a profissionalidade – relacionada aos saberes, competências, atitudes, etc. do agir profissional; e profissionalismo – direcionado para a busca de reconhecimento social, de um maior *status* do grupo, etc. Neste sentido, procuro aproximar-me da discussão sobre profissionalidade tendo como objeto de referência o *olhar* discente sobre minha atuação profissional como professora-bióloga formadora de professores-biólogos na Educação Superior. O estudo de caso, autobiográfico, parte de Pareces Avaliativos elaborados por discentes do curso de Licenciatura em Ciências com Habilitação em Biologia da Universidade do Estado da Bahia - Campus II/Alagoinhas, matriculados nas disciplinas Estágio de Biologia (2002.1), Oficina Pedagógica II (2003.1), Oficina Pedagógica III (2003.2) e Metodologia do Ensino de Biologia (2003.2), sobre a minha atuação profissional, considerando os seguintes aspectos: a) conteúdos abordados; b) atividades desenvolvidas; c) a professora, quanto: postura acadêmica, competência teórica sobre os conteúdos tratados, avaliação/julgamento das questões surgidas durante o semestre, relacionamentos com o sujeito, relacionamento com a turma, cobrança das atividades

desenvolvidas, outras questões; d) aspectos positivos da disciplina; e) aspectos negativos da disciplina; e, f) sugestões para melhoria da disciplina. São evidenciados dois aspectos. O primeiro retrata a dimensão social da memória cultural, sobre a imagem do “ser professor” circulante no contexto acadêmico-profissional. O segundo aspecto pontua a relação entre a imagem do “ser professor” e elementos norteadores que circunscrevem as discussões sobre profissionalidade.

Palavras-Chave: Memória docente. Profissionalidade. Auto-imagem profissional.

Referências bibliográficas:

- BRAZIL, Horus Vital. **O sujeito da dúvida e a retórica do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1998. 256 p.
- LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez (Orgs.). **Imagens do outro**. Tradução Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998. 195 p.
- MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-58.
- _____. **O método 2: a vida da vida**. Tradução Marina Lobo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. 528 p.
- RAMALHO, Betania Leite; NUÑEZ, Isauro Beltrán; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina. 2004. 208 p.

SANTOS, Valdecí dos. O duplo memória-esquecimento na lembrança da primeira experiência profissional como professora. In: SIMPÓSIO MEMÓRIA, (AUTO) BIOGRAFIA E DIVERSIDADE, 2007, Salvador. **Resumos...** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2007b.

A lembrança constitutiva da história de vida dos sujeitos é representada a interface mestiça do duplo memória-esquecimento. Objetivando sistematizar minha memória (HALBWACHS, 2004; THOMPSON, 1998) docente na Educação Infantil, na Educação Básica e, mais pontualmente, na Educação Superior como *professora-bióloga formadora de professores-biólogos*, na Universidade do Estado da Bahia, venho registrando-a/coletando-a/sistematizando-a através de fontes primárias e secundárias via documentos orais, escritos, iconográficos e hipertexto, sendo recursos, dentre outros, SANTOS (2006), site <http://www.valdeci.bio.br>, Revista *Metáfora Educacional* (ISSN 1809-2705), Projeto “Trajetórias e tramas subjetivas: memória iconográfica” e avaliações de discentes. Nesse movimento de construção/(des)construção/(re)construção, um fato chamou minha atenção: a referência à minha *primeira experiência profissional como professora* havia “escapado”. Diante de tal constatação, questioneei-me: Quais os fatores que implicaram para o esquecimento (IZQUIERDO, 2005) da minha primeira experiência profissional como professora? Qual o núcleo de angústia que circunscreve o circuito do esquecimento da minha primeira experiência profissional como professora? Neste sentido, ancorando-me nos aportes teóricos do método autobiográfico, (re)visito minha memória para evocar o núcleo central das lembranças da minha iniciação à docência em busca de *conteúdos* vivenciados nessa experiência que contribuíram para o esquecimento da minha primeira

instauração profissional como professora. Esta comunicação versa sobre os, possíveis, conteúdos que contribuíram para o esquecimento da minha primeira experiência profissional como professora. Sendo destacados dois conteúdos. Os conteúdos objetivos/subjetivos fundamentados, especialmente, em três aspectos: a) O circuito de mal-estar gerado pela circulação de subjetividades sobre a *nova* professora de Ciências, pela diretora do colégio, até então, a professora de Ciências. O obstáculo para assinatura do termo de concessão da vaga disponibilizada no Concurso Público para Professor de 1º grau - Nível 3 do Estado da Bahia (ago./1989), instaurando-se um clima de “queda de braços” entre “nova e antiga” professora. O atestado de vaga foi assinado no último dia do prazo legal; b) As questões subjacentes à disputa política partidária instalada na cidade – governo municipal versus governo estadual. Quem não era do PFL era inimigo da gestão municipal. O governo que realizara o concurso público era do PMDB. Ficava nítida a implicação política partidária nas questões educacionais. Tomava consciência do contexto que circunscreve a Educação e sua íntima vinculação às políticas públicas, e que são as subjetividades que demarcam e mediam o discurso da objetividade política; e c) A inviabilidade dos horários das aulas para atender a realidade da relação entre a localidade da Escola (Tanquinho) e da minha residência (Feira de Santana). E, os conteúdos profissionais implicados no mosaico teoria/prática do cotidiano escolar: Como me instaurar como professora? Como tornar-me professora considerando os conteúdos e saberes teóricos/metodológicos da minha formação para a docência e a realidade do contexto da experiência docente? Diante dessas questões

Palavras-Chave: Memória. Esquecimento. Experiência docente.

Referências

- FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 208 p.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer:** cérebro, memória e esquecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2005. 114 p.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.
- SANTOS, Valdecí dos. Por uma identidade profissional como professora-bióloga. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2006. 1 CD-ROM. 18 p. (ISBN 85-86873-53-5).
- THOMPSON, Paul. A memória e o eu. In: THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 197-216.

SANTOS, Valdecí dos. Etnoterapêutica, sistemas de crenças e memória cultural: o olhar multirreferencial da etnobiologia e dos estudos culturais. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE, 5., 2007, Ilhéus. **Resumos...** Ilhéus: Universidade de Santa Cruz, 2007c.

O presente trabalho faz parte da Pesquisa “A visão de alunos do ensino médio sobre o ensino de Biologia e Etnoconhecimentos”. O artigo versa sobre a visão de alunos do ensino médio sobre etnoterapêutica relacionada à etnoconhecimentos biológicos, dentre outros, sobre plantas, animais e simpatias. O estudo de caso parte de questionários abertos individuais com oitenta alunos do ensino médio do Centro Integrado Luiz Navarro de Brito, na cidade de Alagoinhas – BA, aplicados em maio de 2000. A investigação ancora-se nos aportes teóricos da Etnobiologia, dos Estudos Culturais e da Psicologia Social através de sistemas de crenças. Na análise dos discursos escritos dos entrevistados emergiram dois blocos que subsidiam a discussão. O primeiro revelou o status dos etnoconhecimentos biológicos sobre etnoterapêutica na memória cultural, sendo evidenciado que, a evolução da medicina não desautorizou o conhecimento alternativo referente ao uso de plantas e animais que constitui o rico acervo da terapêutica da Medicina de *folk* ou Etnomedicina. E o segundo revelou aspectos fecundos que subsidiam discussões sobre a autoridade da Ciência, ressaltando a importância da pesquisa e a ênfase à periculosidade da etnoterapêutica. A conclusão evidencia dois aspectos importantes. O primeiro retrata a dimensão social da memória cultural, que através dos sistemas de crenças individuais e/ou grupais, circula no contexto social. E, o segundo aspecto pontua a relação entre memória cultural e ciência, e a necessidade da instauração dos saltos evolutivos da Ciência na dinâmica cultural.

Palavras-chave: Enoterapêutica. Etnobiologia. Estudos Culturais. Memória Cultural. Sistema de Crenças.

SANTOS, Valdecí dos. Uma morte anunciada e iminente: a implicação do pesquisador com o objeto de estudo. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA, 8., 2007, Salvador. **Resumos...** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2007d.

Esta comunicação trata da minha implicação (BARBIER, 1985; LOURAU, 1994, 1998) com o objeto de estudo – a concepção do biólogo sobre a morte – da investigação do Doutorado em Educação¹. Exponho meu contexto de implicação com o duplo vida-morte no circuito da minha história de vida, na perspectiva pessoal, elegendo pontualmente, o processo da finitude da vida do meu pai. Início enfrentando dois limites. O primeiro é o de falar sobre a morte daquele com o qual constituí vínculos afetivos e de proximidade, o outro, é o de transpor para a escrita o circuito de angústia, de medo, de luto, de impotência vivenciada nesse processo. Como me posicionar diante da verdade da ciência que anunciava o limite metabólico daquele ser vivo? Como lidar com o processo da morte anunciada e iminente daquele sujeito que construiu uma história de possibilidades no núcleo familiar e que não imaginávamos a sua perda num período tão próximo? O que falar para ele a cada evidência de sinais e de sintomas que anunciavam a proximidade da finitude da sua vida? Como lidar com o conflito entre a

¹ Sob orientação da Professora-Doutora Rosália de Fátima e Silva, do Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de CAEN – França. Professora Adjunto IV - Departamento de Educação da UFRN. E-mail: Rosa_lia_64@hotmail.com

necessidade psíquica de instaurar o lugar chamado Deus como possibilidade para lidar com a angústia e o medo e a certeza científica da falência metabólica? Como contar essa história que diz da minha condição do sujeito na interface cultura científica-cultura humanística diante da morte? É na singularidade desse recorte que diz do estranhamento e da familiaridade do tema morte que opto por narrar esse processo através de uma *carta dirigida ao meu pai*. Ao trazer o processo da finitude da vida do meu pai através de uma carta dirigida a ele, socializo, simultaneamente, minha condição de sujeito e de pesquisadora trazendo contribuições para uma leitura do circuito vivenciado pelos sujeitos diante da finitude da vida do Outro, do sentimento de família, do sentimento de pertencimento, da sensibilidade e atitude diante da morte, enfim, da sensibilidade coletiva com a temática morte. Nesta carta dirigida ao meu pai, tratando de aspectos vivenciados no processo da sua finitude, emergem núcleos de significados relacionados à temática morte. Dentre eles: a psicologia do doente em fase terminal, o medo da família, o processo de luto, o último pedido do moribundo, a criança e a morte, a hospitalização, a relação de equipe de Enfermagem e da equipe médica com o doente em fase terminal e sua família.

Palavras-chave: Morte. Implicação. Finitude da Vida. Objeto de Estudo.

SANTOS, Valdecí dos. Etnobiologia, etnomatemática e etnometodologia: interfaces teóricas de etnométodos. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 18., 2007, Maceió. **Anais...** Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2007e. 1 CD-ROM. 14 p.

Este artigo apresenta a Etnobiologia, a Etnomatemática e a Etnometodologia como interfaces teóricas do conhecimento e saberes que possibilitam leituras transdisciplinares de objetos de estudos referendados em etnométodos. Sendo contextualizado as vantagens teóricas da Etnometodologia para o movimento de construção/(des)construção/(re)construção de um objeto de estudo.

Palavras-chave: Etnobiologia. Etnomatemática. Etnometodologia. Etnométodos.

4.3 Produção 2006

SANTOS, Valdecí dos. Reflexões sobre o currículo de formação de professores de escolas famílias agrícolas. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 10., 2006, São Paulo; ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA (MT/MS/SP), 1., 2006, São Paulo. **Caderno de programas e resumos...** São Paulo: USP, 2006a. p. 137-138.

Este artigo apresenta reflexões sobre o currículo de formação de professores do projeto “Escola Família Agrícola” desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia, no período de 2002 a 2004, voltado à formação de professores-monitores de Escolas

Famílias Agrícolas nos cursos de Licenciaturas Plenas em: Ciências com Habilitações em Biologia e em Matemática, História, Geografia e Letras. Na condição de membro da equipe responsável pelos componentes curriculares Estágio Supervisionado e Oficina Pedagógica, elaborei o projeto de pesquisa **Formação de Professores-Monitores de Escolas Famílias Agrícolas da Bahia**, tendo como objetivo geral “Refletir sobre o currículo de formação de professores-monitores das EFAs da Bahia”, sendo foco de análise o Estágio Supervisionado, e o sujeito na relação com o saber, tendo o *desejo* como mediador. A fundamentação teórico-metodológica ancorou-se nos aportes da Epistemologia da Complexidade, da Etnometodologia, e da Psicologia Social. O estudo de caso, como procedimento metodológico, parte do questionário aberto com cento e sessenta e um alunos (5ª a 8ª séries) de cinco EFAs, sendo questão nuclear “*Qual o seu maior desejo?*” E do acompanhamento das práticas pedagógicas e educativas de cinquenta professores-monitores de quatorze EFAs. Os desejos expressos pelos discentes do estudo, dizem, também, da necessidade de articulação entre a estrutura curricular das EFAs aos contextos local, focal e global numa visão multidimensional e complexa. Nesta perspectiva, duas questões são focos para futura investigação: Como a estrutura curricular das EFAs pode mediatizar o desejo desses alunos? Como o desejo pode mediatizar a reflexão sobre os limites e possibilidades da estrutura curricular das EFAs? O currículo de formação de professores-monitores das EFAs da Bahia, traz significativas contribuições para as discussões teórico-metodológicas sobre o Estágio Supervisionado, principalmente, pela inclusão da experiência cotidiana dos profissionais-alunos em seus processos formativos acadêmicos. Todavia, são necessárias reflexões e discussões acerca das experiências oferecidas pelos Estágios Supervisionados em classes e realidades diferentes da experiência profissional do professor-aluno e sobre a inclusão da prática pedagógica nesse processo. Pois, ambos trazem uma questão subjacente à formação e a profissionalização docente: *Quais são os saberes necessários para ser professor?* Neste estudo, pontuo sobre a necessidade de um processo de formação continuada desses profissionais, uma vez que, eles vivenciam uma experiência profissional complexa, numa realidade com limites de recursos tecnológicos, de acervo bibliográfico, e encontram-se diante de uma questão pontual: *Como lidar com os limites das singularidades que constitui o circuito sócio-econômico-cultural do homem do meio rural?*

Palavras-Chave: Currículo. Desejo. Escola Família Agrícola. Estágio Supervisionado. Formação de Professores.

SANTOS, Valdecí dos. Por uma identidade profissional como professora-bióloga. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2006b. 1 CD-ROM. 18 p.

O artigo apresenta um memorial do meu movimento de construção/(des)construção/(re)construção na trajetória acadêmico-profissional, para instaurar minha identidade profissional como professora-bióloga. Tendo como referência o método autobiográfico e as implicações das narrativas autobiográficas, recorro ao conceito *de implicação*, para localizar a singularidade da minha identidade objetiva subjetiva de sujeito na instauração da história de vida acadêmico-profissional.

Reconstituindo-me enquanto sujeito cognoscente e considerando minha *implicação estrutural-profissional* reflito sobre episódios da minha memória docente na Educação Infantil, na Educação Básica e na Educação Superior, que sinalizaram sobre a importância da formação continuada, da pesquisa na docência e da necessidade de construção da minha identidade profissional. O texto estrutura-se da seguinte maneira: Na *Introdução* esclareço o “por que” do duplo *professora-bióloga* para falar da minha identidade profissional. Apresento o circuito da minha formação inicial e formação continuada. No *tópico I – Tessituras do caminho epistemológico* – procuro situar os aportes teóricos que fundamentam minha trajetória acadêmico-profissional. No *tópico II - A docência e “pistas indiciais” para a pesquisa* - apresento um recorte da minha experiência em sala de aula, evidenciando alguns episódios que expressam a importância da pesquisa no cotidiano do(a) professor(a), sendo localizados contextos que contribuíram para o meu posicionamento quanto ao pensar/vivenciar a Educação. Destaco, ainda, quatro situações relacionadas à construção de objetos de estudos. A primeira situação “*A interface da Etnobiologia-Educação*” traz para a discussão um recorte do projeto Etnobiologia na Escola, desenvolvido na Educação Infantil. A segunda situação “*O papel do sistema de crenças na constituição do professor de Biologia*” enfatiza a questão: Qual o caminho que o pesquisador deve percorrer para construir um objeto de estudo? Tomando como referência minha pesquisa de mestrado, apresento o contexto de insurgências, opacidades e demandas suscitadas na construção do objeto de estudo. A terceira situação “*Experiências metodológicas na formação de professores de Biologia*” diz de duas experiências metodológicas: a construção de artigos científicos e a construção de projetos de Pesquisa em Educação. E a quarta situação “*Reflexões sobre o currículo de formação de professores de escolas famílias agrícolas*” reflete sobre o currículo de formação de professores do projeto “Escola Família Agrícola” desenvolvido pela UNEB. No *tópico III – Socializando a memória docente* – discuto sobre a importância da implantação do site <http://www.valdeci.bio.br> e da edição da Revista Metáfora Educacional como veículos de socialização da minha memória docente. Na *Conclusão* procuro tecer algumas considerações e reflexões sobre identidade profissional, identidade profissional como professora-bióloga, formação continuada, história de vida, memória docente, narrativa autobiográfica e sobre a necessidade da instauração de discussões sobre identidade profissional nos cursos de formação de professores.

Palavras-chave: Identidade Profissional. História de Vida. Memória Docente. Narrativa Autobiográfica. Professora-Bióloga.

SANTOS, Valdecí dos. A concepção do biólogo sobre a finitude da vida do Homo sapiens sapiens: a interface ciência-subjetividade. 2006. 114 f. Texto (Seminário de Pesquisa 2, apresentado em 18/dez./2006) – Programa de Pós-Graduação em Educação - (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006c.

A pesquisa tem como tese que o currículo de formação do biólogo não educa para uma compreensão do duplo vida-morte. É através do silêncio ruidoso sobre a morte em seu processo de formação e do contato com a morte de indivíduos com os quais constitui vínculos afetivos, sociais e culturais, que o biólogo pode instaurar *um outro lugar* para

lidar com a compreensão de finitude da vida. É objeto de estudo *a concepção do biólogo sobre a morte*, sendo recorte mais pontual a concepção do biólogo sobre a finitude da vida do *Homo sapiens*. É objetivo geral: discutir a necessidade da interface cultura científica–cultura humanística no processo de formação do biólogo. São objetivos específicos: conhecer a concepção do biólogo sobre a morte; localizar no seu discurso o núcleo da interface ciência-subjetividade; e por fim, estabelecer elos entre o discurso bio-antropo-socio-cultural do biólogo sobre morte e sua formação científica. A investigação ancora-se nos aportes teóricos da *epistemologia da complexidade*. A entrevista compreensiva é a base metodológica do processo de construção/(des)construção/(re)construção do objeto de estudo. Neste sentido, trabalho com a *entrevista compreensiva na análise dos discursos orais* de onze biólogas que atuam no Ensino Médio, partindo de três eixos, para reorganizar suas concepções sobre a morte e a finitude da vida do *Homo sapiens*.

Palavras-Chave: Formação de Biólogo. Duplo Vida-Morte. Morte. Interface Ciência-Subjetividade. Currículo. Cultura científica-Cultura Humanística.

SANTOS, Valdecí dos. O movimento de construção/(des)construção/(re)construção de um objeto de estudo. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2006d. 24 p. 1 CD-ROM.

O artigo circunscreve a questão: *Qual o caminho que o pesquisador deve percorrer para construir um objeto de estudo?* Tomando como referência minha pesquisa de mestrado (SANTOS, 2003), que versa sobre o impacto que os sistemas de crenças apresentam na concepção científica do professor de Biologia; abordo o contexto de insurgências, opacidades e demandas suscitadas na construção do objeto de estudo. A discussão estrutura-se da seguinte maneira: Na *introdução* apresento o movimento de construção/(des)construção/(re)construção desse objeto. No *tópico I – O caminho epistemológico* – situo os aportes teóricos que fundamentaram o estudo, tendo como referências a Etnometodologia, a Multirreferencialidade, e os trânsitos pela Psicanálise, pelas filosofias bachelardiana e moriniana, pela Etnobiologia e pela Psicologia Social. No *tópico II - “Pistas indiciais” para a pesquisa* – localizo a importância da Pesquisa Exploratória, na evidência da temática *sistema de crenças e resistência ao conhecimento científico*, e a estruturação do trabalho de campo. No *tópico III – A Pesquisa: com a palavra, o professor de Biologia* – trago a análise da fala dos/as entrevistados/as relativa a duas situações que o professor enfrenta no ensino de Biologia. A primeira situação diz da dificuldade de o professor conceber os obstáculos do aluno ao confrontar-se com conteúdos científicos que contrariam o seu sistema de crenças. E a segunda situação diz respeito à oscilação do próprio professor diante de suas crenças primitivas e do conhecimento científico do qual é porta-voz. Na *conclusão* apresento algumas considerações sobre o movimento de construção/(des)construção/(re)construção de objetos de estudos, especialmente, na Educação.

Palavras-chave: Objeto de estudo. Pesquisa. Sistemas de crenças. Etnometodologia.

SANTOS, Valdecí dos; SILVA, Rosália de Fátima e. O duplo vida-morte no currículo de formação do biólogo. COLÓQUIO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 7., 2006, Braga, Portugal; COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 3., 2006, Braga, Portugal. **Resumos...** Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2006a.

O duplo vida-morte expõe a singularidade da morte enquanto signo latente codificado na vida, que expressa-se através da ruptura desse duplo no momento em que destaca-se as condições para vivência do fim do ciclo. Essa pesquisa tem como tese que o currículo de formação do biólogo não educa para uma compreensão do duplo vida-morte. É através do silêncio ruidoso sobre a morte em seu processo de formação e do contato com a morte de indivíduos com os quais constitui vínculos afetivos, sociais e culturais, que o biólogo pode instaurar *um outro lugar* para lidar com a compreensão de finitude da vida. A pesquisa tem como referenciais: que o currículo de formação do biólogo o habilita para a compreensão do organismo bioquímico e fisiológico, enfocando os fenômenos metabólicos dos seres vivos, inclusive o homem tendo como ênfase a vida; a *noção de sujeito* na epistemologia da complexidade; as reflexões da pesquisa empreendida por Santos (2003); as observações sobre a ausência do tema morte no currículo de formação do biólogo e no ensino de Biologia no Ensino Médio; a forma com a qual o sujeito lida cotidianamente com a finitude da vida; a questão: *Por que investigar a concepção do Biólogo sobre a morte?* É objeto de estudo *a concepção do biólogo sobre a morte*, sendo recorte mais pontual a concepção do biólogo sobre a finitude da vida do *Homo sapiens demens*. É objetivo geral: discutir a necessidade da interface cultura científica–cultura humanística no processo de formação do biólogo. São objetivos específicos: conhecer a concepção do biólogo sobre a morte; localizar no seu discurso o núcleo da interface ciência-subjetividade; e por fim, estabelecer elos entre o discurso bio-antropo-socio-cultural do biólogo sobre morte e sua formação científica. A investigação ancora-se nos aportes teóricos da *epistemologia da complexidade*. A entrevista compreensiva é a base metodológica do processo de construção/(des)construção/(re)construção do objeto de estudo. Neste sentido, trabalhamos com a *análise compreensiva do discurso* de onze biólogas que atuam no Ensino Médio, partindo de três eixos, para reorganizar suas concepções sobre a morte e a finitude da vida do *Homo sapiens demens*: A morte na história de vida; A morte na formação acadêmica na Biologia; e Concepções sobre conceitos. O estudo encontra-se em fase de análise dos discursos.

Palavras-Chave: Formação de Biólogo – Formação de Professor - Duplo Vida-Morte – Morte - Currículo.

SANTOS, Valdecí dos; SILVA, Rosália de Fátima. A concepção do biólogo sobre a morte: tramas subjetivas e formação científica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TANATOLOGIA E BIOÉTICA, 4., 2006, São Luis. **Anais...** São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2006b.

A pesquisa de doutorado tem como tese que o currículo de formação do biólogo não educa para uma compreensão do duplo vida-morte. É através do silêncio ruidoso sobre a morte em seu processo de formação e do contato com a morte de indivíduos com os

quais constitui vínculos afetivos, sociais e culturais, que o biólogo pode instaurar *um outro lugar* para lidar com a compreensão de finitude da vida. É objeto de estudo a *concepção do biólogo sobre a morte*, sendo recorte mais pontual a concepção do biólogo sobre a finitude da vida do *Homo sapiens*. É objetivo geral: discutir a necessidade da interface cultura científica–cultura humanística no processo de formação do biólogo. São objetivos específicos: conhecer a concepção do biólogo sobre a morte; localizar no seu discurso o núcleo da interface ciência-subjetividade; e por fim, estabelecer elos entre o discurso bio-antropo-socio-cultural do biólogo sobre morte e sua formação científica. A investigação ancora-se nos aportes teóricos da *epistemologia da complexidade*. A entrevista compreensiva é a base metodológica para a *análise compreensiva do discurso* de onze biólogas. O estudo encontra-se em fase de análise dos discursos.

Palavras-Chave: Formação de Biólogo – Formação de Professor - Duplo Vida-Morte – Morte.

4.4 Produção 2005

SANTOS, Valdecí dos. Experiências metodológicas na formação de professores de biologia. In: MENEZES, Jaci; et al. (Orgs.). **Educação na Bahia: memória, registros, testemunhos.** Salvador: UNEB, 2005a. p. 403-418.

SANTOS, Valdecí dos. Da relação com o saber. In: SEMANA DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA, 3., 2005, Serrinha. **Caderno de resumos, oficinas e textos...** Serrinha: Universidade do Estado da Bahia – Campus XI, 2005b. p. 10.

A comunicação objetiva apresentar a estrutura da obra de Charlot (2000) sobre a relação com o saber. Compreendendo “O fracasso escolar” como objeto sociomediático de pesquisas, o autor constrói seu foco de discussão sobre a relação com o saber, tecendo em seis capítulos, suas argumentações e contra-argumentações sobre a necessidade de uma sociologia do sujeito. Pois, o fracasso escolar existe enquanto conjunto de fenômenos que se expressam através de situações observáveis, comprovadas sobre a aprendizagem do aluno. De acordo com Charlot, para o pesquisador analisar o fracasso escolar, deve está atento as condições de apropriação do saber, considerando: a) O fato de que ele “tem alguma coisa a ver” com a posição social da família – sem por isso reduzir essa posição a um lugar em uma nomenclatura socioprofissional, nem a família a uma posição; b) A singularidade e a história dos indivíduos; c) O significado que eles conferem à sua posição (bem como à sua história, às situações que vivem e à sua própria singularidade); d) Sua atividade efetiva, suas práticas; e) A especificidade dessa atividade, que se desenrola (ou não) no campo do saber. Para discutir sobre a necessidade da sociologia da educação instaurar o sujeito, em suas análises sobre os fenômenos educativos, especialmente na abordagem do “não-ser” - o fracasso escolar,

parte do questionamento: *como pensar o sujeito enquanto ser social, quando a sociologia se construiu separando-se das teorias do sujeito?* Localizando a ausência do sujeito em teorias da sociologia da educação, Charlot (2000), “esclarece o conceito de relação com o saber e propõe definições para esse mesmo conceito”, tendo como proposição básica que a *relação com o saber é uma forma de relação com o mundo*.

Palavras-Chave: Fracasso Escolar. Saber. Sujeito.

Referência

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Valdecí dos. Projetos de pesquisa em educação: um olhar sobre a formação do professor de Biologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 1., 2005, Rio de Janeiro; ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA DA REGIONAL RJ/ES, 3., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ / SBEnBio, 2005c. p. 446-449.

A comunicação relata uma experiência na disciplina Metodologia do Ensino de Biologia, no curso de Licenciatura em Ciências com Habilitação em Biologia da UNEB, em 2003.2. Sendo objetivo geral introduzir os discentes em atividades de Iniciação à Pesquisa em Educação. Resultando em 21 projetos em eixos temáticos como: formação de professores, metodologias de ensino e prática docente. Essa experiência demonstra a necessidade de inclusão de disciplinas e/ou componentes no currículo de formação do licenciado em Biologia que contemplem atividades de iniciação científica em educação.

Palavras-Chave: Formação de Professor de Biologia. Pesquisa em Educação. Metodologia de Ensino.

SANTOS, Valdecí dos. A concepção do biólogo sobre a morte. 2005. 48 f. Texto (Seminário de Pesquisa 1, apresentado em 12/fev./2005) – Programa de Pós-Graduação em Educação - (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005d.

SANTOS, Valdecí dos. A concepção do biólogo sobre a morte: tramas subjetivas e formação científica. 2005. 73 f. Texto (Seminário Doutoral 1, apresentado em 09/dez./2005) - Programa de Pós-Graduação em Educação - (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005e.

A pesquisa tem como tese que o currículo de formação do biólogo não educa para uma compreensão do duplo vida-morte. É através do silêncio ruidoso sobre a morte em seu processo de formação e do contato com a morte de indivíduos com os quais constitui

vínculos afetivos, sociais e culturais, que o biólogo pode instaurar *um outro lugar* para lidar com a compreensão de finitude da vida. É objeto de estudo *a concepção do biólogo sobre a morte*, sendo recorte mais pontual a concepção do biólogo sobre a finitude da vida do *Homo sapiens demens*. É objetivo geral: discutir a necessidade da interface cultura científica–cultura humanística no processo de formação do biólogo. São objetivos específicos: conhecer a concepção do biólogo sobre a morte; localizar no seu discurso o núcleo da interface ciência-subjetividade; e por fim, estabelecer elos entre o discurso bio-antropo-socio-cultural do biólogo sobre morte e sua formação científica. A investigação ancora-se nos aportes teóricos da *epistemologia da complexidade*. A entrevista compreensiva é a base metodológica do processo de construção/(des)construção/(re)construção do objeto de estudo. Neste sentido, trabalho com a *análise compreensiva do discurso* de onze biólogas que atuam no Ensino Médio, partindo de três eixos, para reorganizar suas concepções sobre a morte e a finitude da vida do *Homo sapiens demens*. O estudo encontra-se em fase de análise dos discursos.

Palavras-Chave: Formação de Biólogo – Formação de Professor - Duplo Vida-Morte – Morte – Currículo – Complexidade.

SANTOS, Valdecí dos. O desejo em escolas famílias agrícolas. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRICULARES, 2., 2005, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2005f. 1 CD-ROM.

A comunicação oriunda de uma etapa do projeto *Formação de Professores-Monitores de Escolas Famílias Agrícolas da Bahia*, desenvolvido nas disciplinas Oficina Pedagógica e Estágio Supervisionado, da Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia, da Universidade do Estado da Bahia, no período de 2003 a 2004. O estudo de caso, parte de 161 questionários abertos, respondidos - “Qual o seu maior desejo?” - por alunos das EFAs de Macaúbas, Botuporã, Paramirim, Tanque Novo e Boquira. A investigação ancora-se nos aportes teóricos da epistemologia da complexidade. Considerando a escuta “do maior desejo” - Profissionais (60%), Subjetivos (36%) e Materiais (4%) - dos discentes, constrói-se um lugar para reflexão sobre o sujeito na relação com o saber, o currículo de formação de professores-monitores e o currículo das EFAs, tendo o desejo como mediador. Sendo sinalizado a necessidade do movimento de construção/(des)construção/(re)construção desses currículos.

Palavras-Chave: Currículo. Escola Família Agrícola. Formação Docente. Desejo. Sujeito. Saber.

SANTOS, Valdecí dos. A concepção do biólogo sobre a finitude da vida. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA, 7., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2005g.

Essa pesquisa tem como tese que o currículo de formação do biólogo não educa para uma compreensão do duplo vida-morte. É através do silêncio ruidoso sobre a morte em seu processo de formação e do contato com a morte de indivíduos com os quais constitui vínculos afetivos, sociais e culturais, que o biólogo pode instaurar *um outro lugar* para lidar com a compreensão de finitude da vida. É objeto de estudo *a concepção do biólogo sobre a morte*, sendo recorte mais pontual a concepção do biólogo sobre a finitude da vida do *Homo sapiens demens*. É objetivo geral: discutir a necessidade da interface cultura científica–cultura humanística no processo de formação do biólogo. São objetivos específicos: conhecer a concepção do biólogo sobre a morte; localizar no seu discurso o núcleo da interface ciência-subjetividade; e por fim, estabelecer elos entre o discurso bio-antropo-socio-cultural do biólogo sobre morte e sua formação científica. A investigação ancora-se nos aportes teóricos da *epistemologia da complexidade*. A entrevista compreensiva é a base metodológica do processo de construção/(des)construção/(re)construção do objeto de estudo. Neste sentido, trabalhamos com a *análise compreensiva do discurso* de onze biólogas que atuam no Ensino Médio, partindo de três eixos, para reorganizar suas concepções sobre a morte e a finitude da vida do *Homo sapiens demens*. O estudo encontra-se em fase de análise dos discursos.

Palavras-Chave: Formação de Biólogo. Formação de Professor. Duplo Vida-Morte. Morte. Currículo.

SANTOS, Valdecí dos; ALMEIDA, M. C. A concepção do biólogo sobre a morte. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE NORDESTE, 17., 2005, Belém. **Resumos...** Belém: INEP/UFPA/ANPED, 2005. 1 CD-ROM.

A comunicação tem como tese que o currículo de formação do biólogo não educa para uma compreensão do duplo vida-morte. É através do silêncio ruidoso sobre a morte em seu processo de formação e do contato com a morte de indivíduos com os quais constitui vínculos afetivos, sociais e culturais, que o biólogo pode instaurar *um outro lugar* para lidar com a compreensão de finitude da vida. É objeto de estudo *a concepção do biólogo sobre a morte*. Tem-se como objetivo geral discutir a necessidade da interface cultura científica–cultura humanística no processo de formação desse cientista. São objetivos específicos: conhecer a concepção do biólogo sobre a morte; localizar no seu discurso o núcleo da interface ciência-subjetividade; e por fim, estabelecer elos entre o discurso bio-antropo-socio-cultural do biólogo sobre morte e sua formação científica. A investigação ancora-se nos aportes teóricos da *epistemologia da complexidade* e partirá de *entrevistas estruturadas* com dez professores/as de Biologia que atua no Ensino Médio, para reorganizar suas concepções sobre a morte e a finitude da vida do *Homo sapiens demens*. O estudo encontra-se em fase de construção teórico-metodológica.

Palavras-Chave: Complexidade – Formação de Biólogo – Duplo Vida-Morte.

4.5 Produção 2004

SANTOS, Valdecí dos. A etnometodologia, a etnobiologia e a etnomatemática: aportes teóricos de pesquisas referendadas em etnométodos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 5., 2004, Chapada dos Guimarães, **Resumos...** Chapada dos Guimarães: Universidade Federal do Mato Grosso/Soc. Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2004a. 1 CD-ROM.

SANTOS, Valdecí dos. Etnoconhecimentos biológicos na visão de alunos do ensino médio: etnoterapêutica. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 9., 2004, São Paulo. **Coletânea...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004b.

O presente trabalho faz parte da Pesquisa “**A visão de alunos do ensino médio sobre o ensino de Biologia e Etnoconhecimentos**”. É objetivo deste trabalho: Conhecer a visão dos alunos quanto às questões relacionadas com etnoconhecimentos biológicos imersos na dinâmica cultura sobre etnoterapêutica com plantas, animais, simpatias, dentre outros. O estudo de caso, parte de questionários abertos individuais com oitenta alunos do ensino médio do no Centro Integrado Luiz Navarro de Brito, na cidade de Alagoinhas – BA, aplicados em maio de 2000. A fundamentação teórica reside na Etnometodologia e na Psicologia Social através de sistemas de crenças (BAR-TAL, 1990; BRIQUET JÚNIOR, 1955; GARFINKEL, 1967; ROKEACH, 1981; VIERTLER, 1988). As respostas dos entrevistados permitiram a construção de dois blocos de análise. O bloco 1 (86,25%), evidencia o status dos etnoconhecimentos biológicos sobre etnoterapêutica na dinâmica cultural, considerando que, a evolução da medicina não desautorizou o conhecimento alternativo referente ao uso de plantas e animais que constitui o rico acervo da terapêutica da Medicina de *folk* ou Etnomedicina. E o bloco 2 (13,75%), aborda a Credibilidade na ciência, ressaltando a importância da pesquisa e enfatiza a periculosidade da etnoterapêutica. Ficaram evidenciados dois aspectos. O primeiro retrata a dimensão social da memória cultural, que através dos sistemas de crenças individuais e/ou grupais, circula no contexto social. O segundo aspecto pontua a relação entre memória cultural e ciência, e a necessidade da instauração dos saltos evolutivos da Ciência na dinâmica cultural.

Referências

- BAR-TAL, Daniel. **Group beliefs: a conception for analyzing group structure, processes, and behavior.** New York: Springer-Verlag, s.d. (1990). 140 p.
- BRIQUET JÚNIOR, Raul. **Credices biológicas à luz da genética.** Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1955. 190 p.
- GARFINKEL, Harold. **Studies in ethnomethodology.** New Jersey: Prentice-Hall, 1967. 288 p.
- ROKEACH, Milton. **Crenças, atitudes e valores: uma teoria de organização e mudança.** Rio de Janeiro: Interciência, 1981. 178 p.
- VIERTLER, Renate Brigitte. **Ecologia cultural: uma antropologia da mudança.** São Paulo: Ática, 1988. 61 p.

SANTOS, Valdecí dos. O perfil acadêmico do licenciando em Biologia na etapa conclusiva do curso: um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia (Etapa I). In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 9., 2004, São Paulo. **Coletânea...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004c.

O presente trabalho é parte da pesquisa **FORMAÇÃO DE PROFESSOR/A DE BIOLOGIA** que tem como objeto de estudo – O perfil acadêmico do/a licenciando/a em Biologia na etapa conclusiva do curso. Sendo investigado: as perspectivas com as que o/a licenciando/a lida com questões referentes a sua formação teórica para professor de Biologia. Assim como, o modo como esse/essa licenciando/a desenvolve seu movimento acadêmico no curso. A fundamentação teórica reside nos Estudos Culturais (COSTA, 2000; SILVA, 2000). O estudo de caso tem como população alvo dezessete licenciandos/as em Biologia, da Universidade do Estado da Bahia, na disciplina Estágio de Biologia, no semestre 2002.1. Os dados analisados relacionam-se a Etapa I da investigação, tendo com recurso metodológico um questionário aberto aplicado no primeiro dia do semestre letivo. As questões foram agrupadas em três blocos: I (O CURSO) - 1. Por que você optou por fazer Licenciatura? 2. Por que você optou por estudar Biologia? 3. O que é Biologia? 4. O que é vida? 5. Em algum momento do Curso houve algum tipo de discussão sobre “o que é vida?”? Quando? II (A FORMAÇÃO) - 1. Qual o tipo de leitura que você faz com certa frequência? 2. Qual a bibliografia relacionada ao Ensino de Biologia que você costuma fazer leituras? 3. Faça um breve comentário sobre suas leituras relativas aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. 4. Você fez algum(ns) Estágio(s) extra-curricular(es)? Qual(is)? 5. Você já participou de eventos científicos? Quais? 6. Você já apresentou trabalho(s) em eventos científicos? Qual(is)? III (A DOCÊNCIA) - 1. Como entende a etapa curricular chamada “Estágio Supervisionado”? 2. Você exerce atividade docente? Há quanto tempo? Qual(is) a(s) disciplina(s)? 3. Fale sobre sua Prática Docente. A análise dos blocos sinaliza questões referentes à concepção de formação de professores, ao currículo e a visão de docência.

Referências

- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos culturais.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação:** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- SANTOS, Valdecí dos. A interface ciência/subjetividade na formação do/da professor/professora de biologia: uma leitura do discurso docente sobre origem da vida e morte via os estudos culturais.** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004d. 17 f. Texto do projeto de pesquisa submetido à Banca Examinadora do processo seletivo do Doutorado em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Introdução

Na minha trajetória acadêmico-profissional observei, sujeitos com formação científica na Biologia, optando por crenças em detrimento ao conhecimento científico. Especialmente, ao ser abordado o conteúdo *Origem da Vida*, sendo este foco de ruídos desde o primeiro dia de aula, quando o aluno é informado de que *a Biologia estuda a vida*. Daí surge a pergunta: O que é vida?

Aparentemente todos os sujeitos pensam saber conceituar a vida. Mas a ciência em sua evolutiva teórica, ao buscar esta pergunta deparou/depara com verdades transitórias. A *vida* continua tema obscuro para a própria ciência (EMMECHE & EL-HANI, 2000; HARTMAN, 2000; MAGALHÃES, 1999; MEYER & EL-HANI, 2000; MORENO & FERNÁNDEZ, 2000; NUNES & OLIVEIRA, 2000; PAPAVERO, 1999; VIEYRA & SOUZA-BARROS, 2000).

Em termos de currículo de Formação de Bacharel e/ou Licenciado em Biologia, o conteúdo *Origem da Vida*, também, apresenta uma situação ambígua. Apesar de ser a referência da Biologia, não se constitui como temática nuclear de ementas de disciplinas, ficando a critério do/da professor/professora elegê-lo foco articulador do conhecimento biológico.

Na minha pesquisa de Mestrado² - **O papel do sistema de crenças na constituição do/a professor/a de Biologia no ensino médio: auxílio ou empecilho?** – o conteúdo *Origem da Vida* emerge na fala dos/as professores/as de Biologia de maneira significativa. A pesquisa tem como objeto de estudo o impacto que os sistemas de crenças apresentam na concepção científica do/a professor/a de Biologia do Ensino Médio. Sendo recorte desse objeto de estudo: até que ponto o sistema de crenças dos professores traria em seu bojo uma resistência ao saber científico, e como essa resistência interferiria na maneira costumeira de o professor transmitir o conteúdo científico.

Quanto às descobertas, minha investigação traz as seguintes contribuições: O/A professor/a de Biologia, ao distinguir crença de conhecimento, ressalta que a crença tem conotação de projeção do futuro, adesão incondicional a algo, imutabilidade na forma de ver alguma coisa. O conhecimento é concebido como movimento e incerteza. Contudo, o/a professor/a deixa transparecer que, possivelmente, sua visão de conhecimento está referendada na produção da comunidade científica. É algo vinculado

² Mestrado em Educação, na área Psicologia e Educação, na Universidade de São Paulo sob Orientação da Professora Associada Leny Magalhães Mrech. Defesa em 10/fevereiro/2003.

à sua formação científica nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Biologia, que tem como paradigma a Ciência ocidental.

Na questão – *Como o/a professor/a de Biologia percebe os conhecimentos prévios (sistema de crenças) dos alunos referentes aos conteúdos de Biologia?* – relacionada a uma das situações cruciais enfrentadas pelo/a professor/a de Biologia, na dificuldade de eles/elas conceberem os obstáculos epistemológicos do aluno ao confrontar-se com conteúdos científicos contrários ao seu sistema de crenças, são evidenciados dois aspectos: o primeiro está relacionado com a visão subjacente de obstáculo epistemológico que o/a professor/a de Biologia tem quanto aos conteúdos científicos centrais no ensino de Biologia – *Origem da vida e Evolução*. O segundo aspecto diz da centralidade do criacionismo no sistema de crenças dos indivíduos.

Isto remete também a dois aspectos igualmente importantes sobre da subjetividade que permeia o ensino de Biologia. O primeiro aspecto está relacionado à tríade conhecimento/crença/verdade, evidenciada através do conteúdo *Origem da vida*, onde é marcante a cisão do sujeito. E o segundo aspecto diz da dificuldade de instauração do discurso científico diante da centralidade de crenças primitivas de conteúdo religioso no sistema de crenças individuais.

Segundo os/as entrevistados/as, *Origem da Vida e Evolução* são os conteúdos da Biologia que entram em conflito com o sistema de crenças dos alunos. Uma vez que os mesmos interferem na visão de mundo do homem – onde o antropocentrismo nega a Evolução dos seres vivos, retira-o de sua condição de Ser sobrenatural criado imagem e semelhança da Força Criadora chamada Deus. Para o/a professor/a de Biologia, o sistema de crenças representa um obstáculo epistemológico significativo para a instauração do conhecimento científico.

Por que a concepção criacionista de Deus é escolhida como um lugar privilegiado no ensino de Biologia, quando são abordados os conteúdos científicos – *Origem da vida e Evolução*? Como possibilidades de leituras, destaco os obstáculos da Ciência para definir o objeto de estudo da Biologia – a vida e o que o circuito transferencial explicita através das colocações trazidas pela Psicanálise.

Na possibilidade de leitura através da Psicanálise, possivelmente Deus faça parte do circuito transferencial dos sujeitos, o que contribui para que o mesmo, de acordo com a vivência dos sujeitos envolvidos no contexto escolar, adquira uma existência real. Isso sinaliza que, para que o sujeito instaure um lugar para os conteúdos científicos – *Origem da vida e/ou evolução*, é preciso que o conteúdo Deus seja tecido em uma

ordem diferente daquela constituída originariamente no circuito familiar, no bojo dos sistemas de crenças coletivos e (re)significado nos sistemas de crenças individuais. Portanto, a concepção de Deus constitui-se em um saber elaborado pelo sujeito, e denota também, ao mesmo tempo, certos aspectos referentes à cisão trazida no interior desse sujeito.

No aprofundamento da percepção do/a professor/a de Biologia sobre sistemas de crenças, a segunda questão da investigação – *Como o/a professor/a de Biologia lida com os conhecimentos prévios (sistema de crenças) dos alunos no contexto da sala de aula?* – evidenciou três perspectivas sob as quais os sujeitos lidam com o sistema de crenças dos alunos. Primeira perspectiva: estando aberto para a escuta sensível das questões do aluno e mobilizando condições para a instauração do conflito sistema de crenças x conhecimento científico. Segunda perspectiva: escutando as questões do aluno e não mobilizando condições para a ruptura entre sistema de crenças e conhecimento científico – não reconhecendo a resistência ao conhecimento científico como obstáculo epistemológico. E a terceira perspectiva: reconhecendo sistemas de crenças como obstáculo epistemológico; entretanto, disponibilizando condições para o aluno optar por romper ou não romper com seu sistema de crenças.

Essas perspectivas sob as quais os sujeitos lidam com a resistência dos alunos trazem à tona uma questão que permeia não apenas o aluno, mas também o sujeito professor. *Afinal, por que os sujeitos resistem ao conhecimento científico?* Provavelmente, essa resistência encontra-se relacionada à ruptura de visões de mundo requerida pela Cultura científica e pela cisão dos sujeitos.

Pontuando o sujeito professor/a de Biologia, duas das questões da investigação buscaram conhecer como ele/a lida com a objetividade científica: *Como o/a professor/a de Biologia lida com seus conhecimentos prévios (sistemas de crenças) referentes ao conhecimento científico da área de Biologia? Como o/a professor/a de Biologia lida com os seus conhecimentos prévios no aprendizado da ciência?* Essas questões que expressaram a oscilação do/a próprio/a professor/a diante de suas crenças primitivas e do conhecimento científico do qual é porta-voz.

Essa oscilação denota a cisão que demarca o semblante profissional do/a professor/a de Biologia referendado pela objetividade científica e subjetividade vinculada ao seu sistema de crenças.

Discursando a partir do lugar de porta-voz do discurso da ciência, o/a professor/a de Biologia, possivelmente, tende a buscar mecanismos que mascarem sua cisão ante a

subjetividade constitutiva do seu sistema de crenças, uma vez que o discurso da Ciência está pautado num paradigma que refuta a subjetividade. E a Ciência referendada e fundamentada na experimentação e na objetividade dos fatos.

No estudo, todos os sujeitos, mesmo tendo como referência primeira a associação de crenças à religião, evidenciaram significativa preocupação por terem seu semblante profissional maculado pela associação de crença religiosa à sua postura profissional. São enfáticos quanto à necessidade de uma postura profissional que não atrele seus sistemas de crenças originários ao ensino científico.

Contudo, nas falas é evidente que os semblantes definidos nos discursos sociais não dão conta do “real” dos sujeitos. Especialmente por causa da cisão do sujeito diante do seu real e do real “instituído” para seu semblante.

Ao buscar elaborar um discurso alternativo em que ciência e sistemas de crenças tenham pontos de contato - para poder lidar com sua subjetividade diante do Outro que interage no laço social -, o sujeito na condição de professor/a de Biologia, possivelmente, tende a salvaguardar seu semblante profissional validado no discurso social.

Partindo-se da premissa de que os semblantes não dizem sobre o eu dos sujeitos, é possível que a localização da suposta incoerência entre o semblante profissional e a fala pontual do/a professor/a de Biologia, quanto às crenças primitivas de conteúdo religioso, esteja relacionada à dificuldade de construção de um pensamento sustentado.

Talvez a dificuldade que os sujeitos têm para manter um pensamento sustentado esteja relacionada com a segurança que os mesmos buscam nas crenças primitivas, através de um Deus, onipotente e onisciente, que responde todas as questões emergidas nas interações cotidianas do contexto pessoal-grupal-social-cultural-econômico-político. Ou seja, talvez por ser o real algo terrível para os sujeitos, eles busquem os ideais simbolizados em semblantes. Os sujeitos criam alternativas para manter sua cisão de maneira “harmoniosa”.

Enfim, o semblante constituído para o/a professor/a de Biologia, como porta-voz do discurso da Ciência, não propicia a ruptura epistemológica de conteúdos em seu sistema de crenças, que negam, exatamente, o discurso pelo qual o/a mesmo/a é autorizado/a. Esse fato indica a dimensão inconsciente dos sujeitos e deve ser levado em consideração no ensino de Biologia, especialmente porque seu núcleo temático – *Origem da vida* – está relacionado intimamente com a dimensão subjetiva da constituição dos sistemas de crenças dos sujeitos.

As questões discutidas no estudo mostram a complexidade dos sistemas de crenças na constituição dos sujeitos, especialmente dos sujeitos que lidam com o conhecimento científico, no caso, o/a professor/a de Biologia.

Portanto, esse sujeito reconhecido em sua cisão diz da incompletude do simbólico. Incompletude discutida por Bachelard ao tratar do posicionamento do sujeito diante do conhecimento científico e senso comum. De acordo com Bachelard (1996), a dificuldade de os sujeitos romperem com o senso comum deve-se ao fato de que o que existe de mais imediato na experiência primeira somos nós mesmos, nossas surdas paixões, nossos desejos inconscientes.

Nesta perspectiva, considero fundamental investigar a interface ciência/subjetividade que permeia a formação do/da professor/professora de Biologia, trazendo para o campo de estudo uma temática marginalizada no currículo de formação do professor de Biologia – a morte.

A morte, em geral, aparece nas discussões sobre processos metabólicos dos seres vivos. Contudo, a dimensão bio-psico-socio-cultural da finitude dos seres vivos, em especial, o *Homo sapiens* não é contemplada no currículo de formação do professor de Biologia.

Reconhecendo que, existe uma lacuna na rede de conteúdos que tem como proposta formar um/uma Biólogo/Bióloga, é que destaco dois conteúdos que polarizam a Biologia – Origem da vida e morte, para subsidiar o estudo sobre a *interface ciência/subjetividade que permeia a formação do/da professor/professora de Biologia*, tendo como **objeto de estudo**: o discurso do/da professor/professora de Biologia sobre a origem da vida e a morte. O referido objeto de estudo trata da formação científica do/da professor/professora de Biologia e da cisão do sujeito. **É recorte do objeto de estudo**: *O discurso do/da professor/professora de Biologia sobre a origem da vida e a morte e a compreensão de sujeito cindido emergida nesse discurso*. São **objetivos gerais**: contribuir na discussão sobre a subjetividade vinculada no discurso do/da professor/professora de Biologia na transmissão do conhecimento científico no ensino de Biologia e discutir sobre a interface ciência/subjetividade que permeia a formação do/da professor/professora de Biologia. São **objetivos específicos**: conhecer o discurso do/da professor/professora de Biologia sobre a origem da vida e a morte; localizar no discurso do/da professor/professora o núcleo da interface ciência/subjetividade em seu processo de formação científica; estabelecer pontos de contatos entre o discurso do/da professor/professora de Biologia sobre origem da vida e morte e sua formação

científica; contextualizar culturalmente o discurso do/da professor/professora de Biologia sobre origem da vida e morte.

Justificativa

Em termos de produção científica sobre ensino de Biologia, um significativo percentual está direcionado às temáticas como metodologia, processo ensino-aprendizagem, recursos didáticos, dentre outros. Fato comprovado pelos trabalhos (Tabela I) inscritos nos Encontros “Perspectivas do Ensino de Biologia”, organizados pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo desde 1984 e pela recém criada (1997) Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia.

Tabela I

TOTAL DE TRABALHOS APRESENTADOS NOS ENCONTROS PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA								
I EPEB 1984	II EPEB 1986	III EPEB 1988	IV EPEB 1991	V EPEB 1994	VI EPEB 1997	VII EPEB 2000	VIII EPEB 2002	IX EPEB 2004
Não foi previsto	42	76	91	170	171	226	223	

Apesar do significativo aumento na quantidade de trabalhos, não existe comunicação de pesquisas que enfoquem: a *interface ciência/subjetividade que permeia a formação do/da professor/professora de Biologia*.

Esta proposta de pesquisa sinaliza possibilidades de compreensão da interface ciência/subjetividade no processo de formação do professor de Biologia, principalmente pela leitura interdisciplinar do objeto de estudo via Estudos Culturais.

A pesquisa insere-se na linha de pesquisa FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE do programa de Pós-Graduação Educação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e sua relevância consiste em contribuir para a compreensão do processo de formação e profissionalização do/da professor/professora de Biologia, especialmente por focar a interface ciência/subjetividade na formação do/da professor/professora de Biologia.

Fundamentos Teóricos-Metodológicos

A investigação será ancorada na Abordagem Qualitativa de Pesquisa, referendando-se nos aportes teóricos dos Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais surge no final da década 50 na Inglaterra com os trabalhos de Richard Hoggart - *The uses of literacy* (1957) e Raymond Williams - *Culture and society* (1958). Trabalhos que se diferenciaram pelo olhar antropológico quanto à importância da *cultura* para a contextualização social do objeto de investigação. Hoggart tratando da história cultural discute que a nível popular não existe apenas submissão, mas também resistência. Já Williams, ao construir um histórico do conceito de cultura, eleva-o a conceito-base tanto de conexão para a análise literária quanto à investigação social (ESCOSTEGUY, 2000; COSTA, 2000; JOHNSON, 2000; NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 1995).

A importância do texto de Williams para os Estudos Culturais, segundo Stuart (1990) citado por Escosteguy (2000, p. 140) é que “Ele mudou toda a base da discussão: de uma definição lítero-moral para uma definição antropológica da cultura. Mas definia a última agora como o “processo inteiro” por meio do qual os significados e definições são socialmente construídos e historicamente transformados, com a literatura e a arte como sendo apenas um tipo de comunicação social - especialmente privilegiado”.

Um terceiro texto que surge como pioneiro da área de Estudos Culturais é o E. P. Thompson - *The making of the english working-class* (1963) que aborda a história da sociedade inglesa. De acordo com Escosteguy (2000) para Williams e Thompson a cultura era uma rede de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano.

O surgimento desses três trabalhos *ampliando o conceito de cultura* para as práticas cotidianas, demarca uma ruptura com a até, então, maneira de conceber a análise dos textos calcados na cultura elitista. Pois, os mesmos focavam as estruturas sociais - o poder. Naturalmente, eram trabalhos ancorados na teoria marxista (ESCOSTEGUY, 2000).

Essa nova maneira de analisar e interpretar os fenômenos do cotidiano extrapola o campo de saberes das disciplinas acadêmicas, as quais circunscrevem seu objeto de conhecimento com um discurso específico. No entanto, o que estava sendo inaugurando era algo que se caracterizava pela pluralidade e requeria uma visão interdisciplinar para permitir a mobilidade desse fenômeno como um discurso complexo e que, às vezes,

torna-se antidisciplinar para que tal mobilidade seja efetivada (BRUSCHI, 2003; COSTA, 2000; ESCOSTEGUY, 2000, 2003; GIROUX, 1995; GUARESCHI, MEDEIROS & BRUSCHI, 2003; JAMESON, 1994; JOHNSON, 2000; NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 1995; SANTOS, 2000; SCHULMAN, 2000; VEIGANETO, 2000).

Tal perspectiva encontra eco no mundo acadêmico e em 1964 Richard Hoggart e Raymond Williams fundam o Centro de Estudos Culturais Contemporâneo (Centre for Contemporary Cultural Studies) da Universidade de Birmingham na Grã-Bretanha. Com institucionalização dos Estudos Culturais surgem pressões para uma definição do que era aquele novo campo de saberes. Surgindo, então, uma questão maior - *como definir um corpo de saberes que se caracteriza pela diversidade?*

Para Jameson (1994) definir Estudos Culturais “significa retirar deles aquilo que não são, remover o barro estranho à escultura emergente, estabelecer uma fronteira por instinto e sentimento visceral, tentar identificar aquilo que não são de forma tão compreensiva que a tarefa se completaria mesmo que não se chegasse a uma ‘definição positiva”.

No entanto, algumas menções foram feitas para definir Estudos Culturais, e todas tiveram um ponto convergência - é impossível, delimitar uma área cuja característica é: *possibilidades*. Das tentativas de definição do complexo e indefinível, considero as de (HALL et al, 1980), (BENNETT, 1992), (NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 1995), (SPARKS, 1997) e (COSTA, 2000) as mais próximas de esclarecer ao/a neófito/a em Estudos Culturais a gama de possibilidades que encontrará para construir/desconstruir seu diálogo na *demarche* de sua investigação.

Os estudos Culturais não configuram “uma disciplina”, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade. (HALL et al, 1980) In: (ESCOSTEGUY, 2000, p. 137).

Um termo de conveniência para uma gama bastante dispersa de posições teóricas e políticas, as quais, não importa quão amplamente divergentes possam ser sob outros aspectos, partilham um compromisso de examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de, relações de poder. (BENNETT, 1992) In: (NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 1995, p. 11).

Os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra-disciplinar que atua na tensão entre algumas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura, quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura. Diferentemente da antropologia tradicional, entretanto, eles se desenvolveram a partir de análises das sociedades industriais modernas. Eles são tipicamente interpretativos e avaliativos em suas metodologias, mas diferentemente do humanismo tradicional, eles rejeitam a equação exclusiva de cultura com alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas. (NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 1995, p. 13).

É extremamente difícil definir os “Estudos Culturais” com qualquer grau de exatidão. Não é possível fazer demarcações e dizer que esta ou aquela seja sua esfera de atuação. Tampouco é possível indicar uma teoria ou metodologia unificada que seja característica deles ou para eles. Um verdadeiro amontoado de idéias, métodos e temáticas da crítica literária, da sociologia, da história, dos estudos da mídia, etc. são reunidos sob o rótulo conveniente de estudos culturais. (SPARKS, 1997) In: COSTA (2000, p. 14).

Saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, de uma cultura para outra, que percorrem países, grupos, práticas, tradições, que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado a produção do pensamento humano – eis uma descrição que parece provisoriamente adequada para me referir ao **ethos** contingente do que tem sido denominado Estudos Culturais, em sua versão contemporânea. (COSTA, 2000: 13).

De modo geral, o estudioso em Estudos Culturais tem que atentar para o *lugar* onde foi forjado esse campo de saber - a *cultura*. Pois, de acordo Nelson, Treichler e Grossberg (1995), nas tradições dos Estudos Culturais a cultura é entendida *tanto* como uma forma de vida - compreendendo idéias, atitudes, linguagem, práticas, instituições e estruturas de poder - *quanto* toda uma gama de práticas culturais.

Creio que, qualquer indivíduo que busca refletir sobre cultura, vê-se diante de uma complexa tarefa, pois é enorme o número de conceitos vinculados abordando a temática. No entanto, existe um eixo básico entre os mesmos - *o homem em sua inserção social*.

Naturalmente, tal eixo requer uma articulação com o conhecimento produzido na história da humanidade, na qual a memória social fez-se um fator determinante para os múltiplos olhares com os quais as singularidades e especificidades da diversidade da espécie *Homo sapiens* - o homem - constituiu-se na temporalidade do existir (PELTO,

1984; MORIN, 1979; SANTOS, 1994; BERNARDI, 1978; HOEBEL & FROST, 1981; KROEBER & KLUCKHOHN, 1952 citado por HOEBEL & FROST, 1981).

A espécie *Homo sapiens* ao constituir-se como produtora de cultura evidencia não apenas sua especificidade biológica demarcada pela linguagem, mas também, a historicidade do holismo de suas experiências sensorial, intuitiva, emocional, espiritual e racional - as quais a partir da interação do homem consigo mesmo, com os outros e com a natureza validam o conglomerado de conhecimentos que serão transmitidos e re-significados de geração a geração (D'AMBROSIO, 1999; BOMBASSARO, 1992; ANDERY, et al, 1988).

Esse movimento de experiências que dão origem, dentre outros, a comportamentos, valores, *crenças* que demarcam a cultura, tem como suporte o conhecimento. Ou seja, o conhecimento é o contínuo movimento de experiências.

Visto que, a memória cultural é constituída pela dinâmica que envolve o processo de transmissão de experiências de uma geração para outra geração - processo que só se autoriza pelo conflito que é estabelecido no ato de apropriação e re-significação do conhecimento produzido historicamente por determinado grupo, dentre eles, a família (BERNARDI, 1978; SANTOS, 2001; VIERTLER, 1988).

Desse modo, é possível pensar que a cultura existe como um sistema no qual a diferença permeia as ações do aqui e agora do homem vinculadas a um ontem refletido e re-significado. Pois, essa diferença funciona como um prisma que ao decompor a luz branca mostra a singularidade das cores que o compõe. Ou seja, é a diferença que circunscreve as diversas ações realizadas pelo homem, as quais são rotuladas de cultura, que por sua vez, decompõe-se em sub-rótulos, dentre eles: cultura popular, cultura científica, cultura africana, cultura de massa, cultura baiana, cultura egípcia, cultura infantil, cultura universitária, cultura individual, cultura burguesa, cultura indígena, cultura brasileira, cultura da vida.

Para Carvalho (1994) a cultura é um elo que une os 'sistemas simbólicos/códigos/normas e as práticas simbólicas cotidianas', que interagem pela reapropriação e reinterpretação daquilo que constitui a memória social. Já Albert Schweitzer (citado por MOLES, 1974) considera que cultura é a soma de todos os progressos do homem e da humanidade em todos os domínios e sob todos os pontos de vista, na medida em que estes contribuem para a realização espiritual do indivíduo e para o próprio progresso do progresso.

A cultura, segundo Moles (1974):

... **não é o pensamento** que representa um processo ativo. O pensamento nasce e nutre-se da cultura e principalmente de uma espécie de combinatória dos elementos do conhecimento já incorporados à memória de cada um, elementos que começam a ser chamados, depois de Saussure, de “semantemas”, elementos de significação ou de forma, átomos do pensamento que o intelectual fabricante de idéias reúne de forma mais ou menos artificiosa, ou morfemas que o artista combina em uma obra. A aptidão maior ou menor para realizar esta reunião corresponde ao que o psicólogo denomina em geral de “imaginação”. (...). Diremos, mais brevemente, que a cultura aparece como o material essencial do pensamento, como um recibo, um conteúdo, um existente, com relação à vida do espírito. Matéria do pensamento, a cultura representa **o que é**, e o pensamento, **o que se faz**: o pensamento é o vir-a-ser da cultura. (p. 20).

Apesar da aparente diferença na fala desses autores, é possível perceber um ponto de contato entre eles, a referência, embora sutil, do imaginário. Algo de significativa relevância, pois, o real requerido, geralmente, como necessário para demarcar a expressão duma determinada cultura faz-se através da mescla simbólico/imaginário de cada indivíduo.

Os Estudos Culturais ao romper com a tradição sociológica - o funcionalismo norte-americano, acompanha o movimento de re-significação teórica da sociologia considerando as perspectivas da Fenomenologia, da Etnometodologia e do Interacionismo Simbólico - correntes teóricas que não propõem ruptura com o senso comum (ESCOSTEGUY, 2000; SANTOS, 1989).

Os Estudos Culturais ao constitui-se por múltiplos olhares destinados a construir uma teia de relações entre o objeto de investigação e contexto sócio-cultural, não podem reivindicar uma metodologia como sua. Visto que, sua metodologia apresenta-se como uma *bricolage* constituída pela etnografia, entrevistas, análise fonêmica, **a psicanálise**, a análise de conteúdo, a semiótica, a análise textual e de discurso, a rizomática, a desconstrução, história oral, autobiografia, o *survey*. No entanto, não existe um método que se autorize como único e infalível para análise de um objeto de estudo (Nelson, TREICHLER & GROSSBERG, 1995; VEIGA-NETO, 2000; JOHNSON, 2000; SCHULMAN, 2000).

Por se tratar de uma pesquisa de abordagem qualitativa, opto pelo *estudo de caso*, por apoiar-se no pressuposto de que a realidade é complexa e os fenômenos historicamente construídos, sendo, portanto, necessário considerar as possíveis variáveis associadas ao fenômeno estudado.

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados. Focaliza o particular, tomando-o como um todo, atendo-se aos seus componentes principais, aos detalhes e à sua interação. O estudo de caso procura representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes numa situação social (ANDRÉ, 1984, 1995; CHIZZOTTI, 1998; LUDKE & ANDRÉ, 1986; TUCKMAN, 2000).

Na investigação, utilizei como técnica a *entrevista*. Enquanto técnica, a entrevista é compreendida por Cruz Neto (1994) como uma conversa a dois, com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, caracteriza-se por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e da fala. Num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre determinado tema científico.

Optarei pela *entrevista estruturada*, para coleta da história de vida típica dos entrevistados, referente à sua concepção sobre o conteúdo *Origem da Vida e Morte*.

A população-alvo do estudo de caso será composta por dez professores/professoras de Biologia que atuam no Ensino Médio em escolas públicas e dez professores/as-biólogos/as que atuam no Ensino Superior em cursos de formação de professores de Biologia. A população-alvo deverá ter a mesma Instituição como origem de formação e fonte de atuação profissional.

O trabalho de campo será estruturado em três momentos. O primeiro momento terá finalidade de contatar com possíveis colaboradores/as. O segundo momento será destinado à aplicação de entrevista-piloto com professores/as colaboradores/as. O terceiro momento será reservado às entrevistas individuais.

Cronograma de Previsões

ATIVIDADES	CALENDÁRIO									
	2004		2005		2006		2007		2008	
		2	1	2	1	2	1	2	1	2
Curso das disciplinas		X	X							
Discussão preliminar do objeto de estudo		X			x					
Re-elaboração do projeto			X	X						
Levantamento bibliográfico		X	X	X						
Viagem de intercâmbio			X			X		X		
Trabalho de Campo – I				X						

Trabalho de Campo – II					X				
Trabalho de Campo – III						X			
Aprofundamento teórico			X	X	X	X	X		
Detalhamento metodológico			X	X	X				
Pesquisa bibliográfica			X	X	X	X	X		
Redação preliminar I						X			
Redação preliminar II							X		
Exame de Qualificação						X	x		
Redação definitiva da Tese								X	
Defesa da Tese									X

Referências Bibliográficas

ANDERY, Maria Amália, et al. **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1988. 446 p.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar.** 4. ed. Campinas: Papirus, 1995. 128 p.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cadernos de pesquisa,** São Paulo, n. 49, p. 51-54, maio 1984.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 316 p.

BERNARDI, Bernardo. **Introdução aos estudos etno-antropológicos.** Lisboa: edições 70, 1978. 450 p.

BOMBASSARO, Luiz Carlos. **As fronteiras da epistemologia:** como se produz o conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1992. 144 p.

BRANCO, G. Castelo. Filosofia e Psicanálise. In: BRANCO, G. Castelo. **O olhar e o amor:** a ontologia de Jacques Lacan. Paulo de Frontin, RJ: Nau, 1995. 131 p.

BRAZIL, Horus Vital. **O sujeito da dúvida e a retórica do inconsciente.** Rio de Janeiro, Imago Ed., 1998. 256 p.

BRUSCHI, Michel Euclides. Estudos culturais e pós-modernismo: psicologia, mídia e identidades. In: GUARESCHI, Neuza Maria F., BRUSCHI, Michel Euclides (Orgs.).

Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 75-94.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998. 164 p.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais: para além das fronteiras. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. p. 13-36.

COSTA, Newton C. Afonso. **O conhecimento científico**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial, 1999. 300 p.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas: Papirus, 1999. 167 p.

EMMECHE, Claus, EL-HANI, Charbel. Definindo vida. In: EL-HANI, Charbel, VIDEIRA, Antonio A. P. (Orgs.). **O que é vida?: para entender a Biologia do século XXI**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 31-56.

ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 1., 1984, São Paulo. **Coletânea**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1984.

ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 2., 1986, São Paulo. **Coletânea**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1986.

ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 3., 1988, São Paulo. **Coletânea**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1988.

ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 4., 1991, São Paulo. **Coletânea**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1991.

ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 5., 1994, São Paulo. **Coletânea**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1994.

ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 6., 1997, São Paulo. **Coletânea**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1997.

ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 7., 2000, São Paulo. **Coletânea...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000.

ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 8., 2002, São Paulo. **Biologia e cidadania: contextos de ensino e produção científica**. São Paulo: SbenBio, 2002. 1 CD-ROM.

- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos culturais**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 133-166.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais e a constituição de sua identidade. In: GUARESCHI, Neuza Maria F., BRUSCHI, Michel Euclides (Orgs.). **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 51-74.
- FINK, Bruce. **O sujeito laciano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 253 p.
- GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 132-158.
- GUARESCHI, Neuza Maria F., MEDEIROS, Patricia F., BRUSCHI, Michel Euclides. Psicologia social e estudos culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: GUARESCHI, Neuza Maria F., BRUSCHI, Michel Euclides (Orgs.). **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 23-49.
- HARTMAN, Hyman. Vírus, evolução e origem da vida. In: EL-HANI, Charbel, VIDEIRA, Antonio A. P. (Orgs.). **O que é vida?: para entender a Biologia do século XXI**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 233-242.
- HOEBEL, E. Adamson, FROST, Everett L. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 1981. 470 p.
- JAMESON, Fredric. Sobre os “estudos de cultura”. In: **Novos estudos CEBRAP**. S.l., (39):(11-48), jul./1994.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos culturais**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-131.
- LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 869-892.
- LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.
- MAGALHÃES, J. C. M. Axiomatização e estrutura da biologia evolutiva. In: COSTA, Newton C. Afonso. **O conhecimento científico**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial, 1999. p. 264-270.

- MEYER, Diogo, EL-HANI, Charbel. Evolução. In: EL-HANI, Charbel, VIDEIRA, Antonio A. P. (Orgs.). **O que é vida?:** para entender a Biologia do século XXI. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 153-185.
- MOLES, Abraham A. **Sociodinâmica da cultura.** São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1974. 336 p
- MORENO, Alvaro, FERNÁNDEZ, Julio. A vida artificial como projeto de criação de uma nova Biologia universal. In: EL-HANI, Charbel, VIDEIRA, Antonio A. P. (Orgs.). **O que é vida?:** para entender a Biologia do século XXI. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 257-272.
- MORIN, Edgar. **O enigma do homem: para uma nova antropologia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, 227.
- MRECH, Leny Magalhães. **Psicanálise e educação:** novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999. 144 p.
- NELSON, Cary, TREICHLER, Paula A., GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7-38.
- NUNES, Luiz R., OLIVEIRA, Regina Costa. Replicação do DNA. In: EL-HANI, Charbel, VIDEIRA, Antonio A. P. (Orgs.). **O que é vida?:** para entender a Biologia do século XXI. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 139-151.
- PAPAVERO, N. Teoria intuitiva dos conjuntos, mereologia e biologia comparada. In: COSTA, Newton C. Afonso. **O conhecimento científico.** 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial, 1999. p. 234-237.
- PELTO, Petti J. **Iniciação ao estudo da antropologia.** 7 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1984. 144 p.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989. 176 p.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, Luis Henrique dos. A biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação:** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. p. 229-256.
- SANTOS, Selma dos. **Memória:** onde está minha vida. In: <http://www.valdeci.bio.br>
- SANTOS, Valdecí dos. **O papel dos sistemas de crenças na constituição do professor de Biologia no ensino médio: auxílio ou empecilho?** 2003. 158 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHULMAN, Norma. O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos culturais**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 167-224.

TUCKMAN, Bruce W. **Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação**. Lisboa: Serviço de Educação/Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 507-535.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. p. 37-69.

VIEYRA, Adalberto, SOUZA-BARROS, Fernando. Teorias da origem da vida no século XX. In: EL-HANI, Charbel, VIDEIRA, Antonio A. P. (Orgs.). **O que é vida?: para entender a Biologia do século XXI**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 71-101.

VIERTLER, Renate Brigitte. **Ecologia cultural: uma antropologia da mudança**. São Paulo: Ática, 1988. 61 p.

SANTOS, Valdecí dos. A morte como objeto de reflexão da formação de biólogos: uma leitura do discurso do sujeito sobre a finitude do Homo sapiens sapiens via os estudos culturais. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004e. 24 p. Texto do projeto de pesquisa apresentado à Linha de Pesquisa Estratégias de Pensamento e Produção do Conhecimento.

4.6 Produção 2003

SANTOS, Valdecí dos. O papel dos sistemas de crenças na constituição do professor de Biologia no ensino médio: auxílio ou empecilho? 2003. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003a.

A dissertação – **O PAPEL DO SISTEMA DE CRENÇAS NA CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: AUXÍLIO OU EMPECILHO?** – tem como objeto de estudo o impacto que os sistemas de crenças apresentam na concepção científica do/a professor/a de Biologia do Ensino Médio. Duas

questões fundamentais são discutidas neste trabalho: até que ponto o sistema de crenças dos professores traria em seu bojo uma resistência ao saber científico, e como essa resistência interferiria na maneira costumeira de o professor transmitir o conteúdo científico. O estudo de caso, como procedimento metodológico, parte de entrevistas individuais com seis professores/as de Biologia. São objetivos gerais do estudo: a) Contribuir para a compreensão da importância do sistema de crenças para o/a professor/a de Biologia no Ensino Médio e b) Buscar desvelar algumas articulações possíveis entre o sistema de crenças dos/as professores/as de Biologia e sua resistência a determinados conteúdos do conhecimento científico. São as seguintes as principais questões discutidas: Como o/a professor/a de Biologia lida com seus conhecimentos prévios (sistema de crenças) referentes ao conhecimento científico da área de Biologia? Como o/a professor/a de Biologia lida com os conhecimentos prévios (sistema de crenças) dos alunos, no contexto da sala de aula? Como o/a professor/a de Biologia percebe os conhecimentos prévios dos alunos referentes aos conteúdos de Biologia? Como o/a professor/a de Biologia lida com os seus conhecimentos prévios no aprendizado da Ciência? O que o/a professor/a de Biologia conhece sobre a Etnobiologia? A fundamentação teórica reside na Etnometodologia e nos contatos multirreferenciais com as filosofias bachelardiana e moriniana, com a Psicanálise e com a Psicologia Social através de sistemas de crenças. Na análise das falas dos/as entrevistados/as ficaram evidenciadas duas situações. A primeira revelou a dificuldade de o/a professor/a perceber os obstáculos do aluno diante dos conteúdos científicos que contrariam seu sistema de crenças. E a segunda revelou a oscilação do/a próprio/a professor/a diante de suas crenças primitivas e do conhecimento científico do qual é porta-voz. Em razão das descobertas feitas por este trabalho, os encaminhamentos acabaram sugerindo a necessidade da inclusão de uma disciplina cujo olhar fosse mais amplo dentro de uma perspectiva cultural, como a Etnobiologia, no Currículo de Formação do/a professor/a de Biologia. Ela poderia permitir ao/à professor/a a construção de um outro olhar, onde se articulassem, de maneira mais profunda, o conhecimento científico e o conhecimento produzido pela memória cultural não científica. Essa proposta talvez possa reduzir os possíveis impasses dos obstáculos epistemológicos, resultantes de uma concepção única de Ciência em seu embate com as concepções pluralísticas trazidas pelos sistemas de crenças de alunos e professores. Por outro lado, emerge a necessidade de se considerar o inconsciente na constituição dos sujeitos, o que sinaliza para a instauração de uma escuta psicanalítica no ensino de Biologia. A Psicanálise se configura como uma ciência para a qual a verdade se constitui como procura.

Palavras-chave: Conhecimento. Ensino de Biologia. Etnobiologia. Etnometodologia. Obstáculos epistemológicos. Psicanálise. Sistemas de Crenças. Verdade.

A dissertação está disponível em <http://www.valdeci.bio.br>

SANTOS, Valdecí dos. Seres vivos: conteúdos científicos que dizem da formação de professores e do cotidiano escolar no ensino fundamental. In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA DO NORDESTE, 1., 2003, Feira de Santana. **Anais...** Feira de Santana: UEFS/SBEnBio, 2003b. 1 CD-ROM.

Este trabalho é parte da Pesquisa *A Classificação dos Seres Vivos na Concepção de Professores do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) do Município de Alagoinhas – BA*, e visa apresentar dados relativos à relação classificação dos seres vivos/doenças e os referenciais bibliográficos sobre o conteúdo seres vivos utilizados pelas entrevistadas em suas práticas pedagógicas.

SANTOS, Valdecí dos. Memorial. Movimento: referencial que diz da constituição da identidade da professora. Alagoinhas: Universidade do Estado da Bahia, 2003c. 36 f. Memorial submetido à Banca Examinadora do processo para Progressão na Carreira, da classe de professora Auxiliar para a classe de professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia.

4.7 Produção 2002

SANTOS, Valdecí dos; MRECH, L. M. Sistemas de crenças: referenciais que dizem da necessidade da instauração da escuta no ensino de Biologia. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 5., 2002, Águas de Lindóia . **Anais...** São Paulo: ANPEd, 2002.

4.8 Produção 2001

SANTOS, Valdecí dos; MARQUES, J. G. W. Leitura fenomenológica de uma interação homem/animal em uma feira nordestina (Feira de Santana - BA). **Sitientibus**, v. 1, n. 2. Feira de Santana, 2001. p. 165-168. (Série Ciências Biológicas)

Em Feira de Santana (BA), foi documentado o fenômeno da venda de produtos medicinais folclóricos exibindo-se répteis como atrativo. Para compreendê-lo, utilizou-se uma metodologia fenomenológica, abordagem pioneira em etnozoologia, a qual constou da leitura qualitativa de um tipo de conexão homem/animal. O fenômeno foi descrito estruturando-se uma peça teatral, fiel às falas: ele consiste em uma interação comercial (venda de remédios) etnomedicamente fraudulenta que é intermediada por uma conexão homem/animal do tipo “ergonômica” (utilização de cobras e lagartos como “garotos-propaganda”) posterior a uma conexão homem/vegetal do tipo médica (coleta de plantas e preparo de “fitoterápico”). O valor arquetípico das serpentes foi invocado como explicativo da eficácia simbólica na atração de clientes. A leitura fenomenológica da interação investigada desvelou-o em uma complexidade que dificilmente seria evidenciável pelas abordagens tradicionais da etnozoologia.

Palavras chave: Etnozoologia, Fenomenologia, Interação Homem-Animal.

4.9 Produção 2000

SANTOS, Valdecí dos. Dialogando sobre os seres vivos no ensino fundamental. In: ENCONTRO "PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA", 7., 2000, São Paulo; SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DA INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY EDUCATION, 1., 2000, São Paulo. **Coletânea...** São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2000. p. 737-739.

4.10 Produção 1999

SANTOS, Valdecí dos. O licenciado em ciências biológicas e a etnobiologia: um olhar fenomenológico. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 6., 1999, São Paulo. **Resumos...** São Paulo: FEUSP, 1999.

SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos; SANTOS, Livia Daniela dos. Plantas medicinais e orientação etnoterapêutica de indivíduos da terceira idade: uma contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 5., 1999, Belo Horizonte. **Resumos...** Belo Horizonte: UFMG, 1999a.

SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos; SANTOS, Livia Daniela dos. Conhecimento etnobiológico das plantas medicinais na escola: uma relação no processo ensino-aprendizagem/doença/cultura. I. Doença/Planta. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 50., 1999, Blumenau. **Resumos...** Blumenau: Sociedade Botânica do Brasil, 1999b.

SANTOS, Valdecí dos, SANTOS, Selma dos, SANTOS, Livia Daniela dos. Plantas medicinais e orientação etnoterapêutica de indivíduos da terceira idade: uma contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença. In: JORNADA PAULISTA DE PLANTAS MEDICINAIS, 4., 1999, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: Universidade de Ribeirão Preto, 1999c.

O subprojeto *Plantas Medicinais e a Orientação Etnoterapêutica de Indivíduos da Terceira Idade* faz parte do Projeto Etnobiologia na Escola desenvolvido no Centro

Educacional Biosfera (Feira de Santana – BA) desde 1995 e objetiva investigar a transmissão e a apropriação de etnoconhecimentos sobre plantas medicinais ao longo das gerações e a indicação etnoterapêutica das mesmas por indivíduos da terceira idade quanto ao uso, apropriação, transmissão e indicação etnoterapêutica de plantas medicinais. Foram recursos: conversas informais, questionários, entrevistas e registro fotográfico. Catalogou-se uma relação de plantas medicinais, dentre outras: *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Codd, *Mentha villosa* Huds., *Carica papaya* L., *Eucalyptus citriodora* Hook. Devido a complexidade bio-psico-socio-cultural dos indivíduos, é importante conhecer a mescla simbólicoimaginário na perpetuação da transmissão etnoterapêutica das plantas medicinais e a concepção de doença, especialmente, referente à sua relação no processo ensino-aprendizagem/cultura/doença.

4.11 Produção 1998

SANTOS, Valdecí dos. O licenciado em ciências biológicas e a etnobiologia: um olhar fenomenológico. Senhor do Bonfim: Universidade do Estado da Bahia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. 09 p. Projeto e pesquisa APROVADO no processo seletivo do MESTRADO EM EDUCAÇÃO da Universidade do Estado da Bahia (Área Novas Tecnologias, Educação e Pesquisa, em ago./1998) e no processo seletivo do MESTRADO EM EDUCAÇÃO da Universidade de São Paulo (Área Ensino de Ciências e Matemática, em set./1998).

Introdução

A tese *O currículo de formação de professores de ciências biológicas não articula os conhecimentos científicos e etnobiológico* é fruto de observações realizadas por mim como Professora da disciplina Metodologia e Prática de Ensino de Biologia no Curso de Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus II.

Tenho observado em discussões na sala de aula e durante a atuação dos discentes no Estágio Supervisionado que os mesmos quando são apresentados à alguma situação que aborda fatos relacionados com o conhecimento prático biológico expresso por atores sociais do senso comum, um grande percentual, rejeita tais colocações e quase sempre ridicularizam o conhecimento que não foi autorizado pela ciência oficial. É frequente, também, a fala sobre a importância de se fazer pesquisa, porém, em uma concepção positivista de ciência.

O olhar sobre tais fatos, suscitaram-me **questões** como: *Qual a visão dos licenciados e licenciandos das Licenciaturas em Ciências Biológicas sobre o seu papel de articulares dos conhecimentos científico e etnobiológico?*, *Qual a concepção dos licenciados e licenciandos das Licenciaturas em Ciências Biológicas sobre etnobiologia?*, *Qual a contribuição de um olhar etnobiológico na sistematização do conhecimento tradicional acerca das questões biológicas abordadas no contexto da sala de aula, especialmente na educação básica?*

Diante de questões levantadas, delimito como **objeto de estudo** – *A concepção dos licenciados e licenciandos em Ciências Biológicas sobre o conhecimento etnobiológico.*

A tese, questões e objeto de estudo propostos estão relacionados com um dos eixos da pesquisa educacional – FORMAÇÃO DE PROFESSOR; eixo que conta com inúmeros estudos, dentre eles (ALVES, 1992; ARROYO, 1989, 1985; BALZAN, 1985; BALZAN & PAOLI, 1988; BRITTO, 1989; BRZEZINSKI, 1987; CANDAU, 1982; DUARTE, 1992; GATTI, 1988; MIRANDA, 1992; SILVA, 1991; MIZUKAMI, 1996), e algumas especificamente na área de Formação de Professor de Ciências (ANGOTTI, 1991; CARVALHO & GIL-PÉREZ, 1995; FORESTI, 1982; KRASILCHIK, 1986; NOYA, 1989; SCHEIDE, 1995). Sendo a Formação de Professor um eixo com diversas investigações, e conseqüente sinalizador de discussões acerca da contribuição da pesquisa na formação docente de acordo as tendências epistemológicas. Segundo Gamboa (1996: 117-118):

“Estudos sobre as tendências epistemológicas da pesquisa em educação indicam a presença de pelo menos três grandes tipos de abordagens: as empírico-analíticas, que priorizam técnicas quantitativistas, métodos analíticos, referenciais hipotético-dedutivos, concepções de ciência objetivo-explicativas, embasadas em teorias de conhecimento com primazia no objeto e numa concepção de mundo sincrônica e nomotética. Uma Segunda abordagem identificada como fenomenológico-hermenêutica, utiliza técnicas qualitativas, métodos interpretativos, referências das ciências compreensivas e da comunicação, embasados em teorias de conhecimentos que recuperam a subjetividade e em concepções fenomenológicas de mundo. As abordagens crítico-dialéticas que, embora recentes na pesquisa educacional e menos utilizadas, apresentam-se como alternativas, algumas das vezes procurando superar os dualismos técnicos quantidade/qualidade e a dicotomia epistemológica positivismo/fenomenologia, primazia do sujeito ou objeto, ciência

explicativa ou compreensiva, análises quantitativas ou interpretações contextualizadas”.

Por entender que o objeto de estudo é reflexo de uma sociedade que engloba referências diferentes e contraditórias, é que buscarei desvelá-lo e compreendê-lo a partir de uma leitura fenomenológica com os conceitos de obstáculos epistemológicos, ruptura epistemológica, subjetividade, complexidade e multirreferencialidade.

Os conceitos ruptura epistemológica e obstáculo epistemológico foram criados pelo filósofo Gaston Bachelard, sendo que a ruptura epistemológica indica a descontinuidade entre o conhecimento comum e o conhecimento científico. Já o obstáculo epistemológico é definido por Bachelard, **cf.** Parente (1990:59):

“Como uma espécie de necessidade funcional de lentidão e perturbação que causa inércia, estagnação e regressão relativamente à aquisição do conhecimento (...). Não advém da complexidade dos fenômenos, nem da fraqueza do espírito ou dos sentidos (...). Advém de um impedimento que aparece no próprio ato de conhecer”.

O obstáculo epistemológico pode ser estudado tanto no desenvolvimento histórico do pensamento científico quanto na práxis educativa.

“A ruptura com o senso comum, é a tese central que caracteriza a epistemologia de Bachelard. A partir daí, compreende-se como é possível alcançar a objetividade no conhecimento científico; o senso comum é um grande obstáculo a ser ultrapassado (...). Para ele, no conhecimento científico nada é óbvio, tudo é construído” (BARBOSA, 1993: 82-3).

Em **La formation de l'esprit scientifique** Bachelard aborda outro obstáculo, o conhecimento do geral. “Para ele, as verdades postuladas como **gerais**, que nortearam o conhecimento científico de Aristóteles a Bacon, foram causas de grande atraso para o progresso do desenvolvimento científico. Generalidades, como o fundamento da mecânica (todos os corpos caem), da biologia (todos os seres vivos são mortais), atrapalharam o progresso do conhecimento” (BARBOSA, 1993: 85-6).

Barbosa (1993: 86) enfatiza que “Quando se parte para a formulação de leis gerais oriundas da observação, a singularidade do fenômeno passa despercebida. É preciso analisar o singular e o universal o que quer dizer que a conceituação pode seguir duas tendências: a do conhecimento por compreensão e a do conhecimento por extensão”.

Para a leitura da realidade da sociedade contemporânea, os filósofos franceses C. Castoriadis, J. Ardoino e R. Barbier trabalham com conceitos de complexidade, multirreferencialidade e subjetividade, o que permite analisar a complexidade das questões do cotidiano educacional. Segundo Ardoino “complexidade é o que engloba (...), o que reúne diversos elementos distintos, até mesmo heterogêneos, envolvendo uma polissemia notável” In: Burnham (1993: 5).

Portanto, para análise dessa realidade subjetiva e complexa, faz-se necessário uma leitura multirreferencial. Para compreensão da totalidade dessa leitura, cito Burnham (1993: 8) **cf.** Berger **apud** Barbier (1992).

“A multirreferencialidade parte da idéia de que o objeto é efetivamente suscetível de tratamentos múltiplos, em função não só de suas características, mas também dos modos de interrogação dos atores [sobre esse objeto] e que esta multiplicidade é radical. Cada abordagem, cada referente é como se fosse o limite do outro... É isso, pois, que faz a especificidade da multirreferencialidade, e não a complementaridade, a atividade, a pretensão de uma transparência pressuposta, e de domínio possível [deste objeto], mas a afirmação de um vazio necessário, da impossibilidade de [se alcançar] um ponto de vista e a afirmação da limitação recíproca dos diversos campos disciplinares. Há [pois] diversos campos de referência possíveis, nenhum esgota o objeto, nenhum pode, sobretudo, ser reduzido a outro, ou nenhum pode ser explicativo do outro campo”.

Macedo (mimeo, s.d.: 9-10) ao abordar sobre a epistemologia da complexidade, salienta que “É necessário enfatizar que a epistemologia da complexidade, no seu olhar multirreferencial em ciências da educação, nasce no âmago do senso crítico universitário alargado, parte dele, por isso cultiva uma visão de mundo, de homem e de educação onde deseja fertilizar um certo humanismo radical incessantemente inquietado uma certa contra-instituição epistemológica”. Prossegue afirmando que para se adotar uma perspectiva multirreferencial é “acima de tudo, assumir uma postura, abrir-se a uma **práxis** de superação não raro inquietante, não acabada, para não dizer muitas vezes

desestruturadamente, afinal pertence ao que é eminentemente humano, como o é o fenômeno da educação”.

A **relevância do estudo** está no fato de remeter as questões à contextura epistemológica para uma leitura fenomenológica e ser inédita a articulação entre Conhecimento Científico Biológico e o Conhecimento Etnobiológico.

Como **objetivos do estudo** busco: situar a concepção de conhecimento biológico na expectativa do terceiro milênio e das relações globais; contribuir para a articulação dos conhecimentos científico e etnobiológico em Ciências Biológicas no contexto da sala de aula; sinalizar lacunas existentes na concepção atual de formação de professores na área científica; propor metodologias baseadas no resgate de história de vida de comunidades articuladas com o conhecimento etnobiológico; contribuir para a desconstrução/reconstrução de currículos de Ciências Biológicas.

Metodologia

Fundamentos Metodológicos

Pela complexidade temática que envolve o objeto de estudo – *A concepção dos licenciados em Ciências Biológicas sobre o conhecimento etnobiológico*, utilizarei a abordagem qualitativa por apresentar visão holística, abordagem indutiva e investigação naturalística.

“(…). A visão holística parte do princípio de que a compreensão do significado de um comportamento ou evento só é possível em função da compreensão das interrelações que emergem de um dado contexto. A abordagem indutiva pode ser definida como aquela em que o pesquisador parte de observações mais livres, deixando que as dimensões e categorias de interesse emergam progressivamente durante o processo de coleta e análise de dados. Finalmente, investigação naturalística é aquela em que a intervenção do pesquisador no contexto observado é reduzida ao mínimo”. (ALVES, 1991: 54).

Frente às vantagens da abordagem qualitativa para desvelamento do objeto de pesquisa, optei pelo **estudo de caso** por apoiar-se no pressuposto de que a realidade é

complexa e os fenômenos historicamente construídos, sendo, portanto, necessário levar-se em conta as possíveis variáveis associadas ao fenômeno estudados. “É por isso que o estudo de caso focaliza o particular tornando-o como um todo, atendo-se aos seus componentes principais, aos detalhes e à sua interação”. (ANDRÉ, 1984: 54).

O estudo de caso terá como população alvo: 20 (vinte) egressos do Curso de Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia da UNEB/Campus II que tenham concluído o curso no período de 1988 a 1998 e que atuem na Educação Básica ministrando aulas de Ciências e/ou Biologia na rede pública da microrregião de Alagoinhas – BA; 20 (vinte) discentes da Licenciatura em Ciências Biológicas da UNEB/Campus II ingressos nos anos de 1997 e 1998.

O grupo dos discentes da Licenciatura em Ciências Biológicas UNEB/Campus II ingressos nos anos de 1997 e 1998. servira como elemento norteador de relação da concepção curricular ,pois em 1997 foi implantado esse Curso e instalada a desativação da Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Biologia.

Recursos Metodológicos

1 Entrevista e Questionário

Para desvelamento do objeto utilizarei um questionário predeterminado que será estruturado a partir do aprofundamento teórico e leitura preliminar das questões. O questionário será um sinalizador para **entrevista centrada**, “o que segundo Thiollente é na qual, dentro de hipóteses e de certos temas, o entrevistador deixa o entrevistado descrever livremente a sua experiência pessoal a respeito do assunto investigado”. (HAGUETTE, 1992: 77).

A entrevista não terá um roteiro pré-estabelecido, pois dependerá dos questionamentos levantados pelo entrevistado durante o preenchimento do questionário. Porém, o eixo central para nortear a investigação está associado à concepção do entrevistado sobre os conhecimentos científico e etnobiológico.

2 Análise Documental: currículo

Dentre as situações básicas para apropriado uso da análise documental, evidencio a de que

“Quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de coletas, como, por exemplo, a entrevista, o questionário ou a observação. Segundo Holsti (1969), ‘quando duas ou mais abordagens do mesmo problema produzem resultados similares, nossa confiança em que os resultados reflitam mais o fenômeno em que estamos interessados do que os métodos que usamos aumenta’ (p. 17)” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986: 39).

Utilizarei a análise do Currículo por caracterizar-se como um método de investigação das mensagens, podendo as mesmas serem abordadas de diferentes formas e sob inúmeros ângulos. As ementas das disciplinas servirão de subsídios para traçar uma relação da concepção de formação de professor e a concepção de conhecimentos científico e etnobiológico subjacentes ao currículo de Ciências Biológicas.

Referências

- ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. In: **Cadernos de pesquisa**, (77): 53-61. São Paulo, mai/1991.
- ALVES, N. (Org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992.
- ANDERY, Maria Amélia, et. al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**, 4 ed. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo; São Paulo, EDUC, 1988. 446p.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. Estudo de caso: seu potencial na educação. In: **Cadernos de pesquisa**, (49): 51-4. São Paulo, mai/1984.
- ANGOTTI, J.^oP. **Fragmentos e totalidades no conhecimento científico e no ensino de ciências**. São Paulo, 1991. 2v. il. Tese (Doutorado)
- ARROYO, M.G. O estágio supervisionado como alternativa para melhoria do ensino. **Anais do Encontro sobre Estágio Curricular**, 1. Niterói: Universidade Federal Fluminense/PROAC, 1989. V.1, p.104-112
- ARROYO, M.G. Quem deforma o profissional do ensino. **Ver. De Educação AEC**, n.58, P.7-15, 1985
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, 1996. 125p
- BALZAN, N.C. Nós os professores de licenciatura. **Cadernos CEDES**, n.8, p.18-24, 1995

BALZN, N.C., PAOLI, N.J. Licenciaturas – o discurso e a realidade. **Ciência e Cultura**, v.40, n.2, p.147-151, 1988

BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor: o cotidiano da escola**. Petrópolis, Vozes, 1993.

BIZZO, Nelio Marco Vincenzo. História da ciência e ensino: onde terminam os paralelos possíveis? In: **Em aberto**, ano 11, n. 55. Brasília, jul/set. 1992.

BRITTO, R.L.G.L. **O professor profissionalizante da habilitação específica de 2º grau para o magistério e a democratização do ensino**. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) – PUC-USP, 1989.

BRZEZINSKI, Iria. **A formação do professor para o início de escolarização**. Brasília, 1987. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNB, 1987.

BURNHAM, Terezinha Fróes. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In: **Em aberto**, ano 12, n. 58. Brasília, abr/jun. 1993.

CANDAU, V.M.F. A formação de educadores: uma perspectiva multidimensional. **Em aberto**, v.1, n.8, p.19-30, 1982.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Construção do conhecimento e ensino de ciências. In: **Em aberto**, ano 11, n. 55. Brasília, jul/set. 1992.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de, GIL-PÉREZ, Daniel. **Formação de professores de ciências**, 2 ed. São Paulo, Cortez, 1995 (Coleção questões da nossa época). 120p.

CASTRO, Gustavo de (Org.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997. 272p

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995. 134p

DUARTE, N. **A formação do indivíduo e a objetivação do gênero humano**. Campinas, 1992 Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, 1992.

FORESTI, M.C.P.P. **Diagnóstico do curso de licenciatura em ciências biológicas do campus universitário de Botucatu – UNESP: um estudo de ex-alunos com experiência no magistério**. São Paulo, 1982. 212p. il. Dissertação (Mestrado).

GAMBOA, Silvio Sánchez. A contribuição da pesquisa na formação docente.

REALI, Aline Maria de M.R., MIZUKAMI, Maria da Graça N. (Orgs.) **Formação de professores: tendências atuais**. São Paulo: EDUFSCar, 1996. 182P.

GATTI, B.^a As pesquisas sobre formação de professores. **Educação Municipal**, n.2, p.67-72, 1988.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1992

KRASILCHIK, Myriam. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo, EPU, 1987. 80p.

KRASILCHIK, Myriam. Caminhos do ensino de ciências no Brasil. In: **Em aberto**, ano 11, n. 55. Brasília, jul/set. 1992.

LABURÚ, Carlos Eduardo. Construção do conhecimento: tendências para o ensino de ciências. In: **Em aberto**, ano 11, n. 55. Brasília, jul/set. 1992.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986. 99p.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Por uma epistemologia multirreferencial e complexa nos meios educacionais**. mimeo, s.d. 19p.

MIRANDA, H.S. **Repensando a ‘Didática e a Prática de Ensino’ e o ‘Estágio Supervisionado’ na habilitação específica do magistério**. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, 1992.

NOYA, F.J.S. **Seres vivos em sala de aula: um estudo de caso**. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado).

PARENTE, Letícia T. S. **Bachelard e a química: no ensino e na pesquisa**. Fortaleza, Ed. UFCE/ Stylus Publicações, 1990

REALI, Aline Maria de M. R., MIZUKAMI, Maria da Graça N. (Orgs.) **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EDUFSCar, 1996. 182p

SBEE. **Resumos do II Simpósio da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**. São Carlos: UFSCar, 1998. 140p

SCHNETZLER, Roseli Pacheco. Construção do conhecimento e ensino de ciências. In: **Em aberto**, ano 11, n. 55. Brasília, jul/set. 1992.

SCHEIDE, T.J.F. **Formação de professores de ciências biológicas: um estudo da licenciatura da UNESP**. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado) – USP, 1989.

SILVA, R.N. et al. **Formação de professores no Brasil: estudo analítico e bibliográfico**. São Paulo; Fundação Carlos Chagas: REDUC, 1991

SILVEIRA, Fernando Lang da. A filosofia da ciência e o ensino de ciências. In: **Em aberto**, ano 11, n. 55. Brasília, jul/set. 1992.

SANTOS, Valdecí dos; MARQUES, J. G. W. **Análise fenomenológica de um caso de interação homem/animal em uma feira nordestina (Feira de Santana - BA)**. In:

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 2., 1998, São Carlos. **Resumos...** São Carlos: UFSCar, 1998. p. 81.

No Centro de Abastecimento de Feira de Santana (BA), foi documentado um fenômeno social que consiste na venda de produtos medicinais de “folk” utilizando-se a estratégia da exibição de répteis como atrativo da freguesia. Para descrevê-lo, interpretá-lo e compreendê-lo foi utilizada uma metodologia fenomenológica, o que constitui em abordagem pioneira na etnozootologia. Tal metodologia consistiu em uma leitura que girou em torno da identificação tipológica da conexão homem/animal, sendo enfatizados aspectos qualitativos (descrição, compreensão e (re)construção. O fenômeno foi descrito através da estruturação de uma peça teatral, assegurando-se fidelidade às falas dos atores sociais. Ele consiste basicamente em uma interação comercial (venda de remédios) intermediada por uma conexão homem/animal do tipo ergonômica (utilização de cobras e lagarto como “garotos-propaganda”) que é posterior a uma conexão homem/vegetal do tipo médica (coleta e preparo de “fitoterápico”), sendo sugestiva de uma fraude etnomédica. O valor arquetípico das serpentes foi invocado como explicativo da sua eficácia simbólica como atrativo de clientes. A análise fenomenológica da interação investigada mostrou-se eficaz para uma percepção da complexidade existente, o que talvez não fosse conseguido pelos métodos usuais até agora empregados na pesquisa etnozootológica.

SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos. Conhecimento etnobiológico das plantas medicinais na escola: uma relação no processo ensino-aprendizagem/doença/cultura. In: SEMINÁRIO DO NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO DE PRÁTICA DE ENSINO DA UNEB, 1., 1998, Alagoinhas. **Resumos...** Alagoinhas: UNEB, 1998.

4.12 Produção 1997

SANTOS, Valdecí dos. A classificação dos seres vivos na concepção de professores das séries iniciais do município de Feira de Santana – BA. In: JORNADA UNIVERSITÁRIA DA UEFS, 12., 1997, Feira de Santana. **Programação e Anais...** Feira de Santana: UEFS, 1997. p. 58.

4.13 Produção 1992

SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento da escorpiofauna da Bahia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 19., 1992, Belém; CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ZOOLOGIA, 12., 1992, Belém. **Resumos...** Belém: Sociedade Brasileira de Zoologia, 1992a. p. 93.

Como parte das atividades do Projeto Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia, objetivando a catalogação das espécies da região e determinando sua distribuição biogeográfica, realizaram-se entre dezembro/1989 e setembro/1991 coletas e/ou recepção de escorpiões, perfazendo um total de 80 exemplares nos municípios: Antônio Cardoso (1), Capim Grosso (2), Cruz das Almas (3), Feira de Santana (4), Santa Bárbara (5), São Gonçalo dos Campos (6), Sento Sé (7), Tanquinho (8) e Teofilândia (9); os municípios (1), (4), (5), (6) e (8) pertencem à microrregião Feira de Santana, que é caracterizada por vegetação típica de Caatinga, porém modificada por atividades antrópicas com finalidades de cultivo e pastagem. Os exemplares identificados compreendem duas famílias, três gêneros e quatro espécies: Buthidae – *Tityus stigmurus* (Thorell, 1877), que é de maior frequência (46,25% estando representada nos municípios (4), (5), (6) e (8); *Tityus serrulatus* Lutz e Mello, 1922, representando (17,5%), ocorrendo em (3) e (4), *Tityus neglectus* Mello-Leitão, 1932, representando (2,5%), ocorrendo no município (4); *Rhopalurus rochae* Borelli, 1910, constituindo (10%), ocorrendo em (4) e (7); Bothriuridae – *Bothriurus* Peters, 1861 (23,75%), registrando nos municípios (1), (2), (4), (6), (7) e (9). O material identificado encontra-se depositado na coleção científica do Laboratório de Animais Peçonhentos da Universidade Estadual de Feira de Santana. (Financiada pela Fundação Banco do Brasil).

SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento da araneofauna da Bahia - 1. Resultados preliminares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 19, 1992, Belém; CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ZOOLOGIA, 12., 1992, Belém. **Resumos...** Belém: Sociedade Brasileira de Zoologia, 1992b. p. 93.

Como parte das atividades do Projeto Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia, objetivando a catalogação das espécies da região e determinando sua distribuição biogeográfica, realizaram-se entre dezembro/1989 e setembro/1991 coletas e/ou recepção de um total de 625 aranhas em 8 (oito) municípios: Capim Grosso, Conceição do Jacuípe, Cruz das Almas, Feira de Santana, Santa Bárbara, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho e Teofilândia. Seis dos municípios pertencem à microrregião Feira de Santana, que é caracterizada por vegetação típica de Caatinga, porém modificada por atividades antrópicas com finalidades de cultivo e pastagem. Os exemplares identificados compreendem 18 famílias, 26 gêneros e 15 espécies: Actinopodidae – *Actinopus*; Araneidae – *Argiope argentata*, *Gasteracantha*, *Micrathena*, *Neoscona náutica*; Corinnidae – *Corinna*; Ctenidae – *Nothroctenus*; Dipluridae – *Ischnothele*; Heteropodidae – *Heteropoda venatoria*; Linyphiidae – *Sphecozone rubescens*; Lycosidae – *Lycosa*; Oxyopidae – *Peucetia*; Pholcidae – *Physocyclus globosus*, *Smeringopus pallidus*; Salticidae – *Plexippus paykulli*; Scytodidae – *Scytodes fusca*; Selenopidae – *Selenops*; Sicariidae – *Sicarius tropicus*; Tetragnathidae – *Nephila clavipes*, *Plesiomete argyra*; Theraphosidae – *Acanthoscurria*, *Iridopelma*, *Pachistopelma*; Theridiidae – *Latrodectus curacaviensis*, *Latrodectus geometricus*, *Theridion rufipes*; e Uloboridae – *Zosis geniculatus*. A espécie de interesse médico *Latrodectus curacaviensis* foi registrada nos de Feira de Santana e Teofilândia. O município Feira de Santana registrou maior número de gêneros (18) e indivíduos. O material encontra-se depositado na coleção científica do Laboratório de Animais

Peçonhentos da Universidade Estadual de Feira de Santana. (Financiada pela Fundação Banco do Brasil).

4.14 Produção 1991

SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento da escorpiofauna da Bahia. In: JORNADA UNIVERSITÁRIA DA UEFS, 7., 1991, Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS, 1991a.

SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento da araneofauna da Bahia - 1. Resultados preliminares. In: JORNADA UNIVERSITÁRIA DA UEFS, 7., 1991, Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS, 1991b.

Como parte das atividades do Projeto Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia, objetivando a catalogação das espécies da região e determinando sua distribuição biogeográfica, realizaram-se entre dezembro/1989 e setembro/1991 coletas e/ou recepção de um total de 625 aranhas em 8 (oito) municípios: Capim Grosso, Conceição do Jacuípe, Cruz das Almas, Feira de Santana, Santa Bárbara, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho e Teofilândia. Seis dos municípios pertencem à microrregião Feira de Santana, que é caracterizada por vegetação típica de Caatinga, porém modificada por atividades antrópicas com finalidades de cultivo e pastagem. Os exemplares identificados compreendem 18 famílias, 26 gêneros e 15 espécies: Actinopodidae – *Actinopus*; Araneidae – *Argiope argentata*, *Gasteracantha*, *Micrathena*, *Neoscona náutica*; Corinnidae – *Corinna*; Ctenidae – *Nothroctenus*; Dipluridae – *Ischnothele*; Heteropodidae – *Heteropoda venatoria*; Linyphiidae – *Sphecozone rubescens*; Lycosidae – *Lycosa*; Oxyopidae – *Peucetia*; Pholcidae – *Physocyclus globosus*, *Smeringopus pallidus*; Salticidae – *Plexippus paykulli*; Scytodidae – *Scytodes fusca*; Selenopidae – *Selenops*; Sicariidae – *Sicarius tropicus*; Tetragnathidae – *Nephila clavipes*, *Plesiomete argyra*; Theraphosidae – *Acanthoscurria*, *Iridopelma*, *Pachistopelma*; Theridiidae – *Latrodectus curacaviensis*, *Latrodectus geometricus*, *Theridion rufipes*; e Uloboridae – *Zosis geniculatus*. A espécie de interesse médico *Latrodectus curacaviensis* foi registrada nos de Feira de Santana e Teofilândia. O município Feira de Santana registrou maior número de gêneros (18) e indivíduos. O material encontra-se depositado na coleção científica do Laboratório de Animais Peçonhentos da Universidade Estadual de Feira de Santana. (Financiada pela Fundação Banco do Brasil).

SANTOS, Valdecí dos. Contribuição ao conhecimento das ordens Scorpiones e Araneae (Arthropoda, Arachnida) das microrregiões Feira de Santana e Recôncavo Baiano. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 18., 1991, Salvador. **Resumos...** Salvador: Sociedade Brasileira de Zoologia, 1991c. p. 72.

Como parte das primeiras atividades do Projeto Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia, objetivando a catalogação das espécies da região, desenvolveram-se entre dezembro/1989 e maio/1990 coletas de aracnídeos (Scorpiones e Araneae) nas microrregiões de Feira de Santana e Recôncavo Baiano. Na microrregião de Feira de Santana nota-se vegetação típica de Caatinga, porém modificada por atividades antrópicas com finalidades de cultivo e pastagem, e a do Recôncavo Baiano com Mata Atlântica bastante modificada para cultivo. Para captura, utilizaram-se pinças anatômicas e frascos mortíferos com éter sulfúrico, sendo os exemplares conservados em álcool 70% + glicerina 8%. Coletaram-se 255 indivíduos (234 aranhas, representando 91,8% da amostra e 21 escorpiões, constituindo 8,2%) nas sedes dos municípios de Feira de Santana (e distrito de Maria Quitéria), São Gonçalo dos Campos, Santa Bárbara, Conceição do Jacuípe e Tanquinho. Os escorpiões identificados compreendem duas famílias e três espécies: Família Buthidae – *Tityus stigmurus* (Thorell, 1877), a de maior frequência (85,7%) e *Rhopalurus rochae* Borelli, 1910 representando 4,8% e Família Bothriuridae – *Bothriurus asper* Pocock, 1893 constituindo 9,5%. Entre as aranhas foram identificadas representantes das famílias Araneidae (com frequência de 26%), Barychelidae (15,4%), Pholcidae (14,5%), Theridiidae (11,1%), Salticidae (7,7%), Ctenidae (6,0%), Clubionidae (4,7%), Lycosidae (3,0%), Erigonidae (3,0%), Dipluridae (3,0%), Sparassidae (2,1%), Oxyopidae (2,1%), Anyphaenidae (0,4%), Scytodidae (0,4%) e Selenopidae (0,4%). A família Theridiidae está representada por *Latrodectus curacaviensis* (Muller, 1776), de interesse médico por causar acidentes no Estado da Bahia. Dada à inexistência de conhecimento sobre a fauna aracnológica destas microrregiões, o material aqui citado e que se encontra depositado na coleção científica da Universidade Estadual de Feira de Santana (BA), constitui-se em amostra valiosa visando sua mais completa caracterização. (Financiado pela Fundação Banco do Brasil).

SANTOS, Valdecí dos. Estudo da biologia de *Latrodectus curacaviensis* em cativeiro. Relatório apresentado ao CNPq, em dez./1991, como relatório da evolução da minha pesquisa de Iniciação Científica “O estudo da biologia de *Latrodectus curacaviensis* em cativeiro” desenvolvida no Laboratório de Animais Peçonhentos da Universidade Estadual de Feira de Santana. 1991d. Disponível em: <http://www.valdeci.bio.br/estudo_de_biologia_de_latrodectus_curacaviensis.php>

INTRODUÇÃO

O gênero *Latrodectus* Walckenaer, 1805 (Araneae: Theridiidae) se caracteriza por apresentar colulus, quelíceras sem dentes, unhas tarsais pectinadas e órgão estridulatório, olhos laterais anteriores e posteriores bem separados entre si. Ocorrem nos cinco continentes (BUCHERL, 1965, 1968; CARVALHO, 1959; DE BIASE, 1970;

GONZÁLEZ, 1976, 1977, 1979; MACHADO, 1948, SAMPAIO, 1942; SCHENONE, 1985).

As espécies do gênero *Latrodectus*, como todas as aranhas, são carnívoras e alimentam-se basicamente de insetos. As teias são usadas para aprisionar suas presas.

A espécie *Latrodectus curacaviensis* (Muller, 1776) apresenta abdome convexo, globoso, vermelho com manchas negras, as patas, palpos, esterno, peças bucais e cefalotórax são negros. Os olhos, pouco desiguais em tamanho, são heterogêneos e estão dispostos em fileiras transversais de quatro cada uma.

O veneno de *Latrodectus curacaviensis* é uma neurotoxina de ação difusa sobre o sistema nervoso central, medula, nervos e músculos lisos. A picada determina no homem, dores violentas, hiperestésias e parestésias (BUCHERL, 1969; FOELIX, 1982; LEVI, 1958; LUCAS, 1958).

Com objetivo de estudar aspectos biológicos (desenvolvimento e comportamento) da espécie *Latrodectus curacaviensis* em cativeiro, realizamos a partir de maio/1990, coletas e manutenção da espécie em laboratório, trabalhando preliminarmente com alguns aspectos dos objetivos específicos:

- Verificação do desenvolvimento: aspectos reprodutivos (numero de ootecas construídas por fêmeas, fertilidade das ootecas e numero de indivíduos nascidos por ooteca); mortalidade (taxa de mortalidade das fêmeas trazidas do campo); e diferenciação sexual;
- Verificação dos aspectos do comportamento alimentar;
- Fornecimento de referencial teórico sobre a manutenção de *Latrodectus curacaviensis* em cativeiro.

MATERIAL E MÉTODO

Exemplares de fêmeas adultas e ootecas de *Latrodectus curacaviensis* (Muller, 1776) foram coletados em duas áreas do Estado da Bahia (Capim Grosso e Salvador) nos meses de maio, junho, julho e agosto de 1990. Levados ao Laboratório de Animais Peçonhentos da Universidade Estadual de Feira de Santana, foram acondicionados em terrários simples. Sendo as aranhas alimentadas com formigas saúva a cada oito dias com dois espécimes adultos, havendo-se experimentalmente utilizado larvas de *Alphitobius sp*, mantidos a uma temperatura que oscilou entre 25° e 29° C.

Para terrários (T) utilizou-se vasilhames de vidro de 8 cm de diâmetro e 17 cm de altura, contendo gravetos para auxiliar como suporte na construção da teia. Colocou-se chumaço de algodão embebido em água, alojando-o em vasilhame plástico, sendo trocados a cada oito dias, com objetivo de assegurar certo grau de umidade no interior do recipiente, a sua abertura foi vedada com tecido arejado (tipo filó).

Os exemplares e as ootecas ficaram assim acondicionados:

T.01	O1 ooteca	T.10	01 fêmea	T.19	01 fêmea
T.02	O1 ooteca	T.11	01 fêmea	T.20	01 fêmea
T.03	O1 ooteca	T.12	01 fêmea	T.21	01 fêmea + 01 macho
T.04	O1 ooteca	T.13	01 fêmea	T.22	01 fêmea
T.05	O1 ooteca	T.14	01 fêmea	T.23	01 fêmea
T.06	O1 ooteca	T.15	01 fêmea	T.24	01 fêmea
T.07	01 fêmea	T.16	01 fêmea	T.25	01 fêmea
T.08	01 fêmea	T.17	01 fêmea + 01 macho	T.26	O1 ooteca
T.09	01 fêmea	T.18	01 fêmea	X	

RESULTADOS E DISCUSSÃO

I. DESENVOLVIMENTO

I.1. ASPECTOS REPRODUTIVOS

I.1.1. NÚMERO DE OOTECAS CONSTRUÍDAS POR FÊMEAS

Das fêmeas coletadas, sete desovaram no laboratório (Tabela 1). As fêmeas realizaram suas oviposturas entre o segundo e octogésimo quinto dia de chegada ao laboratório (Tabela 2).

Terrário	Mês da Coleta				Ootecas	
	Maio	Jun	Jul	Ago	Nº	%
11		X			04	26,7
12				X	04	26,7

13				X	01	6,66
14				X	02	13,3
21			X		01	6,66
24	X				02	13,3
25	X				01	6,66
TOTAL	02	01	01	03	15	99,98

Tabela 1 – Número de ootecas construídas fêmeas de *Latrodectus curacaviensis* de acordo com mês da coleta.
 FONTE: Laboratório de Animais Peçonhentos da Universidade Estadual de Feira de Santana.

I.1.2. TEMPO TRANSCORRIDO ENTRE UMA OVIPOSTURA E OUTRA

Em laboratório o tempo transcorrido entre uma ovipostura e outra oscilou entre 5 (cinco) e 71 (setenta e um) dias (Tabela 2).

Terrário	Dias Desova											Ootecas		TOTAL
	2	6	14	19	20	25	30	42	58	70	85	Eclodiu	Não Eclodiu	
11			1								3	1	3	04
12		1		1		1	1					1	3	04
13		1										1	0	01
14					2							1	1	02
21								1				1	0	01
24	1								1			1	1	02
25										1		0	1	01
TOTAL	1	2	1	1	2	1	1	1	1	1	3	06	09	15

Tabela 2 – Período (dias) após ingresso das fêmeas de *Latrodectus curacaviensis* em que ocorreram as desovas X fertilidade das ootecas.
 FONTE: Laboratório de Animais Peçonhentos da Universidade Estadual de Feira de Santana.

I.1.3. FERTILIDADE DAS OOTECAS

Das quinze ootecas obtidas no laboratório, nove (60%) não eclodiram após o período de 90 dias, sendo conservadas em álcool 75% + glicerina 8%. A fêmea do T.11

produziu quatro ootecas: uma, após quatorze dias do ingresso no laboratório, e três após oitenta e cinco dias, ocorrendo a eclosão apenas da primeira. A fêmea do T.24 desovou duas vezes, a primeira, dois dias após seu ingresso no laboratório e a segunda, cinquenta e oito dias após, entretanto, somente a primeira eclodiu. A fêmea do T.12 desovou quatro vezes, obedecendo ao seguinte intervalo de tempo após o seu ingresso no laboratório: 06, 19, 25 e 30 dias, havendo eclosão apenas da primeira. A fêmea do T.14 produziu duas ootecas após vinte dias do ingresso, porém apenas uma eclodiu (a da primeira ovipostura). A fêmea do T.13 desovou somente uma vez, após seis dias do ingresso no laboratório, ocorrendo eclosão. A fêmea do T.25 desovou no septuagésimo dia do ingresso, porém sua ooteca não eclodiu. A fêmea do T.21 desovou no quadragésimo segundo dia do seu ingresso, uma ooteca, que estava fértil, chamamos a atenção para a presença do macho no terrário por um período de sessenta e seis dias.

Das seis ootecas que eclodiram, 83,3% resultaram de oviposturas ocorridas entre o segundo e vigésimo dias após o ingresso no laboratório, os 16,7% restantes estão representados pela fêmea do T.21 que realizou ovipostura no quadragésimo segundo dia do seu ingresso no laboratório (Tabela 2).

I.1.4. NÚMERO DE INDIVÍDUOS NASCIDOS POR OOTECA

Do total de treze ootecas que eclodiram, sete (53,8%) foram procedentes do campo e seis (46,2%) oriundas de oviposturas no laboratório, obtiveram-se 389 (trezentos e oitenta e nove) – (65%) indivíduos das primeiras e 207 (duzentos e sete) – (35%) indivíduos das ootecas do laboratório, perfazendo um total de 596 (quinhentos e noventa e seis) indivíduos.

O número de indivíduos por ooteca variou sensivelmente, havendo uma média de 45,8 indivíduos por ooteca.

As ootecas oriundas do campo apresentam maior número de ovos, em relação às do laboratório. Estima-se que as desovas tenham ocorrido no fim de março e início de abril, o que provavelmente está relacionado com as observações de González (1976).

... O número de ovos de *Latrodectus sp* por ooteca varia de acordo com a época da desova. Ootecas coletadas entre janeiro e fevereiro (período de maior abundância de desovas) têm maior quantidade de ovos por ooteca. As coletadas no fim de fevereiro e início de março

apresentaram uma redução de cerca de 50% no número de ovos por ooteca, oscilando entre 29 e 87. (p. 131).

I.2. MORTALIDADE

I.2.1. TAXA DE MORTALIDADE DAS FÊMEAS TRAZIDAS DO CAMPO

O tempo de vida em laboratório das fêmeas trazidas do campo oscilou entre quatro e cento e vinte e três dias.

Analisando-se o tempo de vida em setores de trinta dias, constata-se o percentual de óbitos ocorridos em cada setor. Do total de dezenove fêmeas adultas verificam-se no setor A (óbitos ocorridos até trinta do ingresso) 36,8%; no setor B (óbitos ocorridos entre 31° e 60° dias) 5,3%; no setor C (óbitos ocorridos entre 61° e 90° dias) 42,1%; no setor D (óbitos ocorridos entre 91° e 120° dias) 10,5% e no setor E (óbitos ocorridos a partir do 121° dias do ingresso) 5,3%.

I.3. DIFERENCIAÇÃO SEXUAL

Dos jovens de *Latrodectus curacaviensis* nascidos em laboratório, vinte apresentaram diferenciação sexual (presença de bulbo copulador) num período compreendido entre 44 e 90 dias.

Com base em seus experimentos, González (1979) afirma que:

... Os machos de *Latrodectus sp* chegam a adultos, em geral, na sétima muda, havendo variações e podendo faz~e-lo na oitava... (p.101).

No primeiro momento após a diferenciação sexual, verificou-se que o bulbo copulador apresentou coloração amarelo-claro. Porém notou-se que alguns indivíduos após quarenta e seis apresentaram coloração negra nos bulbos.

II. COMPORTAMENTO ALIMENTAR

As aranhas em todos os estágios foram alimentadas semanalmente com representantes da Família Formicidae (vulgarmente conhecidos com formiga-saúva).

Ao ser colocado o item alimentar na teia, a aranha aproxima-se cuidadosamente, começa envolver a presa em um manto de seda, utilizando para isso suas patas posteriores, e iniciando o aprisionamento do animal. Uma vez imobilizado a presa, a aranha procura uma região do corpo apropriado para inocular seu veneno, observando-se grande incidência de inoculações nas articulações. Terminada a inoculação do veneno, a aranha volta a envolver a presa com seus fios de seda, dando início ao processo alimentar.

As aranhas jovens convergem sobre a presa em um mesmo instante, recobrando todo o corpo desta. Na tentativa de obter-se maiores informações a respeito dos aspectos comportamentais durante a alimentação, colocou-se algumas vezes nos terrários, uma segunda “saúva”, havendo de imediato saída de aproximadamente metade dos indivíduos para o segundo item oferecido.

Experimentalmente, introduziu-se novo item alimentar, passando-se a utilizar larvas do coleóptero *Alphitobius sp* (vulgarmente conhecido como besouro-do-amendoim) para todos os estágios de vida. Constatou-se neste período, desenvolvimento de fungos nos terrários.

Em experimento realizado por Gonzáles (1979), os jovens de *Latrodectus sp* foram alimentados com *Drosophila melanogaster* e os adultos com *Musca domestica* e algumas vezes com formiga *Acromyrmex lundii*, manifestando grande predileção pelas mesmas.

Neste trabalho, as aranhas em todos os estágios de vida (jovens e adultos) foram alimentadas com “saúva” e larvas de *Alphitobius sp*, não observando-se qualquer dificuldade na aceitação destes itens alimentares.

CONCLUSÃO

Devido à escassez de bibliografia específica e o curto período do experimento, as inferências são preliminares.

A não eclosão de 60% das ootecas construídas no laboratório pode está relacionada com a ausência do macho nos terrários. Faz-se referência à fêmea do T.21

que esteve em presença do macho, e realizou ovipostura após o quadragésimo segundo dia do ingresso no laboratório, havendo eclosão da ooteca.

Constata-se que o numero de indivíduos nascidos por ooteca é maior das oriundas do campo.

O percentual de óbitos das fêmeas trazidas do campo eleva-se a partir do 61º dia de ingressas no laboratório.

Verificou-se preliminarmente que indivíduos jovens alimentam-se com saúvas, o que facilita a manutenção destes em laboratório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCHERL, W. *Latrodectus* e latrodectismo na América do Sul. I. Descrição do macho da população de *Latrodectus* Walckenaer, 1805, das praias do Rio de Janeiro e Guanabara. In: **Memórias do Instituto Butantan**, São Paulo, n.32, p. 95-100, 1965.

BUCHERL, W. *Latrodectus* e latrodectismo na América do Sul. II. Bio-ecologia de *Latrodectus* do grupo curaviensis nas praias dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara. In: **Rev. Bras. de Pesquisas Médicas e Biológicas**, v. 1, n. 2, p. 83-88, 1968.

BUCHERL, W. Biology and venoms of the most important South American spiders of the genera *Phoneutria*, *Loxosceles*, *Lycosa* and *Latrodectus*. In: **Am. Zoologist.**, n. 9, p. 157-159, 1969.

CARVALHO, R. U. Una nueva *Latrodectus* y consideraciones sobre las especies del genero en la Republica Argentina (Arach.: Theridiidae). In: **Neotropica**, v. 5, n. 18, p. 85-94, 1/fev./1959.

DE BIASE, P. Variações em aranhas do complexo *Latrodectus mactans* – *Latrodectus curaviensis* (Araneae: Theridiidae). In: **Rev. Bras. Biologia**, v. 30, n. 2, p. 233-244, 1970.

DE BIASE, P. Estrutura interna e presença de segmentos do êmbolo no epígino de *Latrodectus geometricus* (Araneida: Theridiidae). In: **Papeis avulsos do departamento de zoologia – Secretaria da Agricultura**, São Paulo, v. 15, art. 26, 26/jul./1962.

FOELIX, R. F. **Biology of spiders**. England, 1982. 306 p.

GONZÁLEZ, A. Observaciones bioecologicas sobre una especie del genero *Latrodectus* (Walckenaer, 1805) Del grupo *mactans*, de sierra de la Ventana (província de Buenos Aires, Argentina) (Araneae, Theridiidae). I. Habitat y ciclo vital. In: **Physis**, v. 36, n. 92, p. 277-282, jun./1977.

GONZÁLEZ, A. Observaciones bioecologicas sobre una especie del genero *Latrodectus* (Walckenaer, 1805) Del grupo *mactans*, de sierra de la Ventana (província de Buenos Aires, Argentina) (Araneae, Theridiidae). II. Produccion de huevos. In: **Neotropica**, v. 22, n. 68, p. 129-131, 1/jun./1976.

GONZÁLEZ, A. Observaciones bioecologicas sobre una especie del genero *Latrodectus* (Walckenaer, 1805) Del grupo *mactans*, de sierra de la Ventana (província

de Buenos Aires, Argentina) (Araneae, Theridiidae). III. Desarrollo post-embionario. In: **Acta Zoológica Lilloana**, v. XXXV, p. 97-103, 1976.

LEVI, H. W. Number of espécies of black-window spiders (Theridiidae: *Latrodectus*). May 1958, p. 1055.

LUCAS, S. Spiders in Brazil. In: **Toxicon**, v. 26, n. 9, p. 759-771, Great Britain, 1988.

MACHADO, O. *Latrodectus mactans*, sua ocorrência no Brasil. In: Boletim do Inst. Vital Brazil, v. 5, p. 153-160, 1948.

SAMPAIO, R. R. L. *Latrodectus mactans* y latrodectismo: estudo experimental y clinico. Tese de doctorado em Medicina. Buenos Aires, 1942.

SCHENONE, H., CORREA, L. E. Algunos conocimientos practicos sobre la biologia de la araña *Latrodectus mactans* y el síndrome Del latrodectismo em Chile. In: **Bol. Chil. Parasitologia**, v. 40, n. 1-2, p. 18-23, 1985.

4.15 Produção 1990

SANTOS, Valdecí dos. Primeira contribuição ao inventário da fauna aracnológica do campus da Universidade Estadual de Feira de Santana. In: SEMINÁRIO INTERNO DE PESQUISA DA UEFS, 2., 1990, Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS, 1990a. p. 5.

SANTOS, Valdecí dos. Estudo da biologia de *Latrodectus curacaviensis*. In: SEMINÁRIO INTERNO DE PESQUISA DA UEFS, 2., 1990, Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS, 1990b. p. 5.

4.16 Produção 1988

SANTOS, Valdecí dos; PIRES, Eutides Maria Moraes; BARROS, Maria Lêda Ribeiro. A escola básica em Feira de Santana de 1950-1980. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA DA UFBA, 8., 1988, Salvador. **Resumos...** Salvador: UFBA, 1988a. p. 178-179.

O presente trabalho objetiva determinar as principais características da escola básica em Feira de Santana no período de 1950-1980, estabelecendo os elementos determinantes dos diferenciados padrões detectados ao longo do período, demarcando momentos de mudança, e contribuir para a apreensão dos fenômenos educacionais referidos a formações sociais. Tem por base levantamentos estatísticos, fontes documentais, legislação pertinente e pesquisa direta. Estando em fase de desenvolvimento, serão

apresentados os dados com os quais foi possível trabalhar e a problemática metodológica da pesquisa. A caracterização da escola básica em Feira de Santana é feita tendo por base os anos de 1960 e 1971, a partir de número de escola primarias por dependência administrativa, da matrícula inicial e final e do numero de aprovações/reprovações. Observou-se que em 1960 a escola básica em Feira de Santana era principalmente estadual, reprovava muito, ocorrendo uma evasão superior a 10%. Em 1971 era principalmente municipal, reprovava menos e ocorria uma evasão menor à observada em 1960. (Apoio CNPq).

SANTOS, Valdecí dos, PIRES, Eutides Maria Moraes, Barros, Maria Lêda Ribeiro. A escola básica em Feira de Santana de 1950-1980. SEMINÁRIO INTERNO DE PESQUISA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 1., 1988, Feira de Santana. Resumos... Feira de Santana: UEFS, 1988b. p. 17

SANTOS, Valdecí dos, PIRES, Eutides Maria Moraes, Barros, Maria Lêda Ribeiro. A escola básica em Feira de Santana de 1950-1980. REUNIÃO REGIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 5., 1988, Maceió. Resumos... Maceió: SBPC, 1988c.

CONCLUSÃO

As minhas experiências formativas acadêmico-profissionais constitui-se como uma zona epistemológica que expressa minha singularidade de sujeito objetivo-subjetivo no movimento formativo do existir bio-psico-cognitivo-cultural.

Este memorial autobiográfico foi construído a partir de *associações livres* de episódios que constituem a memória do meu movimento de construção/(des)construção/(re)construção na trajetória acadêmico-profissional na constituição da minha identidade profissional como professora-bióloga. Ele traz contribuições para as discussões: sobre implicação estrutural-profissional ao localizar episódios profissionais que exigiram o meu posicionamento diante do circuito constituído pelo mosaico intersubjetivo - Educação/Formação de Professores/Profissão Docente/Cotidiano Escolar; sobre identidade profissional ao apresentar uma definição que enfatiza a expressão da singularidade do sujeito em seu movimento de construção/(des)construção/(re)construção profissional; sobre a relação história de vida/memória docente ao propiciar uma leitura da mescla objetividade-subjetividade tecida no seio da vida pessoal e da vida profissional; sobre formação inicial e continuada ao pontuar a singularidade do percurso epistemológico na constituição da identidade profissional; sobre identidade profissional como professora-bióloga ao buscar legitimar um *lugar mestiço* de escuta e aprendizagem no Ensino de Ciências e de Biologia e como formadora de professores-biólogos.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Mary. **Cromoterapia**. São Paulo: Hemus, 1983. 69 p.
- ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim G. (org.). **Multirreferencialidade nas ciências humanas e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 24-41.
- BARBIER, René. O conceito de “implicação” na pesquisa-ação em ciências humanas. In: _____. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 105-128.
- BRANCO, G. Castelo. Filosofia e Psicanálise. In: BRANCO, G. Castelo. **O olhar e o amor: a ontologia de Jacques Lacan**. Paulo de Frontin, RJ: Nau, 1995. 131 p.
- COULON, Alain. **Etnometodologia**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995a. 134 p.
- _____. **Etnometodologia e educação**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b. 134 p.
- DIAS, Elaine T. Dal Mas. Preconceito, estereótipo, estigma: chaves da exclusão? In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 5., 2002, Águas de Lindóia . **Anais...** São Paulo: ANPEd, 2002.
- DEFFUNE, Deisi; DEPRESBITERIS, Lea. **Competências, habilidades e currículos de educação profissional: crônicas e reflexões**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2002. 102 p.
- FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 208 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 199. 165 p.
- GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2005. 128 p.
- IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2005. 114 p.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.
- MACEDO, Roberto Sidnei. Formação: elucidação e conceito. In: _____. **Compreender e mediar a formação. Atos de currículo e formação em tessituras compreensivas**. [s. l.], 2008. No prelo.

SANTOS, Valdecí dos. **O discurso formativo do biólogo sobre a morte.** Matizes e metáforas do saber que o sujeito não deseja saber. 2008. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008a.

_____. O silêncio ruidoso sobre a morte nas experiências formativas na área da saúde. Contribuições para a construção da teia epistêmica de um objeto de estudo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 3., 2008, Natal. **Anais...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008b. 13 p.

_____. **A morte, um saber que o sujeito não deseja saber:** os mecanismos objetivos-subjetivos, fundamentados pelo não-dito da morte, utilizados pelo biólogo, para lidar com o duplo vida-morte. 2008. 196 f. Texto (Seminário Doutoral 2, apresentado em 16/maio/2008) - Programa de Pós-Graduação em Educação - (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008c.

_____. O olhar do outro na constituição da auto-imagem profissional: na trilha da profissionalidade. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA, 9., 2007, ENCONTRO REGIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 1., 2007, Senhor do Bonfim. **Resumos...** Senhor do Bonfim: Universidade do Estado da Bahia, 2007a.

_____. O duplo memória-esquecimento na lembrança da primeira experiência profissional como professora. In: SIMPÓSIO MEMÓRIA, (AUTO) BIOGRAFIA E DIVERSIDADE, 2007, Salvador. **Resumos...** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2007b.

_____. Etnoterapêutica, sistemas de crenças e memória cultural: o olhar multirreferencial da etnobiologia e dos estudos culturais. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE, 5., 2007, Ilhéus. **Resumos...** Ilhéus: Universidade de Santa Cruz, 2007c.

_____. Uma morte anunciada e iminente: a implicação do pesquisador com o objeto de estudo. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA, 8., 2007, Salvador. **Resumos...** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2007d.

_____. Etnobiologia, etnomatemática e etnometodologia: interfaces teóricas de etnométodos. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 18., 2007, Maceió. **Anais...** Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2007e. 1 CD-ROM. 14 p.

_____. Reflexões sobre o currículo de formação de professores de escolas famílias agrícolas. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 10., 2006, São Paulo; ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA (MT/MS/SP), 1., 2006, São Paulo. **Caderno de programas e resumos...** São Paulo: USP, 2006a. p. 137-138.

_____. Por uma identidade profissional como professora-bióloga. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2006b. 1 CD-ROM. 18 p.

_____. **A concepção do biólogo sobre a finitude da vida do *Homo sapiens sapiens*: a interface ciência-subjetividade.** 2006. 114 f. Texto (Seminário de Pesquisa 2, apresentado em 18/dez./2006) – Programa de Pós-Graduação em Educação - (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006c.

SANTOS, Valdecí dos. O movimento de construção/(des)construção/(re)construção de um objeto de estudo. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2006d. 24 p. 1 CD-ROM.

_____. Experiências metodológicas na formação de professores de biologia. In: MENEZES, Jaci; et al. (Orgs.). **Educação na Bahia: memória, registros, testemunhos.** Salvador: UNEB, 2005a. p. 403-418.

_____. Da relação com o saber. In: SEMANA DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA, 3., 2005, Serrinha. **Caderno de resumos, oficinas e textos...** Serrinha: Universidade do Estado da Bahia – Campus XI, 2005b. p. 10.

_____. Projetos de pesquisa em educação: um olhar sobre a formação do professor de Biologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 1., 2005, Rio de Janeiro; ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA DA REGIONAL RJ/ES, 3., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ / SBEnBio, 2005c. p. 446-449.

_____. **A concepção do biólogo sobre a morte.** 2005. 48 f. Texto (Seminário de Pesquisa 1, apresentado em 12/fev./2005) – Programa de Pós-Graduação em Educação - (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005d.

_____. **A concepção do biólogo sobre a morte: tramas subjetivas e formação científica.** 2005. 73 f. Texto (Seminário Doutoral 1, apresentado em 09/dez./2005) - Programa de Pós-Graduação em Educação - (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005e.

_____. O desejo em escolas famílias agrícolas. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRICULARES, 2., 2005, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2005f. 1 CD-ROM.

_____. A concepção do biólogo sobre a finitude da vida. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAHIA, 7., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2005g.

_____. A etnometodologia, a etnobiologia e a etnomatemática: aportes teóricos de pesquisas referendadas em etnométodos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 5., 2004, Chapada dos Guimarães, **Resumos...** Chapada dos Guimarães: Universidade Federal do Mato Grosso/Soc. Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2004a. 1 CD-ROM.

_____. Etnoconhecimentos biológicos na visão de alunos do ensino médio: etnoterapêutica. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 9.,

2004, São Paulo. **Coletânea...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004b.

_____. O perfil acadêmico do licenciando em Biologia na etapa conclusiva do curso: um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia (Etapa I). In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 9., 2004, São Paulo. **Coletânea...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004c.

_____. **A interface ciência/subjetividade na formação do/da professor/professora de biologia:** uma leitura do discurso docente sobre origem da vida e morte via os estudos culturais. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004d. 17 f. Texto do projeto de pesquisa submetido à Banca Examinadora do processo seletivo do Doutorado em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

_____. **A morte como objeto de reflexão da formação de biólogos:** uma leitura do discurso do sujeito sobre a finitude do *Homo sapiens sapiens* via os estudos culturais. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004e. 24 p. Texto do projeto de pesquisa apresentado à Linha de Pesquisa Estratégias de Pensamento e Produção do Conhecimento.

_____. **O papel dos sistemas de crenças na constituição do professor de Biologia no ensino médio:** auxílio ou empecilho? 2003. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003a.

_____. Seres vivos: conteúdos científicos que dizem da formação de professores e do cotidiano escolar no ensino fundamental. In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA DO NORDESTE, 1., 2003, Feira de Santana. **Anais...** Feira de Santana: UEFS/SBEnBio, 2003b. 1 CD-ROM.

_____. **Memorial. Movimento:** referencial que diz da constituição da identidade da professora. Alagoinhas: Universidade do Estado da Bahia, 2003c. 36 f. Memorial submetido à Banca Examinadora do processo para Progressão na Carreira, da classe de professora Auxiliar para a classe de professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia.

_____. Dialogando sobre os seres vivos no ensino fundamental. In: ENCONTRO "PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA", 7., 2000, São Paulo; SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DA INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY EDUCATION, 1., 2000, São Paulo. **Coletânea...** São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2000. p. 737-739.

_____. O licenciado em ciências biológicas e a etnobiologia: um olhar fenomenológico. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 6., 1999, São Paulo. **Resumos...** São Paulo: FEUSP, 1999.

_____. **O licenciado em ciências biológicas e a etnobiologia:** um olhar fenomenológico. Senhor do Bonfim: Universidade do Estado da Bahia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. 09 p. Projeto e pesquisa APROVADO no processo

seletivo do MESTRADO EM EDUCAÇÃO da Universidade do Estado da Bahia (Área Novas Tecnologias, Educação e Pesquisa, em ago./1998) e no processo seletivo do MESTRADO EM EDUCAÇÃO da Universidade de São Paulo (Área Ensino de Ciências e Matemática, em set./1998).

_____. A classificação dos seres vivos na concepção de professores das séries iniciais do município de Feira de Santana – BA. In: JORNADA UNIVERSITÁRIA DA UEFS, 12., 1997, Feira de Santana. **Programação e Anais...** Feira de Santana: UEFS, 1997. p. 58.

_____. Contribuição ao conhecimento da escorpiofauna da Bahia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 19., 1992, Belém; CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ZOOLOGIA, 12., 1992, Belém. **Resumos...** Belém: Sociedade Brasileira de Zoologia, 1992a. p. 93.

_____. Contribuição ao conhecimento da araneofauna da Bahia - 1. Resultados preliminares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 19, 1992, Belém; CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ZOOLOGIA, 12., 1992, Belém. **Resumos...** Belém: Sociedade Brasileira de Zoologia, 1992b. p. 93.

_____. Contribuição ao conhecimento da escorpiofauna da Bahia. In: JORNADA UNIVERSITÁRIA DA UEFS, 7., 1991, Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS, 1991a.

_____. Contribuição ao conhecimento da araneofauna da Bahia - 1. Resultados preliminares. In: JORNADA UNIVERSITÁRIA DA UEFS, 7., 1991, Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS, 1991b.

_____. Contribuição ao conhecimento das ordens Scorpiones e Araneae (Arthropoda, Arachnida) das microrregiões Feira de Santana e Recôncavo Baiano. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 18., 1991, Salvador. **Resumos...** Salvador: Sociedade Brasileira de Zoologia, 1991c. p. 72.

SANTOS, Valdecí dos. Estudo da biologia de *Latrodectus curacaviensis* em cativeiro. Relatório apresentado ao CNPq, em dez./1991, como relatório da evolução da minha pesquisa de Iniciação Científica “O estudo da biologia de *Latrodectus curaciensis* em cativeiro” desenvolvida no Laboratório de Animais Peçonhentos da Universidade Estadual de Feira de Santana. 1991d. Disponível em: <http://www.valdeci.bio.br/estudo_de_biologia_de_latrodectus_curacaviensis.php>

_____. Primeira contribuição ao inventário da fauna aracnológica do campus da Universidade Estadual de Feira de Santana. In: SEMINÁRIO INTERNO DE PESQUISA DA UEFS, 2., 1990, Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS, 1990a. p. 5.

_____. Estudo da biologia de *Latrodectus curacaviensis*. In: SEMINÁRIO INTERNO DE PESQUISA DA UEFS, 2., 1990, Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS, 1990b. p. 5.

SANTOS, Valdecí dos; ALMEIDA, M. C. A concepção do biólogo sobre a morte. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE NORDESTE, 17., 2005, Belém. **Resumos...** Belém: INEP/UFPA/ANPED, 2005. 1 CD-ROM.

SANTOS, Valdecí dos; MARQUES, J. G. W. Leitura fenomenológica de uma interação homem/animal em uma feira nordestina (Feira de Santana - BA). **Sitientibus**, v. 1, n. 2. Feira de Santana, 2001. p. 165-168. (Série Ciências Biológicas)

_____. Análise fenomenológica de um caso de interação homem/animal em uma feira nordestina (Feira de Santana - BA). In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 2., 1998, São Carlos. **Resumos...** São Carlos: UFSCar, 1998. p. 81.

SANTOS, Valdecí dos; MRECH, L. M. Sistemas de crenças: referenciais que dizem da necessidade da instauração da escuta no ensino de Biologia. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 5., 2002, Águas de Lindóia. **Anais...** São Paulo: ANPEd, 2002.

SANTOS, Valdecí dos; PIRES, Eutides Maria Moraes; BARROS, Maria Lêda Ribeiro. A escola básica em Feira de Santana de 1950-1980. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA DA UFBA, 8., 1988, Salvador. **Resumos...** Salvador: UFBA, 1988a. p. 178-179.

_____. _____. SEMINÁRIO INTERNO DE PESQUISA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 1., 1988, Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS, 1988b. p. 17

_____. _____. REUNIÃO REGIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 5., 1988, Maceió. **Resumos...** Maceió: SBPC, 1988c.

SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos. Conhecimento etnobiológico das plantas medicinais na escola: uma relação no processo ensino-aprendizagem/doença/cultura. In: SEMINÁRIO DO NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO DE PRÁTICA DE ENSINO DA UNEB, 1., 1998, Alagoinhas. **Resumos...** Alagoinhas: UNEB, 1998.

SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos; RAMOS, Lívia Daniela dos Santos. A interface Etnobiologia-Educação: etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais e sua orientação terapêutica. **Rev. Metáfora Educacional**, n. 1., 2005. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br>>. Acesso em: 12 ago. 2007.

SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos; SANTOS, Lívia Daniela dos. Plantas medicinais e orientação etnoterapêutica de indivíduos da terceira idade: uma contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 5., 1999, Belo Horizonte. **Resumos...** Belo Horizonte: UFMG, 1999a.

_____. Conhecimento etnobiológico das plantas medicinais na escola: uma relação no processo ensino-aprendizagem/doença/cultura. I. Doença/Planta. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 50., 1999, Blumenau. **Resumos...** Blumenau: Sociedade Botânica do Brasil, 1999b.

_____. Plantas medicinais e orientação etnoterapêutica de indivíduos da terceira idade: uma contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença. In: JORNADA PAULISTA DE PLANTAS MEDICINAIS, 4.,1999, Ribeirão Preto. Anais... Ribeirão Preto: Universidade de Ribeirão Preto,1999c.

SANTOS, Valdecí dos; SILVA, Rosália de Fátima e. O duplo vida-morte no currículo de formação do biólogo. COLÓQUIO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 7., 2006, Braga, Portugal; COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 3., 2006, Braga, Portugal. **Resumos...** Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2006a.

_____. A concepção do biólogo sobre a morte: tramas subjetivas e formação científica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TANATOLOGIA E BIOÉTICA, 4., 2006, São Luis. **Anais...** São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2006b.